

CRISTINA DOS SANTOS FERREIRA

**VIDEÁLOGOS NA ESCOLA:
UM ESTUDO DE TRÊS NARRATIVAS VIDEOGRÁFICAS
SOBRE O UNIVERSO ESCOLAR**

Belo Horizonte
Faculdade de Educação – UFMG

2003

CRISTINA DOS SANTOS FERREIRA

**VIDEÁLOGOS NA ESCOLA:
UM ESTUDO DE TRÊS NARRATIVAS VIDEOGRÁFICAS
SOBRE O UNIVERSO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof^a Dr^a Aparecida Paiva
Linha de Pesquisa: Espaços Educativos: Produção e Apropriação de Conhecimentos.

Belo Horizonte
Faculdade de Educação – UFMG
2003

Dissertação defendida em primeiro de dezembro de 2003.

Banca examinadora constituída pelas professoras:

Profa. Dra. Aparecida Paiva

Faculdade de Educação – FAE/UFMG - Orientadora

Profa. Dra. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas

Departamento de Comunicação Social – FAFICH/ UFMG

Profa. Dra. Isabel Cristina Alves da Silva Frade

Faculdade de Educação – FAE/UFMG

Profa. Dra. Araci Alves Martins Evangelista

Faculdade de Educação – FAE/UFMG

Belo Horizonte, 01 de Dezembro de 2003

**Para Regina, José, Ricardo, Ana
Paula, José Artur, Carla e Iuri.**

Agradecimentos

Especialmente a Gislene, Josimar e Jennifer, pelo empenho e cumplicidade.

A Cidinha, pela orientação e pelos diálogos acolhedores.

A Maria José, Gislaine, Daniela, Ana Lúcia e demais colegas da Pós-Graduação, pelas muitas interlocuções e pela amizade.

Aos amigos e colegas da Imagem Comunitária e do projeto Rede Jovem de Cidadania pelo apoio e pelas conversas essenciais.

Aos professores, alunos e gestores das Escolas Caminho a Luz, Coronel Vicente Torres Júnior e Israel Pinheiro pelo apoio à realização desta pesquisa.

Ao pessoal da secretaria da Pós-Graduação, pelo apoio e pelos auxílios fundamentais.

Ao CNPQ, pelo apoio à pesquisa.

Resumo

Este estudo discute o potencial interacional do vídeo e sua constituição como narrativa da modernidade sob a ótica de três adolescentes. Os jovens foram convidados a produzir narrativas videográficas sobre os espaços escolares a que tinham acesso, o de três escolas públicas da Região Leste de Belo Horizonte. O diálogo com autores, como Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin e com pesquisadores que investigam as interfaces dos campos da Comunicação e Educação foram os aportes teóricos escolhidos para perceber as interações criadas por esses adolescentes em suas escolas. A compreensão dessas interações possibilitou a concepção do conceito de videólogo, entendido como o enunciado ou os enunciados entre dois ou mais interlocutores a partir da mediação criada pela presença da câmera de vídeo. Da interpretação de cada uma das narrativas videográficas como construções particulares desses jovens, foram destacados os traços marcantes e discutidas as interações criadas com os professores, alunos e gestores e com o espaço escolar. Como contraponto, a análise das reações dessas comunidades escolares frente à produção das narrativas e a construção de videólogos possibilitou discutir e apontar perspectivas processuais para o uso vídeo em espaços escolares.

Résumé

L'étude discute le potentiel d'interactivité de la vidéo. Compte tenu des récits vidéo produits par trois adolescents, nous examinons aussi la construction de la vidéo en tant qu'une narrative de la modernité. Tout d'abord, ces jeunes ont été invités à produire des récits vidéo sur leurs respectives écoles, à savoir trois établissements officiels d'enseignement de la ville de Belo Horizonte. Ensuite, le travail présente les interactions créées par ces adolescents dans leurs écoles au fur et à mesure qu'ils produisent leurs enregistrements vidéo. Il vaut mieux préciser, ces récits vidéo sont, avant tout, des constructions particulières à chacun de ces jeunes. Ensuite encore, des notions développées par Mikhail Bakhtin et par Walter Benjamin, bien comme d'autres approches qui portent sur l'interface entre la Communication et l'Education nous aident à repérer le sens de ces interactions. Cette démarche nous amène à proposer la notion de "videálogo" (dialogue vidéo), considéré comme l'énoncé, ou comme les énoncés, entre deux ou plusieurs interlocuteurs à partir de la médiation créée par la présence de la caméra vidéo. Enfin, en revenant sur les mêmes récits vidéo, la notion de "videálogo" nous permet de mettre en relief leurs traces marquantes et elle nous permet aussi de discuter les interactions créées par les jeunes avec l'autrui (leurs enseignants, leurs camarades d'école et le principal de chaque établissement) et avec l'espace scolaire lui-même. D'autre part, l'analyse des réactions de ces communautés scolaires, devant la production des récits et la construction de "videálogos", ont rendu possible la discussion et l'indication de nouvelles perspectives d'utilisation de la vidéo dans des espaces scolaires.

Sumário

| | |
|--|---------|
| Introdução..... | 09 |
| Capítulo 1 - O vídeo e os adolescentes..... | 24 |
| 1.1 - O vídeo..... | 25 |
| 1.1.1 - O vídeo e seu potencial interacional..... | 27 |
| 1.1.2 - O vídeo como narrativa..... | 34 |
| 1.2 - Os adolescentes | 38 |
| Capítulo 2 - As Narrativas Videográficas..... | 44 |
| 2.1 - A narrativa de Gislene..... | 46 |
| 2.2 - A narrativa de Jennifer..... | 77 |
| 2.3 - A narrativa de Josimar..... | 96 |
| Capítulo 3 – Traços das narrativas videográficas..... | 107 |
| 3. 1 - Traços da narrativa de Gislene..... | 108 |
| 3. 2 - Traços da narrativa de Jennifer..... | 119 |
| 3. 3 - Traços da narrativa de Josimar..... | 124 |
| Capítulo 4 – Os três espaços escolares e a relação com o vídeo | 131 |
| 4.1 - O lugar e o uso do vídeo nas escolas..... | 132 |
| 4.2 - A presença da câmera e suas perspectivas de uso..... | 136 |
| 4.3 - A produção de videólogos..... | 143 |
| Outras perspectivas processuais para o vídeo na escola..... | 145 |
| Bibliografia..... | 153 |
| ANEXOS..... | 151-163 |

Introdução

Aprender o mundo através da linguagem audiovisual

A escolha do objeto de pesquisa partiu desta inquietação inicial: captar imagens visuais e sonoras com uma câmera e produzir narrativas videográficas. O interesse pela desmitificação do uso e pelo acesso à produção das tecnologias comunicacionais esteve sempre presente em minha trajetória profissional. Particpei de vários trabalhos que tinham como proposta pensar o uso expressivo das mídias eletrônicas, de forma especial, o vídeo. Usar o vídeo expressivamente é apropriar-se desse recurso comunicacional, para conhecer e compreender o cotidiano e o mundo a sua volta. Quem se dispõe a participar desse jogo pode começar pelo roteiro, depois, experimentar os enquadramentos e os movimentos de câmera. A “escrita” audiovisual vai se tornando conhecida à medida que os participantes assumem a direção do processo, colocam-se do outro lado da câmera e passam a escolher o que vai ser registrado na fita, por meio da gravação magnética.

Com essa perspectiva de uso do vídeo, um grupo de comunicadores passou a desenvolver o projeto TV Sala de Espera, na região Nordeste de Belo Horizonte. O projeto surgiu de uma parceria entre o Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG e a Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Durante três anos (1993 -1996), foram produzidos programas mensais de vídeo junto com os moradores dessa região. Participaram dessa experiência: alunos do curso de Comunicação Social da UFMG, equipe técnica do projeto e moradores dos bairros Paulo VI e Ribeiro de Abreu. Integrei a equipe técnica desse projeto a partir de 1994.

Os programas eram veiculados nas salas de espera de dois centros de saúde da região e seu processo de produção era inspirado na proposta de *acesso público à*

*mídia televisiva*¹ e nas experiências de *TV Comunitária*² realizadas no Brasil desde o início da década de 80. Esses programas abordavam temáticas como: iniciativas comunitárias, discussões sobre temas polêmicos da região, cobertura de eventos locais, *dicas* de alimentação alternativa e grupos culturais dos bairros Paulo VI e Ribeiro de Abreu. Para criação do formato dos programas eram desenvolvidas metodologias de apropriação comunitária do veículo, a partir da participação dos moradores da região em sua concepção, produção e recepção.

Essas experiências tomavam um sentido contrário ao panorama geral da comunicação de massa, caracterizado pela “cisão e distinção entre emissores (aparatos sócio-tecnológicos que constituem lugares sociais de emissão superpotencializada) e receptores (‘massas’), num processo de expropriação da fala do público receptor” (RUBIM, 1993, p. 3). Nas TVs Comunitárias, era proposto que os grupos envolvidos se apropriassem de instrumentos comunicacionais, democratizando, assim, os processos de emissão e possibilitando uma *(re)apropriação da fala* por esses públicos.

No ano 2000, acompanhei a realização do vídeo documentário “*Ande sempre gravando e olhando para frente porque uma parada pode ser fatal*”, no espaço do Centro Integrado de Apoio à Criança e ao Adolescente - Ciame, sediado no bairro Alto Vera Cruz. Esse documentário contou um pouco da história da instituição e dos movimentos culturais do bairro. Durante um ano, um grupo de adolescentes que

¹ **Acesso Público** - a proposta é que qualquer pessoa ou grupo organizado da sociedade civil possa ter acesso à produção de programas televisivos.

² **TVs Comunitárias** - projetos de vídeo que utilizam circuitos de exibição alternativos como: salas de espera, escolas e outras instituições. O conceito de comunidade utilizado é o de: grupo definido a partir de uma localidade comum (moradores de uma mesma região, com relação de vizinhança). Heterogênea, multifacetada, constituída necessariamente pela diversidade sociocultural, a comunidade é marcada por sentidos e forças em constante confronto. Ressaltamos que a definição aqui adotada opõe-se à de grupo homogêneo, que compartilha os mesmos ideais e significados.

morava nessa região, integrou a equipe de uma oficina de vídeo coordenada pela organização não-governamental Associação Imagem Comunitária³.

A participação nessa experiência e em outras anteriores, permitiu-me investigar a linguagem do vídeo como um processo, como descrito por Mejía, no texto “Um novo conceito de comunicação: o destinatário é o sujeito”, publicado na Revista Proposta: experiências de educação popular, em 1989, número dedicado ao *vídeo popular*⁴:

A inovação do vídeo em relação aos outros meios já existentes é que esse amplia o espectro das funções possíveis: o vídeo permite realizar tanto produtos acabados como processos (vídeo-produto e vídeo-processo). Os recortes discursivos no vídeo-processo não têm como prioridade serem acabados ou definitivos, são passíveis de múltiplas combinações (MEJÍA, 1989, p. 59).

Experiências de *vídeo-processo*⁵ vêm sendo desenvolvidas, principalmente, por grupos (associações comunitárias, organizações não-governamentais, sindicatos) ligados aos movimentos sociais no Brasil, ao longo dos últimos 20 anos. Percebemos que um número significativo dessas experiências tem trabalhado os usos de tecnologias e processos comunicacionais com crianças e adolescentes em idade escolar. Surgiram vários projetos⁶ como: a *Escola de Comunicação* da meninada do sertão do Cariri, no Ceará (Fundação Casa Grande); o *Canal Auçuba*, em Olinda, com os projetos da *Escola de Vídeo* e de *Comunicação e Educação*; e a Cipó – Comunicação Interativa, em Salvador, que criou o site *Escola com Sabor* na internet. Esses projetos são desenvolvidos, em sua maioria, por organizações não-

³ A Associação Imagem Comunitária foi criada, em 1997, pelo grupo que desenvolvia o projeto “TV Sala de Espera” com o intuito de dar continuidade ao trabalho desenvolvido.

⁴ **Vídeo Popular** - nome dado ao movimento criado por realizadores de vídeo ligados a sindicatos, ongs, associações comunitárias iniciado, em 1984, no Brasil, com a criação da Associação Brasileira de Vídeo Popular.

⁵ **Vídeo-processo**: “Propõe-se a um grupo que descubra a potencialidade expressiva do vídeo, ao longo do processo de feitura do mesmo” (LIMA, 2002).

⁶ Informações baseadas em consultas aos sites dessas entidades listados na bibliografia.

governamentais, que atuam na defesa dos direitos das crianças e adolescentes e em movimentos pela democratização da comunicação no país. Esses grupos percebem as tecnologias e processos comunicacionais (vídeo, rádio, jornal) em estreita relação com a educação. O público-alvo desses projetos é composto, em sua maioria, por crianças e adolescentes em idade escolar que moram em regiões periféricas dos grandes centros urbanos⁷.

A partir de levantamentos preliminares para a realização desta pesquisa, constatei que muitas dessas experiências de uso expressivo dos meios de comunicação foram desenvolvidas no espaço da escola ou tiveram relação com ela. Entidades como o *Auçuba*, em Pernambuco, e a *Cipó - Comunicação Interativa*, na Bahia, promovem atividades de capacitação de professores, para o uso dos meios, e oficinas com grupos de adolescentes. Já o *Grupo Fuzuê*⁸, da Baixada Fluminense, atua em escolas locais realizando oficinas de formação audiovisual para jovens. Os cursos, normalmente, ocorrem no ambiente escolar e, de acordo com Luciana Miranda (2000) que produziu uma pesquisa sobre o grupo, a escola aparece como tema recorrente nas conversas e entrevistas realizadas com os participantes.

Em Belo Horizonte, a equipe do projeto TV Sala de Espera promoveu várias oficinas de educação midiática⁹, na Escola Municipal Maria Mazarello¹⁰, no ano de 1996. As atividades aconteceram tanto com um projeto de oficinas extraclasse quanto dentro da sala de aula, nos horários da disciplina de História. Durante essa

⁷ Cf. sites: <http://www.cipo.org.br> e <http://www.aucuba.org.br>.

⁸ O **Grupo Fuzuê** é formado por três adolescentes, com idades entre 17 e 19 anos. Eles são responsáveis pela capacitação de jovens, entre 12 e 21 anos, na produção de vídeos através de cursos de três a seis meses de duração. O Fuzuê é parte integrante da ONG Centro de Criação da Imagem Popular no Rio de Janeiro.

⁹ **Educação Midiática** – experiências realizadas com vídeo e tv na escola, nas quais a comunidade escolar se apropria desses recursos comunicacionais.

¹⁰ As informações sobre essa experiência constam no relatório produzido pela equipe executora ao final do processo (LIMA, 1996b).

atividade aconteceu a situação abaixo, descrita no relatório produzido pelos estagiários do Curso de Comunicação Social da UFMG:

Os alunos criaram uma cena e a partir dela simulou-se o cenário, o figurino, os atores. O diretor ensaiou a direção das câmeras. Eram cinco câmeras - ou seja, cinco meninos com seus quadradinhos de papel -, que foram posicionadas e orientadas pelo diretor. É importante relatar que nesta atividade foi enorme a participação de todos - os câmeras, atores, diretor e espectadores. A cena foi "gravada" pelas cinco câmeras, com direito a "luz, câmera, ação!". A dinâmica mostrou-se extremamente proveitosa - tanto do ponto de vista da assimilação dos conceitos quanto do aumento do entrosamento e diálogo entre a equipe, alunos e professor (LIMA, 1996a, p. 12).

A situação produzida em sala de aula, na Escola Municipal Maria Mazarello, mostra-nos um exemplo de apropriação da linguagem audiovisual pelo grupo de alunos junto com o professor de História. Como descrito nesse mesmo relatório (LIMA, 1996a), após o exercício com molduras de papel, os alunos gravaram, com uma câmera de vídeo, um trabalho escolar sobre o "Descobrimento do Brasil".

Para definir os sujeitos da pesquisa, parti de um pressuposto básico: selecionar um grupo de jovens que já tivesse experienciado a produção de uma narração audiovisual fora do espaço escolar formal. Esse critério foi considerado porque o contato com a prática de produção de um vídeo produz um certo fascínio inicial no ser humano. É preciso conhecer os elementos da linguagem audiovisual e esgotar o deslumbramento inicial com a câmera para, depois, instrumentalizar a utilização desse equipamento com uma finalidade expressiva. Os jovens convidados, que já teriam realizado uma produção audiovisual e, portanto, superado esse impacto inicial, fariam *um movimento em direção à escola* utilizando essa linguagem.

O contexto da pesquisa passou a ser o das "leituras" do universo escolar por quatro adolescentes. Cada um deles foi convidado a produzir, em sua escola, uma narrativa audiovisual, utilizando como suporte técnico, a câmera e registrando numa fita de vídeo.

Os quatro adolescentes, com idades entre 12 e 15 anos, estavam matriculados em escolas diferentes: Escola Municipal Israel Pinheiro, Escola Municipal Alcida Torres, Escola Estadual Caminho a Luz e Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, todas situadas na Região Leste de Belo Horizonte¹¹, onde eles residem.

A pesquisa teria, como amostragem, duas escolas estaduais e duas escolas municipais. Entretanto, no início da coleta de dados, esse universo foi reduzido. Dos quatro adolescentes inicialmente convidados, três meninas e um menino, passei a contar com três participantes¹². Uma das meninas, Bárbara, aluna da Escola Municipal Alcida Torres, desistiu de participar da pesquisa alegando desinteresse pelo trabalho. No mesmo período, a menina não esteve presente nas atividades do Ciame e faltou a suas atividades escolares por vários dias, como informado pela direção da escola¹³.

A inserção nos três campos pesquisados se deu, através da produção videográfica de cada um dos sujeitos narradores. O instrumental de pesquisa utilizado, a câmera de vídeo com a fita, foi entregue aos adolescentes nos momentos de entrada no universo escolar. Foi combinado com os sujeitos narradores que a gravação seria conduzida por eles. Dessa forma, estive presente como observadora participante¹⁴ nos três campos.

¹¹ Cf. mapa da região anexo.

¹² Nessa fase, fiz uma consulta a outros adolescentes que haviam participado da oficina de vídeo do Ciame, mas nenhum se dispôs a participar. Tiago (13 anos), também aluno da Escola Municipal Israel Pinheiro, chegou a se interessar pela proposta, mas desistiu, dizendo que realizar tal experiência diante de seus colegas de escola deixá-lo-ia intimidado.

¹³ Fiz contato formal com a direção da escola para apresentar a proposta da pesquisa. Quando Bárbara desistiu, também comuniquei sua decisão à escola.

¹⁴ "Observação participante", técnica apropriada para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa. O observador participante deve aprender sua pessoa como "o principal e mais confiável instrumento de observação, seleção, coordenação e interpretação" (SANDAY *apud* MAZZOTTI e GEWANDSNAJDER, 1998, p.167).

Apresentei-me como pesquisadora aos atores envolvidos em cada escola, quando comuniquei¹⁵ que estava investigando a intervenção com o vídeo realizada pelos sujeitos da pesquisa, Gislene, Jennifer e Josimar, em suas escolas.

O tempo de material gravado (tempo de fita disponível) não foi previamente definido. A demarcação temporal acertada com os três jovens, para efeito da pesquisa, foi de uma semana para realização de cada trabalho. Gravamos em cinco dias de aula em cada escola e tentamos englobar todos os dias de uma semana regular (segunda, terça, quarta, quinta e sexta). Os três narradores convidados estudavam em escolas distintas, portanto, essa foi a forma encontrada para delimitar a inserção nos campos.

A primeira narrativa foi produzida por Gislene. Eu a acompanhei durante todo o processo e me apresentei aos colegas como uma *assistente de câmera*. A gravação aconteceu durante uma mesma semana nos cinco dias de aula no turno noturno.

A segunda narrativa foi produzida por Jennifer. Eu também a acompanhei nas gravações. Coube a ela fazer o pedido ao professor de cada disciplina para a nossa entrada nas salas de aula. Eu escolhia um local para me instalar e observar durante todo o tempo em que a gravação acontecia. No horário das aulas em que ela não estava gravando, eu ficava no pátio da escola aguardando sua chamada para recomeçar. Escolhemos cada um dos dias da semana para gravar, porém em semanas diferentes, no turno vespertino.

A terceira narrativa foi produzida por Josimar. Minha opção, nessa fase da coleta de dados, foi diferente das duas anteriores. Decidi entregar a ele a câmera, e não estar presente em sala de aula durante as gravações. Tal postura foi adotada

¹⁵ Uma declaração de apresentação da pesquisa foi entregue à direção das escolas. Conferir cópia nos anexos.

porque percebi que poderia intimidá-lo, uma vez que, dos três adolescentes, ele era o mais tímido. No entanto, posteriormente, constatei que a presença física do pesquisador em sala de aula chamou mais a atenção dos professores para o trabalho que estava sendo realizado pelos alunos. Nessa escola, as gravações foram realizadas no turno matutino em semanas diferentes: terça, quinta e sexta-feira na primeira semana; segunda e quinta-feira na semana seguinte.

A partir do material videográfico produzido pelos três sujeitos, optei por um recorte analítico baseado nos seguintes critérios:

- A escolha dos tempos e espaços de interlocução criados entre alunos e professores - em que momentos ocorreu maior ou menor interação entre professores, alunos e funcionários e desses com os espaços escolares, proporcionada pela presença do equipamento de gravação.

- Como se deram as interações mediadas pela presença da câmera na escola ?
Através do material gravado e das observações feitas **em campo, detectamos** outras interlocuções entre os atores envolvidos sem que estas tenham sido registradas pela câmera.

- Como as escolas e seus professores, gestores e funcionários reagiram à produção das narrativas videográficas?

Como estratégia metodológica complementar utilizei a entrevista semi-estruturada¹⁶. Três integrantes de cada universo de pesquisa, um gestor, um professor e um aluno de cada uma das três escolas, foram entrevistados em momentos posteriores à produção das narrativas videográficas.

¹⁶ Cf. roteiro das entrevistas anexo.

A forma de realização da pesquisa, com um aluno gravando um vídeo sobre sua escola, foi comunicada previamente aos gestores, professores e alunos das mesmas. Isso me levou a refletir sobre o risco de o trabalho assumir uma postura “vigilante”, como a das câmeras que vemos posicionadas em vários espaços públicos da sociedade contemporânea. Adentrar a escola com uma câmera e disponibilizá-la para os alunos poderia ser interpretado como um método de pesquisa invasivo? Apesar do risco, escolhi esse caminho para a investigação, mas dependia de autorização para ser efetivada. Procurei a direção de cada escola e solicitei a entrada com a câmera. A proposta da pesquisa foi explicitada e aprovada pelas escolas. Além disso, sempre que fui solicitada pelos atores envolvidos a prestar esclarecimentos sobre a intenção das gravações realizadas, eu o fiz. Explicava que estava realizando uma pesquisa acadêmica e que pretendia investigar as relações proporcionadas pela introdução da linguagem videográfica, através de uma narrativa produzida pelo aluno convidado a participar do processo. Informava, também, que o(a) aluno(a) convidado(a) a narrar-nos sua escola foi escolhido(a) porque já havia experimentado produzir uma outra narrativa videográfica, no Ciame.

Constatei que, em alguns momentos, a dimensão da pesquisa tornou-se visível na própria narração, como tema da interlocução entre alunos e professores da escola. Durante a gravação, Gislene se refere ao “projeto” que está desenvolvendo na escola e faz uma pergunta a Bruno, seu professor de Geografia, e obtém a seguinte resposta:

Participar desse projeto aqui, você tinha até me falado aquele dia, né? Assim ficou uma coisa meio no ar, né? Não é que você me deixou vazio, assim perdidão, não. Mas ela me explicou assim o propósito final, e eu acho muito válido a gente tá dando uma contribuição assim, (...) a gente poder tá dando aquela contribuição, para aquelas pessoas que tão tentando contribuir de uma forma ou de outra com o campo educacional, né? Eu acho válido! Eu achei bom participar ! (Bruno, 13/09/2002).

O professor acima citado deixa claro, em seu depoimento, que percebe a pesquisa como uma contribuição para o campo educacional e que, portanto considera válida sua contribuição. Em outro momento, a narradora Gislene pergunta a seu professor de História o que ele acha de estar sendo filmado e ele lhe responde:

Eu achei, (...) tô achando interessantíssimo. (...) muito bom, tá certo ! Vocês, que já têm a retaguarda de uma pessoa que está fazendo Mestrado, ela, mais do que eu, pode passar o que realmente significa um Mestrado na vida de uma pessoa, tá certo (João, 13/09/2002).

Marília Amorim aponta que é em torno da questão da alteridade que se organiza a produção de conhecimentos em nossa sociedade. “Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um outro, que não busque um interlocutor”. (AMORIM, 2001, p.16).

Os três adolescentes, sujeitos narradores, não só participaram da pesquisa, como assumiram uma cumplicidade com a mesma. Eles foram informados sobre o processo e os objetivos e concordaram em atuar como narradores nesta investigação sobre suas escolas. Ao narrar e perceber a dimensão de uma pesquisa que estava sendo produzida, os adolescentes atuaram como colaboradores da pesquisa.

Este trabalho se presta ao desafio de conjugar e estabelecer um equilíbrio entre os três aspectos que podem caracterizar a pesquisa nas Ciências Humanas, apontados por Marília Amorim, e que podem aparecer juntos ou não em uma mesma pesquisa. São eles:

- a ênfase é posta no campo, na ação e há um menosprezo mais ou menos explícito em relação à teoria e ao conceito;
- a ênfase é posta na proximidade com o outro, na identificação, na empatia e na naturalidade do encontro;
- a ênfase é posta na experiência do pesquisador, sua vivência, sua pessoa (AMORIM, 2001, p.17).

Pretendemos considerar a importância do campo da pesquisa, sem menosprezar a teoria e o conceito. Para dar conta da questão alteritária na pesquisa, a teoria e o conceito desempenham um papel fundamental, pois permitem que o texto seja objectável em sua pretensão universalizante (AMORIM, 2001).

O “encontro” entre o pesquisador e seu outro (objeto pesquisado) deve acontecer naturalmente sem que essa proximidade seja a principal enfatizada na pesquisa. Há que se considerar, ainda, a “experiência” do pesquisador com relação ao campo em questão, sem permitir que essa se sobressaia à análise do material coletado (AMORIM, 2001).

De que *outro(s)* tratamos nesta pesquisa? O convite feito aos três adolescentes para produzirem um vídeo sobre suas escolas os coloca na condição de “outros” para a pesquisa, uma vez que o material gravado por eles é o objeto analisado. Mas, assumindo a condição de *sujeitos narradores*, os três têm como “outros” os gestores, professores, alunos, funcionários e a própria escola, enquanto instituição.

Como veremos no Capítulo 4, tornam-se “outros”, na perspectiva da pesquisa, os gestores, os professores e os alunos entrevistados. Tal instrumento metodológico, a entrevista, funcionou como “pretexto” para entender melhor como a comunidade escolar lida com esse tipo de uso da linguagem do vídeo. Procurei investigar como a intervenção videográfica na escola foi percebida pelos mesmos.

A escolha dos referenciais teóricos colocou-me uma “dificuldade” de percurso: situar-me numa *zona de fronteira* (termo meu) entre dois campos, o da Comunicação e o da Educação. A vivência do primeiro campo me acompanha desde a formação universitária, no curso de Comunicação Social com habilitação em Radialismo. A do

segundo, o campo da Educação, deu-se através da prática profissional e foi essa mesma prática que me encaminhou à atividade de pesquisa.

Faço uso aqui das palavras de Tomaz Tadeu da Silva (2003, p.16) para referir-me a escolha dos referenciais teóricos: “Uma teoria define-se pelos conceitos que utiliza para conceber a *realidade*. Os conceitos de uma teoria dirigem nossa atenção para certas coisas que não *veríamos*”. Escolhi, portanto, referenciais que me possibilitassem uma melhor apreensão e compreensão da interdisciplinaridade deste estudo.

Ao tratar das teorias do currículo, o autor aponta-nos um caminho para pensar nas perspectivas, ou melhor, nos paradigmas da pesquisa em Educação atualmente. Utilizando-me da categorização estabelecida por Tomaz Tadeu, no campo da educação, este estudo segue a linha teórica dos estudos pós-críticos, uma vez que “percebe a realidade” estudada a partir de conceitos como alteridade, diferença, subjetividade e discurso. Porém, reporto-me, também, a alguns conceitos pautados pelas teorias críticas para problematizar as relações sociais entre professores e alunos.

Por outro ângulo, o da Comunicação baseio-me numa forma de pensar a comunicação como:

um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos (FRANÇA, 2001,¹⁷).

Remeto-me ao texto: *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?*. Nesse texto, a pesquisadora Vera França trata do “objeto da comunicação” e resgata a

¹⁷ Documento eletrônico sem numeração de página.

insuficiência do paradigma comunicacional clássico (emissor/receptor), destacando outros elementos para se pensar esse objeto como um processo de troca, de interação no qual os sujeitos sociais envolvidos são vistos como interlocutores e não como simples emissores e receptores. A autora destaca, ainda, a necessidade de identificação dos discursos e do contexto dos sujeitos envolvidos.

A escolha do tema proposto na pesquisa pretende ser reflexiva com relação à prática profissional que tenho desenvolvido a alguns anos. Como pesquisadora, procurei respeitar e adotar o distanciamento necessário que o recorte do objeto exige para visualização de outras perspectivas a partir da análise do material empírico coletado (AMORIM, 2001).

Circunscrita aos universos escolares dos adolescentes que participaram da pesquisa, procurei perceber como as relações entre professores e alunos acontecem e como esses se relacionam com os conteúdos escolarizados e com o próprio espaço escolar, a partir da inserção do uso expressivo do vídeo na escola na perspectiva dos três alunos – os sujeitos narradores.

As questões apresentadas nesta introdução serão abordadas nos quatro capítulos que compõem esta dissertação:

- O primeiro capítulo apresenta o vídeo como uma narrativa do mundo moderno, seu potencial interacional e como essa linguagem vem sendo apropriada pelos adolescentes na sociedade atual.
- O segundo capítulo tem como eixo central as narrativas videográficas. É feita uma apresentação das três narrativas e a análise de como os alunos se apropriaram delas para *atuar* na escola em que estudam.

- O terceiro capítulo destaca os principais traços de cada uma das narrativas analisando as relações entre professores, alunos e gestores mediadas pela presença da câmera de vídeo e pela produção de narrativas videográficas.
- O quarto capítulo apresenta, a partir análise das entrevistas semi-estruturadas realizadas, como as escolas pesquisadas se relacionam com a tecnologia e com a linguagem do vídeo.
- Na conclusão desta pesquisa, são apresentadas perspectivas processuais para o vídeo na escola, resultantes das reflexões sobre a produção das três narrativas videográficas e da construção de videólogos.

Aqui começa nosso percurso...

Capítulo 1

O vídeo e os adolescentes

1.1 O vídeo

Vivemos na era do audiovisual. Assistir diariamente às notícias pela TV e comentá-las tornou-se hábito cotidiano. Quando vamos a lugares novos ou queremos guardar momentos importantes de nossas vidas, fotografamos. O rádio costuma nos fazer companhia a caminho do trabalho ou nas horas de lazer. As *paisagens da mídia* se tornam, cada vez mais, paisagens de nosso mundo.

Italo Calvino questiona sobre que futuro estará reservado ao poder de evocar imagens, à imaginação individual, nessa que se convencionou chamar “civilização da imagem”. Segundo ele,

Antigamente a memória visiva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje somos bombardeados por tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos a poucos segundos na televisão (CALVINO, 1994, p. 107).

No mundo atual, para além do bombardeamento de imagens e sons a que estamos expostos, a invenção da fotografia, do cinema, do rádio e da televisão nos possibilitou, também, registrar imagens e sons de diferentes formas. Câmeras fotográficas e de vídeo, tvs, gravadores, cds, disquetes são objetos que fazem parte de nosso repertório diário. Os diversos usos que fazemos desse aparato nos permitem nomear nossa sociedade de especular. Como afirma Machado,

fazemos proliferar duplos de nós mesmos, multiplicamos ao infinito as imagens e os sons dos fenômenos e, em seguida, atribuímos a esses duplos o *estatuto de realidade*. A vida humana (...) é cada vez mais uma vida vicária, uma vida delegada às imagens que povoam os chamados meios de codificação audiovisual (MACHADO, 1993b, p.238).

Ao sabor do ritual e do espetáculo, essa é a forma como nos relacionamos com os aparelhos de enunciação visual, segundo Machado (1993b). Os *atos* se

transformam em *acontecimentos* quando ganham *visibilidade* na mídia. Essa centralidade da mídia, em nossa sociedade, foi construída ao longo de décadas. Vejamos um pouco desse percurso.

A televisão chegou às casas brasileiras, a cerca de 50 anos, e tornou-se conhecida do público, transmitida ao vivo. Esse meio de comunicação surgiu, na cena moderna, pautado pelo ensaio e pelo improviso tomados emprestados do teatro. Não havia forma de armazenar as imagens produzidas, portanto, as cenas iam ao ar da forma e no momento em que eram produzidas para as câmeras. Os atores contratados pelas emissoras migraram de outros meios, principalmente, do teatro e do rádio. As grandes dimensões e o peso dos primeiros equipamentos restringiam o espaço das produções aos estúdios fechados.

Na final da década de 60 do século passado, alguns anos após o início da difusão da TV, surgiu o videoteipe¹⁸. Essa invenção tecnológica provocou uma ruptura no universo das imagens técnicas. Tornou-se possível registrar e guardar imagens e sons em fitas magnéticas o que, até essa época, só era possível de ser feito em película (filme cinematográfico). Com o tempo, os equipamentos foram diminuindo de tamanho e foi inventado o primeiro equipamento de vídeo portátil¹⁹. A “facilidade” com que, atualmente, podemos ver uma imagem gravada em vídeo, alguns instantes após ter sido produzido o registro da mesma, torna a mediação técnica, que se processa nesse ato, quase que despercebida para nós.

¹⁸ O termo vídeo, tecnicamente falando, é usado para designar um tipo de registro magnético em um suporte sensível, ou seja, as fitas de vídeo que hoje habitualmente manipulamos. Um outro suporte técnico, a câmera de vídeo, é utilizada para realizar tal registro. O que fica gravado na fita de vídeo, quando operamos a câmera, pode ser visto num aparelho de tv se reproduzirmos a fita num aparelho de videocassete.

¹⁹ O primeiro equipamento de videoteipe tornou-se disponível ao público consumidor em 1968, lançado pela Sony (MATUCK, 1995).

1. 1. 1 O vídeo e seu potencial interacional

O artista Nam June Paik foi um dos primeiros realizadores a experimentar o videoteipe como uma forma de expressão, criando obras videográficas. A acessibilidade técnica do meio permitiu-lhe pensar funções e finalidades para essa mídia em seus trabalhos.

Para o realizador Germano Celant, foi a “maleabilidade linguística” a principal característica que levou os artistas a se identificarem com as máquinas eletrônicas de fazer imagens. Segundo ele, o veículo

pode realmente servir para prolongar, tanto no espaço como no tempo, a conduta comportamental e corporal, pode ser considerado como objeto escultura (a caixa do televisor), está disponível para a documentação de todas as manifestações territoriais e gestuais (CELANT *apud* MATUCK, 1995, p. 131).

Outro videoartista, Paul Ryan, recusava-se a associar diretamente o videoteipe com a TV. No catálogo de sua exposição, em 1970, dizia que “*VT is not TV*” (*VT não é TV*).

Videoteipe é a TV virada para si mesma. Televisão, como a raiz da palavra indica, tem a ver com transmissão a distância. Videoteipe tem a ver com a reversão da informação. A exibição instantânea proporciona um ‘feedback’ ao vivo que cria uma topologia da consciência (...) (RYAN *apud* MATUCK, 1995, p. 133).

A criação do videoteipe proporcionou um acesso diferenciado à televisão que passou a ser “vista” de outra maneira. O vídeo foi considerado um espaço para “expressão de novas atitudes e veiculação de idéias contestatórias em circuitos paralelos” (MATUCK, 1995, p. 127).

Novos conceitos surgiram na cena teórica. René Berger criou o conceito de *microtelevisão* para definir um dos campos da experiência televisual. Para o autor, a *microtelevisão* é a

tevé dos pequenos grupos qualitativos, reunidos por interesses comuns e que utilizam equipamentos portáteis de vídeo para produzir e difundir em circuito fechado. (...) os equipamentos leves e baratos podem gerar profundas modificações na estrutura da comunicação eletrônica, pois praticamente colocam a possibilidade de produzir e mostrar programas (...) nas mãos de uma quantidade maior de pessoas (...) (BERGER *apud* MACHADO, 1988, p. 39).

A possibilidades criadas pela difusão dos equipamentos portáteis permitiram pensar outros usos para a tecnologia videográfica, lançando-a num outro rumo. O vídeo pode ser instrumento para autonomia, um meio ou mediação para auto-referência, uma forma de organizar nossa expressão e de proporcionar autoconhecimento, conforme Silva (2000).

Falar de vídeo, para Machado, significa enfrentar “os desafios e as resistências de um objeto híbrido, fundamentalmente impuro, de identidades múltiplas, que tende a se dissolver camaleonicamente em outros objetos ou a incorporar seus modos de constituição” (MACHADO, 1993b , p. 46).

No entanto, o videoteipe tem sido usado não só como uma forma de democratizar o acesso à informação e repensar a comunicação audiovisual. Essa máquina de enunciação tem servido, também, para vigiar. Espalhadas pelos condomínios residenciais, lojas, bancos, aeroportos, as câmeras estão a todo tempo ligadas e captam tudo que passa a sua volta. Nesse sentido, Arlindo Machado recorre a Foucault e compara os processos de vigilância a que estamos submetidos ao panóptico de Betham²⁰. De acordo com ele,

²⁰ Panóptico de Betham, sistema criado pelo jurista britânico Jeremy Betham, é um projeto de prisão modelar em que os prisioneiros ficariam em celas individuais dispostas em círculo ao redor de uma torre central na qual ficaria instalado o vigia.

tal como o panóptico de Betham, os dispositivos eletrônicos de vigilância generalizam para toda a sociedade métodos de coerção nascidos no interior dos presídios ou antes utilizados apenas localizadamente, na investigação ou repressão policial. Com a expansão do modelo observatório central, a vigilância eletrônica se transforma também num sistema de disciplinamento, já que, na prática, é inviável exercer uma vigilância sobre as instituições sociais, dada a magnitude estatística dos observados (MACHADO, 1993b, p. 224).

Porém, em nossa sociedade, a vigilância das câmeras se transforma também em espetáculo. As câmeras já não ficam escondidas, como quando começaram a ser usadas pelas instituições. Elas estão à mostra e se oferecem como vitrine para que o olho público assuma, ele mesmo, a tarefa de vigiar. Elas estão à mostra e se oferecem como vitrine para que o olho público assuma, ele mesmo, a tarefa de vigiar: *Sorria, você está sendo filmado !* O gênero *Big Brother* pode ser tomado como exemplo da vigilância travestida de espetáculo para a mídia. Na condição de observados, os participantes dessa série televisiva tornam-se espetáculos de grande audiência para a mídia TV.

No Brasil, um movimento de proliferação de câmeras portáteis de vídeo foi iniciado na década de 80. Ele foi protagonizado pelos movimentos sociais que começaram a perceber as possibilidades de registro de suas ações reivindicatórias, no cenário político da época, como nos conta Santoro,

O vídeo começa a participar dos movimentos populares suprindo um vazio que estabeleceu-se em sua documentação no aspecto som e imagem, diante do alto custo do material cinematográfico e da inexistência até o momento, de uma televisão que tenha um projeto democrático de participação, que dê vez e voz aos movimentos populares (SANTORO, 1996, p. 167).

A difusão dos equipamentos tornou-se possível, principalmente, pelo crescente barateamento dos mesmos. No entanto, fazer uso da tecnologia do vídeo apenas para um simples registro, era subutilizá-la. Daniel Brazil, em 1992, já afirmava que os quilômetros de fitas gravadas, guardados nas prateleiras das

instituições (sindicatos, escolas, associações e empresas), virariam “lixo eletrônico” devido ao caráter efêmero de sua duração²¹.

O movimento de vídeo popular, como foi chamado no Brasil, passou a descobrir as potencialidades do vídeo ao criar TVs Comunitárias e TVs de Rua²². A dificuldade, imposta pelo monopólio do sistema de comunicação no Brasil, de “colocar no ar” suas produções foi, de certa forma, profícua para a busca de alternativas por esse movimento. As câmeras foram para as praças públicas e a experimentação começou. A TV Viva, em Olinda, Pernambuco, foi uma das primeiras tentativas de ocupar o espaço da rua com a TV, ou com o videoteipe, melhor dizendo. Nessas tentativas, surgiu o *videomóvel*. O grupo possuía uma Kombi, com um telão (projektor de videoteipe) acoplado, que circulava pelos bairros da cidade exibindo vídeos sobre temáticas diversas. Depois da exibição, um animador, o repórter Brivaldo, conversava com as pessoas sobre o tema apresentado no vídeo. Sua imagem e a do vídeo-espectador eram transmitidas no telão para todos os presentes na praça. Essa experiência passou a ser nomeada como “câmera aberta”. O cabo que saía da câmera seguia direto para o videocassete/projetor que transmitia “ao vivo” o diálogo. A “câmera aberta” foi uma reinvenção, uma apropriação da idéia de “TV ao vivo” possibilitada pela tecnologia do videoteipe.

Muitas outras experiências criativas de apropriação do videoteipe proliferaram a partir de então, como a TV Maxambomba, na Baixada Fluminense, e a TV Sala de Espera, em Belo Horizonte. A idéia principal dessas experiências passou a ser a de

²¹A fita VHS (video home system) pode ser reproduzida cerca de 500 vezes em aparelhos de videocassete e dura, em média, 10 anos se conservada corretamente, em condições de temperatura ideais e sem contato com umidade (Cf. MOTTA, 1990).

²² TV de Rua são projetos de vídeo que utilizam como circuito de exibição, via telão ou videocassete, o espaço de ruas e praças das cidades.

pensar no vídeo não só como um “produto” acabado, mas, também, como um *processo ou vídeo-processo*. O vídeo não acabava no ato de exibição dele mesmo, mas se completava a cada intervenção ocorrida no contato com os públicos que assistiam a ele. A “câmera aberta” é uma forma de vídeo-processo.

A criação do registro eletromagnético em fitas, ou seja, a gravação eletrônica, proporcionou inúmeras formas de ver e produzir imagens e sons. Repensar o uso dessa tecnologia é um desafio tanto para o campo da Comunicação quanto para o da Educação em nossa sociedade.

Martin Barbero aponta uma tendência aos usos instrumentais da tecnologia na sociedade atual e nos leva a refletir sobre outras possibilidades, ao afirmar que os meios de comunicação:

constituem hoje espaços-chave de condensação e interseção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alerta contra o *pensamento único* que legitima a idéia de que a tecnologia é hoje ‘o grande mediador’ entre as pessoas e o mundo [...] A luta contra o *pensamento único* acha assim um lugar estratégico [...] nas transformações que atravessam os *mediadores socioculturais*, tanto em suas figuras institucionais e tradicionais – a escola, a família, a igreja, o bairro - , como no surgimento de novos atores e movimentos sociais ou de gênero, que introduzem novos sentidos do social e novos *usos sociais* dos meios. Sentidos e usos que, em seus tateios e tensões, remetem por um lado à dificuldade de superar a concepção e as práticas puramente instrumentais para assumir o desafio político, técnico e expressivo, que supõe o reconhecimento na *prática* da complexidade cultural que hoje contêm os processos e os meios de comunicação. Porém, por outro lado remetem também à lenta formação de novas esferas do público e às novas formas de imaginação e de criatividade social (BARBERO, 2001, p. 21).

Nesse desafio de refletir sobre os novos usos sociais para os meios de comunicação, as práticas de uso e produção do vídeo permitem o exercício da criatividade. Como afirma Berger,

a questão fundamental para o vídeo não é apenas fornecer um novo conteúdo às idéias de educação e de democratização, mas também colocar em prática a criatividade através da qual a cultura deixa de ser algo que se recebe, para se tornar uma atividade da qual todos participam e na qual todos criam (BERGER *apud* MACHADO, 1988).

Enquanto meio de comunicação, o vídeo viabiliza uma variedade de produtos e processos (informação, trocas de mensagens, entretenimento e criação estética) utilizando diferentes substâncias expressivas (som, imagem em movimento e expressão oral) (BRAGA; CALAZANS, 2001).

Neste trabalho, interessa-nos discutir formas de uso do vídeo que apontam para uma comunicação social, não como relação bipolar entre mídia e usuários. Devemos “observar a ocorrência de interações sociais gerais da própria sociedade, – isto é, entre setores da sociedade e entre pessoas – através dos meios de comunicação” (*Ibidem*, p. 23).

Começamos a perceber o vídeo sob a perspectiva teórica da interacionalidade. Para um melhor entendimento dessa perspectiva vamos partir dos conceitos de interação propostos pelos autores acima citados. As interações conversacionais são aquelas face a face, ou seja, a conversa, propriamente dita, entre duas ou mais pessoas. Já as interações mediadas de tipo dialógico são aquelas que se processam entre dois ou mais interlocutores mediadas por um meio. Os telefonemas e os “chats são exemplos desse tipo de interação. No caso de interações caracterizadas como diferidas ou difusas, temos a circulação para um público generalizado sem retorno imediato de respostas, como as emissões da televisão a que assistimos em casa.

Quando pensamos em interação, a palavra “interatividade” vem logo ao nosso pensamento. Com a internet, surge a possibilidade de interagir com a máquina computador, navegando por “sites” que nos interessam. Mas, ao invés de empregarmos o termo “interatividade”, optamos pelo emprego de “interacionalidade”. De acordo com Braga e Calazans (2001), esse conceito é mais apropriado porque inclui as interações mais ou menos dialogais com os meios em geral. Concordamos

com os autores quando dizem que “todos os tipos de interacionalidade são relevantes, tanto para a Comunicação quanto para a Educação” (*Ibidem*, p.29).

A interacionalidade é a

característica geral dos meios de comunicação de viabilizar algum tipo de interação: dialogal, homem/ máquina, homem/ produto (interpretação), pessoas entre si sobre produtos, interações diferidas e/ou difusas. O conceito inclui ainda interações face-a-face imbricadas a interações mediáticas (*Ibidem*, p. 29).

Quando grupos e pessoas interagem sobre os produtos mediáticos, percebidos como disponibilidades sociais, vemo-nos numa sociedade mediatizada. A interacionalidade mediatizada ampla significa que os materiais simbólicos estão em circulação de modo diferido e difuso e são interpretados e usados pelo homem. Apresentam-se como fonte de ações e de interações entre pessoas e produzem efeitos de sentido. Esse complexo jogo de interações inclui desde as interações conversacionais diretas, passando pelas interações dialogais mediatizadas e vão até as interações diferidas e/ou difusas. Interagir na sociedade mediatizada encaminha nosso pensamento também no sentido de pensar os meios de comunicação como novas formas de expressão social, que exploraremos melhor no item seguinte.

1.1. 2 O vídeo como narrativa

A questão da narratividade surge como um ponto central nas reflexões sobre a imagem em movimento. Como nos apresentam os autores do livro *Mosaicos: imagens do conhecimento*, cada vez mais, a imagem ganha espaço e visibilidade em nosso cotidiano, podendo ser considerada uma narrativa da contemporaneidade (JOBIM e SOUZA, 2000).

Não mais contamos histórias uns para os outros, simplesmente, podemos contá-las através do ver e do ouvir. Como afirma Solange Jobim e Souza:

O turbilhão de imagens que nos atravessa cotidianamente anuncia a necessidade de construirmos novos conceitos sobre leitura e escrita que incorporem a experiência com imagens-signos (...). A cada instante surgem novas narrativas para serem decifradas e interpretadas pelos sujeitos que nascem e se criam na civilização da imagem (JOBIM e SOUZA, 2000, p. 7).

O ato de ler, ouvir, ver e sentir foi ampliado para além das fronteiras da escrita e da oralidade. Multiplicam-se as experiências, estimulações, reflexões e reações frente a outras formas de registro como as das imagens e dos sons.

A configuração de um novo *sensorium* já foi anunciada por Walter Benjamin, em 1955, em seu ensaio sobre “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”. O pensador analisava a experiência que o cinema trouxe para seus espectadores no início do século: “Alargando o mundo dos objetos dos quais tomamos conhecimento, tanto no sentido visual como auditivo, o cinema acarretou, em conseqüência, um aprofundamento da percepção” (BENJAMIN, 1983, p.22).

A narratividade, como processo de observação e reflexão sobre as coisas do mundo, não é uma novidade, mas sim a difusão de processos narrativos através do

cinema e da televisão. Autores, como Comnelly e Clandinin, falam da importância da narrativa na atualidade. No texto *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y e educación* afirmam que: “Nós seres humanos somos contadores de histórias, vivemos vidas relatadas. O estudo da narrativa, é o estudo da forma que os seres humanos experimentam o mundo” (COMNELLY; CLANDININ *apud* FILË, 2001, p.26). A presença de narrações como elemento de socialização, não se restringe a valorização do contar, ela “inclui também uma crescente percepção do mundo social em termos de singularidades vivenciadas”, de acordo com Braga e Calazans (2001, p.147).

No texto “O Narrador”, escrito em 1936, Walter Benjamin diz que a narrativa é algo parecido com uma forma artesanal de comunicação que “não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como uma informação ou relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela” (BENJAMIN, 1983, p. 63).

Trataremos da narrativa que inclui elementos visuais e sonoros, ou seja, da narrativa audiovisual. Quando gravamos uma cena com a câmera de vídeo, pode-se afirmar que o próprio registro comporta uma narrativa. A escolha do ângulo (ponto de vista) e dos planos (maior ou menor proximidade com relação à pessoa ou objeto registrado) já é em si uma forma de narrar. A descrição verbal, que pode vir ou não junto com a imagem, cumpre o papel do “narrador” oficial completando o discurso.

Abordaremos, neste texto, a narrativa audiovisual como um discurso que comporta enunciados. Para falar de enunciado, recorreremos ao conceito de enunciação descrito por Bakhtin. O autor afirma que a verdadeira substância da língua está no fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. O diálogo é a forma primordial de interação verbal.

A enunciação é o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN, 2002, p.112).

Bakhtin apresenta a enunciação como resultado da interação verbal entre um ou mais interlocutores. A enunciação é um discurso que comporta enunciados produzidos em situação concreta de comunicação e o enunciado é a unidade real da comunicação verbal.

Consideramos então que é “possível ir do signo verbal, matéria prima bakhtiniana, à imagem-signo, signo audiovisual” (MIRANDA, 2000, p.197). Apresentamos o vídeo como uma enunciação mediada por um aparato técnico. O vídeo não é feito para o outro, mas usado como interlocução com o outro.

Por suas particularidades técnicas, o vídeo tende a se disseminar de uma forma processual (vídeo-processo) no tecido social. Adotamos essa abordagem, anteriormente, ao descrever algumas das possibilidades de uso do vídeo pelos seres humanos. O próprio formato técnico do vídeo pode nos levar a repensar o processo comunicativo. Os produtores tendem a se tornar consumidores e vice-versa, a partir de um simples movimento de inversão do lugar do aparato técnico. Isso pode ser observado em experiências nas quais o processo de troca e de diálogo parece ser mais “visível” que em outros meios, em função da acessibilidade do meio vídeo.

Partindo das concepções teóricas de Bakhtin sobre o diálogo e transpondo-as para a narrativa audiovisual, podemos pensar na criação de um novo conceito, para efeito desta pesquisa, o de *videólogo*. A origem do conceito parte do enunciado ou dos enunciados, que acontecem entre dois ou mais interlocutores, com a mediação criada pela presença da câmera de vídeo.

Como caracterizar um videólogo? Sua ocorrência se dá em interações proporcionadas pelas interlocuções mediadas pelo uso da câmera de vídeo. Por que

falamos em mais de um enunciado? Porque a troca, o diálogo, promove interações de vários níveis dos interlocutores entre si e com a presença da câmera.

Segundo Bakhtin, “um enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 316). A enunciação é um diálogo e dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço podem revelar uma relação dialógica quando confrontados em seu sentido (JOBIM e SOUZA, 1994).

Trataremos da enunciação, do diálogo, mediado pelo meio vídeo, ou seja, a partir da percepção de videálogos. Vejamos como esses videálogos foram construídos, conhecendo, inicialmente, os sujeitos, interlocutores/narradores, que desencadearam esse processo.

1. 2 Os adolescentes

Esta pesquisa se propõe discutir a inserção de três adolescentes, com uma câmera de vídeo, no espaço escolar, e apontar a narrativa videográfica como um dispositivo de produção do conhecimento.

Seguimos algumas pistas do percurso já trilhado pela pesquisa intitulada “Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo²³”. Iniciada em 1998, essa pesquisa tem contribuído para a compreensão da imagem como um modo de narrativa e para a discussão de sua dimensão polifônica a partir da questão da alteridade, uma vez que a imagem se constrói em sua relação com o “outro”. O objetivo é enfocar os modos de subjetivação frente às teorias da globalização, à cultura do consumo e ao contexto da experiência com as imagens técnicas (fotografia, cinema, TV, vídeo e outdoors), analisando suas implicações na experiência estética e nos modos de produção de conhecimento na contemporaneidade.

Começamos por caracterizar os três sujeitos em questão. Eles têm idades entre 12 e 15 anos, são adolescentes. Tal fase da vida nos faz distingui-los dos adultos e, também, não vê-los mais como crianças, seguindo o padrão adotado pela sociedade atual para os jovens pertencentes a essa faixa etária. Esses jovens atuaram como *sujeitos narradores*. Partimos da conceituação de sujeito apontada por Bernard Charlot,

sujeito é alguém que age no e sobre o mundo, encontra a questão do saber como necessidade de aprender e como presença no mundo dos objetos, de pessoas e de lugares portadores de saber e, além de produzir a si mesmo, é produzido, através da educação (CHARLOT, 2000, p. 33).

²³ A pesquisa está sendo realizada, desde 1998, pelo Departamento de Psicologia PUC – RJ em parceria com a Faculdade de Educação da UERJ e foi apresentada na 23ª Reunião Anual da Anped, em Caxambu, no ano 2000.

A postura de ir ao encontro do saber estava posta na condição possibilitada pela pesquisa. Os alunos entraram na escola como *produtores* da linguagem videográfica. Ou seja, foi deles a escolha do que dizer e *aprender* sobre a escola, através das gravações realizadas. De acordo com Dayrell,

Tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética não só durante o processo de pesquisa mas também no nosso cotidiano como educadores. A experiência da pesquisa mostrou-nos que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, ter suas próprias posições e ações é uma aprendizagem que exige um esforço de auto-reflexão, distanciamento e autocrítica (DAYRELL, 2002, p. 4).

A proposta de colocar o jovem como produtor dessa linguagem, a do vídeo, está referenciada em duas questões: a primeira, diz respeito à forma como os jovens, hoje, lidam com as tecnologias de produção de imagens e sons na sociedade; a segunda, está relacionada a um movimento crescente de apropriação dessas tecnologias por grupos de jovens em espaços não-escolares.

Quando Michel Tardy publicou “O professor e as imagens”, em 1966, já anunciava que:

Os alunos têm um conhecimento das mensagens visuais e uma familiaridade no que diz respeito a elas, que os adultos não possuem. Além do mais, a nova geração nasceu num universo invadido pela imagem: esta sempre fez parte de seu horizonte cultural (TARDY, 1976, p. 26).

Os jovens lidam com câmeras, videocassetes, videogames, computadores com total familiaridade, o que não acontece com as pessoas de algumas gerações anteriores. Como afirma a antropóloga Margareth Mead:

Nascidos antes da revolução eletrônica, a maioria de nós não entende o que isso significa. Os mais jovens da nova geração em mudança se assemelham aos membros da primeira geração nascida em um país novo. Devemos

aprender com os jovens a forma de dar os primeiros passos. Porém, para proceder assim, devemos realocar o futuro. Aos juízos dos ocidentais, o futuro está diante de nós. Ao juízo de muitos povos da Oceania, o futuro reside atrás, não adiante. Para construir uma cultura na qual o passado seja útil, não coativo, devemos localizar o futuro entre nós, como algo que está aqui pronto para que o ajudemos e o protejamos antes que nasça, pelo contrário, será demasiado tarde (MEAD *apud* BARBERO, 2000, p.105).

Martin Barbero (2000, p.105) resgata o conceito de *destempo*, pensado por Margareth Mead, e afirma que: “um novo tipo de cultura pode ser percebida no comportamento da juventude atual, após a revolução eletrônica”. As *diferentes temporalidades* na sociedade atual se baseiam em três tipos diferentes de cultura:

- pós-figurativa - o aprendizado dos mais jovens se baseia no contato com a cultura de seus avós. As sociedades primitivas e os redutos ideológicos e religiosos são principalmente pós-figurativos e extraem a autoridade do passado.

- configurativa - é o tipo de cultura na qual o modelo dos comportamentos é constituído pela conduta dos contemporâneos, o que permite aos jovens, com a cumplicidade de seus pais, introduzir algumas mudanças em relação ao comportamento de seus avós.

- pré-figurativa - os adultos também aprendem com os jovens, onde os pares substituem os pais, promovendo uma ruptura de gerações sem precedentes.

A juventude incorpora a *visualidade eletrônica* da TV, vídeo e computador a partir de discursos e narrativas, saberes e linguagens da indústria e da experiência audiovisual. Em nossas sociedades, estão sendo produzidos novos regimes do sentir e do saber, que passam pela imagem catalisada pela televisão e o computador.

As gerações atuais têm uma empatia com essas linguagens que Piscitelli (*apud* BARBERO, 2000) chama de “plasticidade neuronal”. Os adolescentes possuem uma enorme capacidade de absorção de informação percebida pela

naturalidade com que lidam, mesmo que seja pela primeira vez, com máquinas de produzir sons e imagens .

Neste estudo, o encontro entre o sistema escolar e a sociedade mediatizada se dá quando os jovens, *sujeitos narradores*, entram em suas escolas com a câmera de vídeo. A perspectiva de uso e apropriação dos meios de comunicação na escola é um dos ângulos de interface entre os campos educacional e comunicacional propostos por Braga e Calazans (2001). Nas últimas décadas, vários grupos organizados da sociedade civil têm investido no resgate da cidadania de jovens a partir da apropriação e do uso das tecnologias e dos processos comunicativos no ambiente escolar.

Na direção seguida pela pesquisa, a aprendizagem da linguagem do vídeo aconteceu, inicialmente, fora do espaço escolar. Os *sujeitos narradores* criaram um produto comunicacional na Oficina de TV Comunitária do Ciame Flamengo, como já dissemos na Introdução deste trabalho. Os adolescentes contam²⁴ que:

É para mostrar para as outras pessoas que não é só eles que sabem fazer o seu próprio vídeo, nós também sabemos. (Josimar, 14 anos, 11/05/2002)

É interessante a gente também falar, fazer uma fita, e tudo mais, mas o mais interessante ainda é quando você tá, tipo assim quando a gente tá gravando, filmando uma pessoa, porque você tá filmando, tipo assim uma pessoa, tá passando para ela, tá fazendo pergunta. (Gislene, 15 anos, 11/05/2002)

a maioria das coisas que a gente grava, é coisa que faz parte da gente, não só da gente, mas como do dia a dia da gente. (Jennifer, 12 anos, 11/05/2002)

A experiência pela qual passaram esses narradores, tem sido desenvolvida, também, em várias partes do país, através de projetos sociais²⁵ que propõem o uso de tecnologias e processos comunicacionais (vídeo, rádio, jornal) na educação. O público-alvo atingido situa-se na faixa etária entre sete e dezoito anos. São,

²⁴ Os depoimentos foram gravados durante um encontro de preparação das gravações.

²⁵ Auçuba, Cipó, Fundação Casa Grande, TV Macoronga, TV Sala de Aula.

geralmente, moradores de regiões periféricas dos grandes centros urbanos ou pequenas cidades distantes desses centros e suas famílias têm baixo poder aquisitivo. Os adolescentes que participam desses projetos têm, necessariamente, que estar matriculados na escola formal.

Em espaços não-escolares despontam experiências com a linguagem audiovisual que, segundo pontua Filé (2002, p.129), “seriam muito bem vindas às escolas, porque privilegiam um fazer coletivo”, a possibilidade de criar e produzir narrativas, como a videográfica.

É necessário pensar a escola, a partir do não-escolar, como diz Rui Canário. A experiência mostra que a escola é muito dificilmente modificável a partir de sua própria lógica.

A maior parte das aprendizagens significativas realizam-se fora da escola, de modo informal, e será fecundo que a escola possa ser contaminada por essas práticas educativas que, hoje, nos aparecem como portadoras de futuro. (CANÁRIO, 2003, p.16).

O movimento de entrada desta pesquisa na escola partiu de um ambiente não-escolar onde o primeiro contato com a linguagem do vídeo aconteceu. As escolas contatadas para a realização do trabalho, nas quais Josimar, Gislene e Jennifer estudam, abriram suas portas e nos deixaram entrar.

Nos contatos com as direções das três escolas, para consulta inicial sobre as gravações, não houve reações negativas. Na Escola Municipal Israel Pinheiro, a vice-diretora fez um convite para que nós, Jennifer, aluna da escola, e eu, apresentássemos a proposta da pesquisa nas reuniões pedagógicas dos três turnos da escola. Estivemos nas reuniões e os professores aprovaram a idéia. Nas Escolas Estaduais Caminho a Luz e Coronel Vicente Torres Júnior, as direções aprovaram a proposta e a encaminharam aos professores.

Uma vez feita a seleção dos sujeitos e acertada a entrada nas escolas, demos início ao trabalho de construção das narrativas. No próximo capítulo, analisaremos as narrações videográficas, conduzidas pelos sujeitos desta pesquisa, Gislene da Escola Estadual Caminho a Luz, Jennifer da Escola Municipal Israel Pinheiro e Josimar da Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, a fim de perceber nas mesmas possibilidades videalógicas, ou seja, a criação de videálogos.

Capítulo 2

As Narrativas Videográficas

Neste capítulo faremos um movimento descritivo para apresentação das três narrativas videográficas produzidas por: Gislene, na Escola Estadual Caminho a Luz; Jennifer, na Escola Municipal Israel Pinheiro e Josimar, na Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior.

Como tratamos de narrativas audiovisuais, nesta pesquisa, tornou-se necessário inserir no corpo do trabalho a descrição das cenas criadas pelos sujeitos narradores. Dessa forma, optamos por apresentar as narrativas como construções particulares de cada um dos adolescentes participantes. Não apresentamos o material gravado na íntegra, muitas cenas foram resumidas para descrição. No entanto, compreendemos que os sujeitos da pesquisa demonstraram, com a gravação realizada, uma forma própria de narrar audiovisualmente a escola em que estudam.

Embora o homem tenha criado diferentes instrumentos técnicos para registrar e ganhar consciência de sua experiência no mundo, a maior riqueza interpretativa se dá na interação permanente desses registros entre si, como afirma Solange Jobim e Souza (2000). Procuramos, através da construção de narrativas audiovisuais e, nesse momento, da transposição para a escrita, estabelecer um diálogo entre a linearidade do texto e transversalidade da imagem (SOJA *apud* JOBIM E SOUZA, 2000).

Martine Joly (1996, p.133) diz que “quanto mais se trabalha sobre as imagens, mais se gosta das palavras”. Nas narrativas videográficas produzidas pelos três adolescentes nesta pesquisa, as imagens e as palavras interagem, completam-se, nutrem-se e exaltam-se umas às outras (JOLY, 1996).

Optamos então por não separar o discurso de outrem de seu contexto narrativo, como afirma Bakhtin (2002). Segundo o autor:

o objeto verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. Na verdade, eles só têm uma existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação dinâmica (Bakhtin, 2002, p. 148).

A opção feita, portanto, foi dar voz aos sujeitos da pesquisa, apresentando o contexto em que suas falas foram produzidas e seus desdobramentos. Nesse caso, procuramos perceber e descrever a estrutura narrativa construída por Gislene, Jennifer e Josimar para, no próximo capítulo, destacarmos os traços marcantes e específicos de cada uma delas.

2.1 A narrativa de Gislene

Quando as gravações foram realizadas, Gislene tinha 15 anos e estudava no turno da noite da Escola Estadual Caminho a Luz, sediada no Bairro Esplanada, região leste de Belo Horizonte. Ela cursava o primeiro ano do Ensino Médio, na “turma E”. Moradora do bairro Alto Vera Cruz, Gislene percorria cerca de dois quilômetros para chegar à escola.

Dinha, como gosta de ser chamada, freqüentou o Centro Integrado de Atendimento à Criança e ao Adolescente – Ciame, dos 10 aos 14 anos. No entanto, no período em que fez parte desta pesquisa, já não ia mais ao Centro. Foi autora da frase que deu título ao vídeo documentário: “Ande sempre gravando e olhando para frente porque uma parada pode ser fatal” produzido por ela e por outros integrantes da oficina de TV Comunitária, no Ciame Flamengo, nos anos 2000 e 2001. A oficina

fez parte do projeto “Se ame em close: apenas um olhar”, realizado pelo Grupo de Pais dos Educandos do Ciame Flamengo com o apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. A atividade foi coordenada por um grupo de comunicadoras da organização não-governamental Associação Imagem Comunitária. Após integrar o grupo dessa oficina, Gislene relatou sua experiência com a câmera de vídeo:

Eu sinto emoção, alegria, saber que eu tô num projeto, que eu tô segurando uma câmera, fazendo uma coisa assim que é boa assim pra mim, que eu tô aprendendo né? Que eu vou mostrar para os outros depois, é chique! (Gislene, 11/05/2002).

Quando foi convidada para participar da pesquisa, ela aceitou de imediato. Colocou-se à disposição para conversar com o diretor de sua escola e apresentá-lhe a proposta. Alguns dias depois, fui à Escola Estadual Caminho a Luz e fiz o primeiro contato com o diretor da escola, Fernando David. Na ocasião, comentou que a aluna do primeiro ano, “turma E”, já havia falado com ele sobre o assunto em uma conversa nos corredores da escola.

A realização do trabalho foi autorizada. No dia seguinte, ao conversar com Gislene, ela informou que o diretor a procurou para incentivar o trabalho e pediu o roteiro do vídeo que seria produzido na escola. Nesse momento, a aluna passou a ser identificada também como alguém que iria realizar uma intervenção com o vídeo na escola.

A Escola Estadual Caminho a Luz fica instalada num prédio de dois andares, desde 1982²⁶. Possui apenas um pequeno pátio interno, não dispondo de muito espaço físico para o convívio entre os alunos, pois está localizada em um terreno reduzido. Chegando à Rua Cravinas, quase não é possível identificar que ali está

²⁶ No mesmo local funcionava, anteriormente, a Escola Padre José de Anchieta.

instalado um prédio escolar. O muro externo não permite ver a fachada. O que mais caracteriza o espaço como sendo o da entrada de uma escola é o trânsito de jovens no quarteirão, no horário em que o portão da escola fica aberto, no turno da noite, entre 18:15 e 18:40. Além das salas de aula, há, na parte térrea do prédio, uma pequena sala que é chamada de “sala de vídeo”.

A realização da gravação em vídeo na escola foi agendada para o período de uma semana, de 9/09/02 a 13/09/02. Ficou combinado que eu chegaria à escola com os equipamentos e os entregaria a ela, antes do início da segunda aula. Minha condição, a partir desse momento, seria de observadora participante.

No primeiro dia de gravação, cheguei à escola após o início das aulas. Como o portão de entrada já estava fechado, toquei o interfone e me identifiquei a um funcionário da escola. Esse funcionário abriu o portão e levou-me à sala da direção. O diretor pediu para chamar a aluna Gislene em sua sala de aula. Estava no corredor de entrada da escola, quando ela veio me encontrar. Apresentou-me a uma colega de sala, Poliana, que havia sido convidada, por ela, para participar da gravação. Depois retornou para a sala de aula e chamou outros dois alunos, Marta e Felipe, que também já sabiam do trabalho.

Primeiro momento de gravação, no pátio da escola...

Fomos todos para o pátio da escola. Gislene havia elaborado algumas perguntas para fazer aos colegas. Passei a câmera de vídeo para ela e fiquei à disposição para atuar como sua assistente. Antes da gravação, formou-se um certo tumulto no pátio, todos queriam ver e saber o que estava acontecendo. Comentários do tipo “Vai passar na Globo?” foram comuns.

A atitude da menina foi a seguinte: pediu aos colegas que se posicionassem um ao lado do outro para começar a gravação. Na primeira pergunta que fez, cometeu um erro gramatical, disse: “Qual os seus nome?” e foi criticada pelo colega de turma, Fabrício, que estava presente. Nesse momento, ela interrompeu a gravação. O garoto continuou dizendo que queria “ser o diretor”, “melhorar o filme”, “se não, poderia quebrar logo a câmera, pois aquilo não serviria para nada”. Gislene respondeu à provocação do colega e aguardou que a sirene da escola tocasse e boa parte do grupo se dispersasse, para recomeçar a gravar. O conflito foi apaziguado quando um dos alunos afirmou que a realização daquele trabalho tinha a finalidade de “melhorar a escola”.

Gislene assumiu sua condição de narradora desde o início da gravação. Mesmo com a interrupção do colega, que criticou um erro gramatical seu e quis roubar-lhe a cena, ela retomou o processo e a “direção” e recomeçou o trabalho.

Cena 1 – Noite – Pátio da Escola Caminho a Luz

(Gislene faz uma panorâmica²⁷ dos quatro colegas – Poliana, Felipe, Marta e Paulo²⁸. Logo depois, volta com a câmera, dirige-se a primeira colega e pergunta)

Gislene: Como você se chama?

Poliana: Poliana.

G: Quantos anos você está estudando aqui nesse colégio?

P: Um ano só, primeiro ano.

G: O que que você achou desse primeiro ano, apesar de só estar na metade?

P: Em algumas partes são boas, em outras, são assim, não ruim, mais razoável.

G: E você está assim na sala do primeiro E. E, o que que você acha dos seus colegas?

P: Às vezes, eles fazem muita bagunça sabe, aí. Mas fora algumas conversas, eles são até legais.

G: E, o que que você achou do diretor?

P: Eu só acho que devia, ele é bom, mas ele devia assim colocar uma regra para a gente poder entrar no segundo horário, porque tem muita gente que trabalha e não pode entrar.

G: E como o diretor chama?

²⁷ Movimento de câmera. A câmera é girada de um lado para outro.

²⁸ Nas descrições dos diálogos, optamos por colocar a primeira letra dos nomes, após a primeira ocorrência de cada um. Exemplo: Gislene - G, Poliana - P, Marta - M, Felipe - F e Paulo - P1 (no caso de dois nomes com a mesma letra, usaremos os números, após a letra).

P: Fernando.

Marta: Fernando David.

P: Não, Fernando, David é o vice-diretor.

G: *E o vice-diretor, David, o que que você acha dele?*

P: Ele é legal.

G: *E você gostaria de fazer algum apelo, seja bom ou ruim?*

P: Ah, só isso que eu falei, é que eles deixam algumas pessoas entrar no segundo e outras não, e devia ter a mesma regra para todo mundo, né?

Gislene começa a gravação e apresenta seus colegas, narrando com a câmera. Ela mostra cada um deles com um movimento de câmera (panorâmica). Ao mesmo tempo, inicia um diálogo, ou seja, interage verbalmente com eles através da entrevista que realiza. A narrativa acontece em dois níveis: verbal e visual.

Nesse momento, nós, do lado de cá do vídeo, fomos apresentados aos colegas de Gislene. Eles conversam com ela e interagem, também, com a câmera que ela está manuseando. Retomamos a gravação:

(Gislene aponta a câmera para o segundo colega)

G: Como você se chama?

F: Felipe

G: Felipe, o que que você acha de estar estudando aqui?

F: É bom, a escola é boa.

G: Quanto tempo você está estudando aqui?

F: Tem um ano.

G: E nesse primeiro ano, o que que você achou?

F: Ah, eu achei bom, gostei.

G: E você, gostaria de fazer alguma apelo? Seja bom ou ruim?

F: Gostaria.

G: *Pode fazer....*

F: Ah, eu acho que o diretor deveria ser menos rigoroso, porque a gente estuda o ano inteiro, e devia ter mais tempo para as festas também. E eles deviam reclamar lá, também para ter merenda à noite, se possível, né? Só.

G: *E que que você acha assim, dos seus amigos?*

F: Legais, os que são meus amigos, né? Porque nem todos são meus amigos. Os que são meus amigos são legais.

G: *O que que você gostaria de mudar aqui na escola, se você pudesse?*

F: Igual ela falou do horário e educação física também, que não tem. Não tem muito espaço, mas podia ter peteca, ping-pong, igual de manhã.

(*Nesse momento, Gislene intervém*)

G: *Mudar você pode, só basta querer!*

Após a apresentação dos colegas, Gislene propõe a Felipe que faça um apelo e, logo em seguida, pergunta sobre o que ele gostaria de mudar na escola. A

menina, com essa pergunta, aponta que está aberto um espaço para o “apelo” do colega. Além disso, Gislene reforça a fala de Felipe, ao afirmar que a efetivação de uma mudança depende do “querer”, no caso, o dele. A perspectiva de uma “mudança” é enfatizada em sua frase final. Vale lembrar que um dos alunos presente no pátio, no início da gravação, afirmou que o trabalho “era para melhorar a escola”.

Passemos a terceira parte da entrevista:

G: Como você se chama?

M: Marta.

G: Marta, é o seu primeiro ano aqui nessa escola?

M: É.

G: E, o que que você acha de estar estudando aqui?

M: Bom.

G: É o seu primeiro ano, né? E o que você acha do diretor e do vice?

M: A mesma coisa que eles falaram. Mais tem uma coisa que fica ruim...

(Gislene, tira a câmera dela e faz uma panorâmica para os outros dois, Felipe e Poliana)

Paulo: Fala Marta, continua falando.

(Paulo, outro garoto que estava ao lado, fala para Marta, em tom de reprovação. Gislene volta a câmera imediatamente para Marta que continua)

M: É, igual eles falaram do horário, porque alguns trabalham em casa, mas chega tarde e não consegue entrar. E podia mudar as regras. Nossa! Podia mudar as réguas, nossa!

(Marta erra e começa a ficar intimidada. Gislene interrompe a gravação, depois volta).

G: Voltando, o que que você acha do diretor e do vice?

M: Ah, Excelente! Mas podia mudar algumas coisas. Ai meu deus do céu! Pára de novo!

(Ela pede para parar. Gislene interrompe a gravação. Ao recomeçar a gravar mostra as mãos de Marta em plano detalhe²⁹. Depois sobe a câmera para um close de rosto)

G: O que que você acha que devia tirar aqui na escola?

M: Ah, a carteirinha que é muito cara. Nossa !

G: O que que você acha ruim na carteirinha? É pra entrar, não?

M: Ah, Porque é muito cara, dez reais, podia de abaixar um pouco.

(Paulo começa a falar, Gislene muda a posição da câmera e vira-a para ele)

P1: Para aqueles que não têm dinheiro. Para aqueles que não têm dinheiro e não têm grandes condições de poder pagar, e que não trabalham.

G: Como você se chama?

P1: Paulo.

(Volta, em movimento panorâmico, a câmera para Poliana que continua...)

Podemos observar que, à medida que interage com os colegas, através do diálogo, Gislene escolhe, com a câmera, o plano que deseja mostrar.

²⁹ Enquadramento de um detalhe.

Entretanto, quando Paulo chama a atenção de Marta, Gislene também retoma sua atenção e a câmera, para o diálogo iniciado. Dessa forma, Paulo também entra na conversa, ou seja, ao falar com Marta, ele chama a “atenção” da narradora para si.

Logo em seguida, houve uma mudança no posicionamento da câmera, quando Gislene, na seqüência do material gravado, passa a fazer parte de uma roda junto com os quatro colegas. Destacamos então, o momento que ela assume o papel de uma das protagonistas, e concorda com Felipe, dizendo:

Eu também concordo, que eles que deveriam dar as folhas de xerox todas. Se todas as escolas dá, porque que essa não pode dar.

Na condição de *autora* do enunciado, Gislene deixa claro, com essa fala, que, também, é uma das *interlocutoras* no diálogo sobre sua escola, afinal ela também é aluna e, quer participar como tal.

Encerramos o primeiro momento no pátio da escola assim que terminou o horário de aula e a sala de vídeo foi desocupada.

Segundo momento, mudança de espaço....

O espaço da sala de vídeo nos foi oferecido pela direção da escola para ser usado nas gravações. A sala, no início daquela noite, estava sendo usada por um dos professores da escola. Assim que a aula dele terminou, fomos informados que o local estava disponível. Gislene decidiu que iríamos para lá. Para chegar até a sala de vídeo, passamos por dois portões trancados com chave e cadeados. A chave ficou a nossa disposição para que pudéssemos entrar e sair quando necessário.

Já na sala de vídeo, foi iniciado o segundo momento da gravação, no qual, os alunos participantes conversam sobre as disciplinas e seus respectivos professores.

Cena 2 – Noite – Sala de vídeo da Escola Caminho a Luz

(Gislene recomeça)

G: Estamos aqui, na sala de vídeo e vamos continuar o assunto sobre a aula do João³⁰ e sobre a pessoa do João.

(Plano médio de Felipe.)

F: O que eu queria falar é que na hora que eu falei que ele era grosso, não é grosso, é que ele é, às vezes, um pouco mal educado na hora de responder. A gente pergunta alguma coisa assim simples e ele complica.

G: Já aconteceu algum fato de discussão na sala?

F: Já, e por um assunto simples assim (...) ele já discutiu uma vez sobre o lugar que o menino estava assentado. Porque não tem nada a ver o lugar que o menino tá assentado, com o que se ele está aprendendo ou não (...)

(Felipe e, depois, Poliana relatam outras discussões que ocorreram nas aulas de História. Gislene volta a “atuar”.)

G: Deixa eu colocar uma coisa aqui, prova oral também não deveria existir não, viu, prova oral é ruim demais. Cê não acha não Felipe?

F: Uai, é o jeito do professor dar aula, né?

(A conversa continua com os outros participantes sobre a aula do professor João, até que Gislene pergunta)

G: É o seguinte, o que que vocês acham que deveria mudar, o que que vocês acham que deveria tirar da aula do João?

(Os participantes respondem a pergunta de Gislene (...) e depois ela continua)

G: De qual aula que vocês querem falar agora?

(Os alunos começam a explicitar conflitos entre outros professores e os alunos relatando fatos que ocorreram).

A presença da câmera dentro da escola é identificada, pelos alunos, como um espaço para denúncia dos conflitos entre eles e seus professores. Continuamos a descrição da cena:

(Gislene fica de pé, podemos perceber sua posição pelo ângulo da câmera, que passa a mostrar, de outro ponto de vista, a pessoa enquadrada. Ela dá um close em Felipe e faz uma pergunta.)

G: Agora vamos esclarecer uma coisa, Felipe, aquele dia você colou no trabalho ou não?

F: Não coleí, pode ver que as palavras são todas diferentes. Eu até falei para comparar um trabalho com outro para ver se tinha alguma coisa igual (...) E o professor também, o que eu tenho a reclamar dele, é que ele, acha, ele já é professor, já estudou muitos anos e ele acha que a gente raciocina junto com ele, mesma coisa.

³⁰ Professor de História do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Caminho a Luz

G: Concordo.

(Ela vai afastando a câmera, para o plano mais aberto de Felipe)

F: Ele tá muito mais na frente que a gente, a gente não tem como saber o mesmo tanto que ele não.

Gislene muda a posição da câmera e pergunta se Felipe “colou na prova”. O aluno afirma que não e questiona o papel do professor, diferenciando-se do mesmo com relação ao saber que cada um detém.

(Gislene faz mais uma pergunta)

G: E agora, tem mais algum professor ?

P: Nós não falamos do de Geografia não, Gislene?

G: O professor de Geografia é um chato, de vez em quando, sei lá, (ri ao falar) ele apela muito, entendeu!

(Poliana põe a mão no rosto e ri. Algum tempo depois, voltam a falar do professor de Geografia. Felipe comenta que o acha “legal”, apesar de Gislene não gostar muito. Poliana volta a falar.)

P: Aquele dia foi um mal entendido que aconteceu entre você e ele, ele até pediu desculpas lá na sala depois.

G: Que o professor de Geografia, ele zoa demais, ele tinha que ser um pouquinho mais sério.

Poliana tira proveito da função que a presença da câmera assume, a de dar visibilidade aos conflitos entre professores e alunos, e faz uma pergunta a Gislene. Quer saber sobre o Professor de Geografia, com o qual a aluna já havia tido um desentendimento.

O próximo trecho selecionado começa quando Gislene pede aos colegas a opinião deles sobre a própria gravação, que chama de “projeto”. A narradora usa uma metalinguagem, pois a própria gravação é citada no diálogo. Na condição de espectadores do vídeo feito por Gislene, somos apresentados à própria narração, através da pergunta que se segue.

*G: Agora, em relação a esse **projeto**, o que vocês acham de estar fazendo esse **projeto** e que que vocês acham, assim, das críticas, que críticas vocês dão?*

*P: Eu acho assim, que esse **projeto** tá muito legal, eu acho assim, que a gente tem que falar o que a gente pensa porque se a gente não falar, aí os professores nunca vão ficar sabendo o que a gente acha deles, não pode*

melhorar. Ah, sei lá, (...) aqueles que estão bons assim, porque todos são bons, cada um do seu jeito, né? Mas aqueles que a gente quer que melhore assim, podia saber, é bom de saber, é bom de falar, para eles saberem o que a gente quer, para ver se consegue mudar a aula, a atitude deles mesmo. Pôr isso acho que é bom a gente fazer isso e eles verem.

F: O que a gente tá falando também é de todo mundo da sala, praticamente todo mundo acha a mesma coisa.

P: Estamos praticamente representando a nossa sala, o “primeiro E”.

P1: Isso pode servir para aqueles que ainda vão fazer o primeiro ano.

(Gislene se dirige a Marta)

*G: Pode falar Marta, o que que você acha desse **projeto**?*

M: Ah, eu acho excelente, porque é uma boa forma da gente mostrar o nosso desempenho, né? Como a gente é dentro de sala, como os professores são com nós.

*(Gislene insiste na pergunta sobre alguma crítica que possam ter com relação ao **projeto**. Logo em seguida, os colegas retomam a conversa anterior sobre questões internas da escola).*

Quando a realização do vídeo, propriamente dita, é explicitada na conversa, Poliana afirma que aquele é um espaço para mostrar aos professores o que os alunos pensam e que vê no vídeo uma oportunidade para que isso aconteça. Já Felipe reforça que estão ali representando a “turma E”, que as opiniões são do coletivo que o grupo representa. Paulo percebe uma possibilidade de repasse das experiências adquiridas para os alunos dos anos seguintes e Marta diz que os professores podem conhecê-los melhor e “ver seu desempenho”.

(Gislene volta a insistir na pergunta sobre sua parte do trabalho)

G: Agora, qual é a crítica que vocês dão da minha parte?

(Eles riem e dizem não ter nenhuma crítica. Gislene volta a perguntar.)

*G: O que que vocês gostariam de colocar mais nesse **vídeo**?*

(Eles respondem juntos.)

F: A opinião dos professores também, que a gente tá falando o nosso lado, né? É claro !

M: Agora, nós queremos ver o lado deles.

P: Eles também têm alguma idéia sobre a gente, né? Saber um pensamento diferente, né, ou igual quem sabe?

*G:Então, vocês concordam de fazer assim, hoje ainda, não tudo de uma vez, assim, um **vídeo** junto com eles.*

(Eles respondem que concordam e Paulo completa)

P1:Podemos fazer algumas perguntas(...)

Chegamos ao momento em que os alunos passam a perceber a prática do vídeo como uma possibilidade de estabelecer uma interlocução real com os

professores através desse processo videográfico. Isso acontece quando Gislene, nomeia o que está realizando de **projeto** e resgata os objetivos do trabalho através da pergunta que faz: *O que que vocês gostariam de colocar mais nesse vídeo?*

Os colegas são unânimes ao responder que gostariam de ouvir a opinião dos professores e apresentam a questão como uma troca, uma possibilidade de interlocução, quando dizem que querem “ver o lado deles”.

O videólogo com os professores começa...

Nesse momento, o grupo saiu a procura de um professor para participar da gravação. David, vice-diretor da escola, foi o primeiro que se dispôs a participar do vídeo.

Cena 3 – Noite – Sala de vídeo da Escola Caminho a Luz

(Gislene com o grupo de colegas e David, vice-diretor da escola, estão sentados em semicírculo. Ela faz uma panorâmica do grupo. Gislene começa, dirigindo-se a Poliana).

G: Fala o nome dele !

P: Oh, David, eu gostaria de saber assim, o que que você acha da nossa sala eu queria saber mais ou menos a idéia que você tem da nossa sala?

Na conversa com David, as seguintes questões foram abordadas: os direitos e deveres dos alunos, a disciplina em sala de aula, o espaço físico e a infra-estrutura da escola e sugestões para melhoria da infraestrutura escolar. Em vários momentos, os alunos e o professor conversaram sobre como se mobilizarem frente aos problemas que a escola enfrenta, tanto sobre os de infraestrutura quanto os relativos a definições gerais da Secretaria de Estado de Educação para o Ensino Médio.

Na seqüência da gravação, quando perguntado sobre o que gostaria de mudar na escola, o vice-diretor respondeu: *“Gostaria que a escola tivesse mais*

atividades diferentes”. A aluna Poliana, após a fala do vice-diretor, completa dizendo que “quanto mais gente melhor”. Ou seja, considera David um aliado desse grupo de alunos que têm a intenção de efetivar mudanças na escola.

No final do primeiro dia de gravação, Gislene perguntou o que acharam daquele momento.

(A câmera de vídeo estava enquadrando David. Uma das colegas começa a responder e ela continua com a câmera voltada para o vice-diretor em quadro. Poliana comenta que foi um momento em que o professor viu o lado dos alunos e os alunos viram o lado deles.)

D: Eu tô do lado de todo mundo, não tô do lado de ninguém não.

P: Eu tô falando assim, aluno e professor, o debate ficou legal.

Poliana, com seu comentário, demonstra perceber um potencial dialógico no processo, enquanto David assume uma postura defensiva ao dizer que não está do lado de ninguém e sim “de todo mundo”.

(Nesse momento, Gislene ri e balança a câmera.)

D: Eu achei legal, gostei de participar. Eu falei com a ...

(David aponta para a câmera, mas não se lembra do nome da aluna. Gislene repete seu nome para ele.)

D: Lá em cima: vocês não vão fazer perguntas para me deixar vermelho não, né?(...)

(Gislene insiste na pergunta sobre a existência de críticas ao processo e sobre o que ele achou daquele momento)

D: Não. Poderia acontecer mais vezes, com mais pessoas participando.

O professor David afirma ter gostado de participar do processo, identifica uma oportunidade para que o diálogo ocorra na escola e deseja que haja a participação de um maior número de pessoas.

A conversa seguinte girou em torno dos outros alunos da escola, que criticaram a iniciativa e não quiseram participar da gravação. Gislene faz comentários sobre os colegas que, no início da gravação daquela noite, depreciaram seu trabalho no pátio da escola.

G: Eles acham o seguinte: por causa de um erro eles acham que pode julgar tudo no lixo (...) Eu errei, né? Para eles, errar não é humano não.

D: Eu garanto, isso não vai ser apresentado para eles depois?

Os alunos respondem: Vai.

D: Eu garanto que eles vão arrepender, ele vão ver que eles podiam ter participado, que é legal.

Na pergunta que David fez a Dinha, sobre mostrar o vídeo para outros alunos que não quiseram participar, demonstra que ele passa a reconhecer aquele “espaço de mediação” como um “espaço de interlocução” para a escola. Nesse momento, David diz que teve a oportunidade de esclarecer alguns pontos que os alunos estavam vendo de maneira diferente.

(Poliana pergunta para David)

P: Você acha que nós fomos bem ?

D: Foram, eu acho que foram.

(David comenta que falaram um junto com outro, em alguns momentos, mas que considera isso normal por ser a primeira vez que eles participam de uma atividade assim. Como é a primeira vez dele também. Depois continua)

D: Tive a oportunidade de esclarecer alguns pontos que vocês estavam vendo de maneira diferente. Vocês esclareceram também da parte de vocês.

Gislene continuando a gravação)

G: Ah, os professores também não vão escapar não, a partir de amanhã... Eu quero fazer com o João.

(A conversa continua em torno da possibilidade de diálogo entre alunos e professores através daquele projeto, até que David termina)

D: Eu acho que todos nós devemos estar abertos a receber críticas, claro que é desagradável quando a crítica assim vem pesada, mas quando a crítica vem assim: poderia ser mudado isso, ser mudado aquilo. Eu acho que todos vocês devem estar abertos para ouvir e avaliar se, realmente, (pausa) porque ninguém é dono da verdade.

G: Poliana pergunta qual o recado que ele daria para aqueles que criticaram o trabalho?

(Na seqüência, a própria Poliana responde que considera que os outros alunos estão perdendo uma oportunidade de dizer aquilo que estão pensando)

P: Porque se eles tivessem aqui eles iam falar o que eles estavam pensando e você, com certeza, ia ouvir eles.

(Ela diz olhando para David, a câmera mostra a menina em plano fechado olhando para o lado.)

P: Não que eu estou falando que vocês não ouvem, mas é uma forma de vocês ouvirem mais a gente e saber o que a gente pensa.

(Gislene aponta a câmera para Paulo e faz uma pergunta)

G: E você Paulo, qual o recado que você manda?

P1: Ah, eu mando o recado que aqueles que não estão aqui nesse momento, eles estão prejudicando eles mesmos, né? Porque isso é um modo da gente

se expressar, eles estão perdendo uma grande oportunidade de estar aqui com nós.

O entendimento de que, com o vídeo que está sendo gravado, abre-se um espaço no qual *as coisas podem ser ditas e discutidas* é comum entre os presentes. Quem não está ali, naquele momento, os alunos que se recusaram a participar da gravação, são os “outros” que vão assistir a ela e para os quais são enviados recados. O diálogo se dá pela interação entre os interlocutores presentes, sem desconsiderar os possíveis espectadores.

(Gislene vira a câmera para Felipe.)

G: E você Felipe?

F: Eu queria falar para o Nanim, que ele queria tá aqui e na última hora ele decidiu voltar, que não é que é melhor ficar aqui que ouvir a aula de português não, mas é que aquilo tá bom, né?

(David fala em off).

D: Mas de repente faz parte até do português, do conteúdo, né? Porque é um trabalho que vocês estão fazendo de comunicação.

A palavra comunicação aparece pela primeira vez na fala do professor que percebe, naquele diálogo, um espaço potencial para se aprender português. O conteúdo da disciplina Português é relacionado à comunicação.

(Gislene volta um pouco a câmera, mas não chega a mostrar David novamente. Logo interrompe e vai para outro lado saber a opinião de Marta que fica nervosa e não consegue falar.)

G: Vai, não tem problema não errar, Marta!

M: Ah só sei que (...) assim que eles perderam um grande momento.

P: E aí nós todos queremos agradecer o David, né gente?

(Gislene volta a câmera em panorâmica rápida até David)

G: E você David?

(David em close.)

D: Eu gostei de ter participado, confesso que minha expectativa era outra, eu não sabia o que estava acontecendo.

G: E você manda algum recado? Qual recado que você manda para aqueles que não estão aqui nesse momento?

(David encerra olhando para a câmera)

D: Vou repetir o que eles falaram, eles perderam uma oportunidade de estar aqui curtindo um trabalho gostoso, uma discussão boa, saudável, né? Ao invés de conversar com a gente só naquele momento ali na minha mesa, na minha cadeira (...).

(Gislene termina a gravação do dia)

*G: Muito obrigada viu gente, foi ótimo!
(Final do primeiro dia de gravação)*

No dia seguinte, quando cheguei à escola, às 18:30, Gislene me esperava no corredor e conversava com Bruno, professor de Geografia. Ela lhe fazia um convite para participar da gravação. Durante a conversa, os dois se desculparam em relação a um desentendimento ocorrido em sala de aula. O fato foi citado pelos colegas na gravação feita no dia anterior. O professor Bruno concordou em participar no dia em que ele tivesse horário vago, na sexta-feira daquela semana, último dia de gravação do vídeo.

O diálogo do dia anterior entre Gislene e seus colegas, sobre o desentendimento dela com o professor de Geografia, provocou a ocorrência de um outro diálogo, no corredor do colégio, sem a presença da câmera, pois esse momento não estava sendo gravado.

Na sala de vídeo, nesse dia, havia novos integrantes no grupo. Leonardo e mais duas meninas do primeiro ano “turma E” se interessaram pelo trabalho. Gislene começou a gravação fazendo perguntas para Leonardo. Várias perguntas feitas, no dia anterior, foram repetidas, principalmente, aquelas que tratavam das opiniões dos alunos sobre os professores.

Após uma interrupção na gravação, o grupo de alunos convidado por Gislene apareceu em cena, sentado, um ao lado do outro e, junto com eles, estava Maurício, auxiliar administrativo da escola. Gislene mostrou Maurício, ao centro com um enquadramento aberto, e Felipe, Paulo, Leonardo e Poliana em volta dele. Os alunos repetiram as mesmas perguntas feitas ao vice-diretor da escola no dia anterior. Perguntaram sobre o cartão magnético, a história da escola, a opinião dele sobre a turma do “primeiro E” e sobre sua função na escola como funcionário

responsável pela disciplina fora de sala de aula. Conversaram também sobre a prática de Educação Física no turno da noite, a organização de festas e eventos para os alunos e sobre o que ele mudaria na escola.

Cena 4 – Noite – Sala de vídeo da Escola Estadual Caminho a Luz

(Plano médio de Leonardo. Fala para a câmera.)

L: Pode falar? Eu acho que todo mundo aqui da escola deveria fazer um abaixo assinado para mandar para a Secretaria para exigir que tivesse uma quadra, dar merenda aí, grátis aí, porque esse negócio de ficar pagando merenda desbanca...assim não dá não, assim não pode.

(Poliana retoma a conversa com Maurício. Ele responde a pergunta feita por ela sobre as regras que tiraria da escola e começa a comentar a fala de Leonardo sem ter sido convidado a fazer isso. Nesse momento, Gislene nos mostra com a câmera que existe uma outra pessoa presente ao debate.)

Maurício: Com relação ao abaixo assinado, eu acho até que deve fazer, acho importantíssimo fazer sim, pressiona, às vezes dá resultado, só que a merenda o Estado não vai dar porque por Lei é só para o Ensino Fundamental. A própria Secretaria aí não dá dinheiro para esse tipo de coisa não. Mas abaixo assinado para melhorar a escola, para a Secretaria de Educação é ótimo. Agora, tem que ser os alunos, a comunidade em volta da escola, os pais, irmãos, todo mundo, a gente assinar também, pode ser que dê algum resultado.

O vídeo volta a ser percebido, agora por Leonardo, como um espaço para denúncia. Ele supõe que um “outro” vai assistir à fita e que ali está um documento, um registro, para explicitar o que ele acha que deve ser mudado na escola. Maurício, por sua vez, responde a pergunta que lhe é feita e vê na proposta de Leonardo uma perspectiva de mobilização coletiva para a resolução dos problemas que a escola enfrenta. A denúncia também acontece, mas sinalizando a formação de um movimento participativo potencializando a sugestão do aluno.

O grupo passa a contar com mais uma integrante: a professora de Química.

(Gislene retoma)

G: Bem, junto a nós agora está a professora Elisa³¹, se vocês quiserem fazer perguntas para ela também pode.

³¹ Elisa – professora de Química do Ensino Médio

A professora de Química, Elisa, foi mostrada pelo enquadramento de Gislene antes de ser apresentada oralmente. Aqui vemos o desencontro dos tempos de duas narrativas que acontecem paralelas, uma visual e outra oral.

O diálogo entre os alunos, Maurício e Elisa gira em torno de médias de notas nas disciplinas, do questionamento em torno de notas dadas pela professora de Português e de mudanças de horários pela ausência de professores. Maurício sugere que, caso os alunos observem que os professores não estão cumprindo com suas obrigações, que fiquem atentos e comuniquem tais fatos ao diretor e vice-diretor da escola.

Os alunos que não queriam falar ...

Na seqüência da gravação, o grupo de alunos que criticou a realização do vídeo, no pátio da escola no primeiro dia de gravação, apresenta-se, na sala de vídeo, com a intenção de participar do projeto realizado pela aluna Gislene.

Cena 5 – Noite – Sala de Vídeo da Escola Estadual Caminho a Luz

(Gislene começa a conversa com outro grupo de alunos da turma do “primeiro E”. A conversa segue a mesma linha da realizada com os outros colegas. Gislene pergunta a opinião deles sobre os professores, sobre horário de aulas, entrada na escola, merenda escolar, etc. Até que, em um momento, indaga)

G: Vocês sabem dizer três qualidades e três defeitos da escola?

(Os alunos respondem a pergunta de Gislene, entretanto sem listar quais as qualidades e defeitos da escola.)

A pergunta é feita aos colegas de forma didática. Gislene faz uso de um processo comum na escola e solicita que os colegas listem, enumerem, as qualidades e defeitos da escola.

(Gislene continua a conversa perguntando.)

G: O que você acha do relacionamento dos alunos com os professores?

(Um dos alunos responde)

Fabrizio: Eu pessoalmente não tenho dificuldade com nenhum professor não, além do João, porque ele é um cara ignorante, não sabe compreender nada, não sabe falar as coisas na hora certa, para mim ele tinha que sair do colégio.

(Gislene pontua)

G: Vocês tão ligados que o João vai ver isso tudo heim?

Fabrizio: O que que eu posso fazer minha filha? Tá vendo e cês tá falando, então tá, então continua.

(O diálogo continua. Gislene volta a perguntar para outro colega sobre o professor João)

Anderson: Meus companheiros de sala tem algumas coisas para dizer a ele, mas eu, ele nunca faltou com respeito comigo não e no dia que eu precisei dele porque eu estava passando mal ele me liberou.

(Volta a câmera para Fabrizio e faz uma pergunta)

G: Qual recado você tem para ele, Fabrizio?

(Gustavo diz que prefere não opinar e Fabrizio o repreende.)

Fabrizio: É só cê fazer tudo na aula dele, oh. Ele não vai fazer nada contra você não, sô.

Destacamos o momento em que a narradora faz um alerta aos colegas informando que o vídeo será visto por todos. No entanto, Fabrizio responde que falará assim mesmo. Gislene pergunta aos colegas o que os trouxe à sala de vídeo, naquele momento, uma vez que haviam questionado a validade do trabalho no dia anterior.

Fabrizio: A vontade de me expressar e de lutar pelos meus direitos como cidadão.

Gustavo fala que acha que está ali para falar a verdade e diz que a verdade deve ser dita.

G: O que vocês acham de eu estar gravando cês falando sobre isso?

Fabrizio: Ah, eu acho uma coisa boa porque tá todo mundo se expressando e reivindicando um direito que é nosso. (...)

Anderson: Eu tô achando que isso é um direito dos alunos de por a boca no trombone, né? E o mesmo direito que nós temos os professores têm também.

O direito de expressão é introduzido por Fabrizio. Para ela está sendo criado, com a gravação, um espaço de discussão interno na escola, no qual todos podem e “devem” lutar por seus direitos. O encerramento desse trecho da narração foi feito com Gislene perguntando o que os alunos acharam daquele momento. Foi o aluno Fabrizio que voltou a falar afirmando que: “*não quis atrapalhar a vida de ninguém*

não, a vida de nenhum professor não, eu só falei a verdade da competência e de alguns professores que não tem a competência para dar aula, como o João”. Fabrício volta a reforçar que está questionando é a “competência” do professor para ministrar aulas. Mas a questão, segundo ele, não é de âmbito pessoal.

A aula e o professor de Artes...

No dia seguinte, terceiro dia de gravação, a sala de vídeo estava ocupada e fomos, novamente, para o pátio da escola. Os alunos vieram avisar que Huno, professor de Educação Artística estava disposto a participar. Quem o entrevista é Fabrício que, nesse dia, assume o papel de um dos interlocutores participantes, ou co-narradores, assim como Poliana, Marta e Felipe.

Cena 6 – Noite – Pátio da Escola Estadual Caminho a Luz

(Gislene apresenta Huno, professor de Educação Artística. No enquadramento feito por ela estão: Fabrício, seu colega de turma e Huno.)

G: Agora o Fabrício vai fazer uma pergunta para o professor de Artes, o Huno. Pode começar Fabrício.

F1³²: Huno, eu gostaria de saber o que você está achando do colégio, do pouco tempo que você dá aula aqui?

Huno: Olha, para mim achar alguma coisa eu teria que ter mais contato com a escola, porque eu dou apenas sete aulas na escola. Pelo visto, ela é uma escola boa, ainda, porque a educação no país, ela é relegada, nem a segundo plano, né? Talvez até a quinto plano. Então para mim fazer uma análise da escola, eu precisaria ter um contato mais íntimo, vamos dizer assim com a escola(...).

F1: O que você acha dos alunos do colégio?

Huno: Na parte da noite, eu já estudei à noite, eu acho que é mais puxado. Porque você sai de uma jornada de trabalho de um dia inteiro e depois vai estudar à noite, o nível do aprendizado, ele cai, isso é natural (...) educação eu acho, no meu modo de entender é uma coisa voluntária, a pessoa tem que querer, você tem que puxar o professor para seu interesse (...)

A temática Educação surge na fala do professor de Artes que insere a escola no panorama mais geral da educação no país. O diálogo continua em torno do que

mudaria na escola, que opinião tem da turma do “primeiro E”, até o momento em que começou a falar do seu interesse pessoal pela disciplina que leciona.

Dialogando com o diretor da escola ...

Assim que a sala de vídeo foi desocupada, a gravação foi transferida para lá. O entrevistado convidado por Gislene, nesse momento, foi o diretor da escola, Fernando David.

Cena 7 – Noite – Sala de vídeo da Escola Estadual Caminho a Luz

(Plano geral de Fernando David, diretor da escola, entre dois alunos, Marta e Fabrício que começa a falar.)

F1: Qual é o seu nome?

Fernando: Meu nome ? Todo? Fernando David Gomes Jardim.

F1: O que que te trouxe a ser diretor desse colégio aqui, você já tinha alguma influência sobre ele ou ...

Fernando: Bom, para falar a verdade para você eu tenho vinte, mais de vinte anos que eu trabalho na Escola Caminho a Luz, né? Nós começamos lá em Santa Efigênia, na Rua Tenente Garro, e eu tenho raízes na escola. Eu morando no bairro Padre Eustáquio, a uma distância muito grande, sempre, da escola e agora aqui no Bairro Esplanada que nós viemos para cá em 1982. Eu, na verdade, tenho raízes aqui gosto muito da escola e tudo, o trabalho sempre foi desenvolvido aqui (...) é uma escola que tá sempre inovando. Eu fui vice-diretor uma época junto com Dona Thais (...) eu tinha um trabalho para desenvolver, tinha idéias e isso me levou a me candidatar a direção da escola, na verdade fui candidato único (...) e eu percebi que eu tinha grandes chances, mesmo se tivesse outros candidatos de ser eleito, tá certo!

Destacamos a pergunta de Fabrício. Para ele, para ser diretor, é necessário ter uma influência na ou sobre a escola. A autoridade do diretor para ocupar o lugar que ocupa é posta em questão. Na seqüência, Fernando insere em sua fala, a palavra “cidadania” e diz que o ensino não deve se pautar apenas pelos conteúdos escolarizados e que o papel do professor é, também, formar através da postura adotada em sala de aula.

³² O nome de Fabrício, passa a ser representado nos diálogos por F1.

F1: Você dá aula de qual matéria?

Fernando: Quando eu estou na sala de aula, é Biologia no Ensino Médio, e trabalho também com Matemática no Ensino Fundamental (...) Agora também a gente dá aula de cidadania, sempre. Eu acho que um professor além de ensinar a Biologia, a Física, a Química e a Matemática, ele ensina muito mais com a postura dele dentro da sala de aula. (...) você segue exemplos, você aprende a Biologia, mas também aprende outras coisas com o professor, tá?

O diretor também registra a presença da câmera, no próprio registro: *Tá gravando aí (...) Então vamo lá!* Em seguida, Gislene faz um enquadramento mais fechado de Fernando e depois alterna para o quadro mais aberto. As questões abordadas foram: histórico sobre o uso do cartão magnético, o valor cobrado para esse cartão e a ausência de verba para o Ensino Médio na escola. O diretor assume a postura de “esclarecedor” das dúvidas dos alunos, usando, por exemplo, a expressão “tá esclarecido?” para confirmar se o aluno compreendeu sua explicação em torno do custo do cartão magnético. Durante a conversa, houve um momento em que falou da carga horária das aulas do turno da noite:

Fernando: Porque vocês não têm Educação Física, nós poderíamos reduzir três minutos de cada aula, só que nós acrescentamos mais dois, mais dois minutos, né? (repete a fala, olhando para a câmera). Isso dão dez minutos no final do.... mentira, (faz um gesto de negação com a mão para a câmera), desmancha, mentira. A gente tinha reduzido dois minutos por causa da educação física e os três minutos (olha para a câmera) não poderíamos. Mas, eles dão quinze minutos no final do dia, são quinze minutos de aula a menos. (torna a olhar para a câmera).

Ao falar sobre a carga horária das aulas, podemos perceber que o diretor, a todo momento, procura a câmera para responder a ela. Assim, ele reafirma a presença do aparato técnico e a possibilidade de falar também para um “outro” que pode ser o destinatário da gravação. Além disso, adota uma postura didática, ao tratar do assunto. Isto fica claro quando ele solicita que o erro em sua fala seja “desmanchado”, como se houvesse uma borracha escolar, que permitisse fazer isso.

Fabrcio pergunta a Fernando se, na opinio dele, o portao do colgio deveria ficar aberto ou fechado. O diretor responde com outra pergunta ao aluno. Ele muda de posio e se coloca, tambm, na posio de entrevistador. Antes de dar sua resposta, Fernando interrompe sua fala e pergunta se eu (a pesquisadora) poderia entrar na conversa e completa dizendo:

Fernando: J que isso e uma mesa redonda, vocs tm me sabatinando mesmo, tm colocando na parede, heim? (risos) (...) A histria e longa, quanto tempo ns vamos ficar aqui, podemos ir falando? (olha para a cmera). Tem fita ai para gravar isso tudo, ne? E o seguinte... Vocs no achavam que iam pegar uma pessoa que falasse tanto, ne?

Ao mesmo tempo em que compara a dinmica vivenciada com uma "mesa redonda", o diretor diz que os alunos o esto "sabatinando". Sua fala e tambm performtica para a cmera, pois ele volta a perguntar e a confirmar que tudo est sendo gravado. Ele associa o tempo da fala ao tempo da fita e questiona se h fita suficiente para tudo que pretende dizer. Em seguida, Fernando continua a explicao sobre a postura da direo da escola em relao ao horrio de entrada.

(Marta faz uma pergunta a Fernando):

M: Voc se acha um bom diretor?

Fernando: P, menina, isso e uma auto-avaliao, ai e danado heim ! Ichi, Maria ! Olha, eu vou falar a verdade para voc, eu no me acho um mal diretor no, eu me acho um bom diretor. Muitas vezes, no, j errei muito, j errei muito. Hoje eu erro menos, t? (...) hoje eu acho que eu tm conduzindo bem, (...) a gente ser flexvel, no quer dizer que a gente e bonzinho no. Isso (termina olhando para a cmera).

Quando Marta questiona sua competncia, ele responde perguntando se o que est acontecendo ali e uma auto-avaliao. Nesse momento, Gislene tambm pergunta sobre o uso de celular em sala de aula e Fernando responde.

Fernando: Eu vou te responder uma coisa, Gislene. Ela no t sendo filmada, ne? Ento eu estou falando para atrs da cmera (olha para cmera ao responder). (...) Voc conhece o Woody Allen ?

G: Quem?

Fernando: O Woody Allen ?

G: Não.

Fernando: Devia conhecer, você está filmando, ele é um grande diretor de cinema, roteirista, tudo (...) Eu li uma frase dele que é muito interessante: “O computador foi inventado para resolver problemas que antes a gente não tinha”. Então o celular foi inventado para resolver problema, porque antes você ia no telefone, cê ia no orelhão, tá certo?(...) Então celular dentro de sala de aula eu acho equivocado.

Fernando inscreve Gislene na narração, apresenta-a dizendo que ela não está sendo “filmada”. Como sabemos, Gislene está gravando, nesse momento, e não aparece na cena. Na seqüência, ele se refere a um diretor de cinema para o que vai dizer. Dessa forma, ele associa o trabalho de Gislene a um diretor de cinema. Em sua argumentação, mostra sua percepção da função das inovações tecnológicas na sociedade. E afirma que para se fazer uso dessas inovações é preciso definir a hora e o local adequado. O diretor termina sua entrevista dizendo:

Fernando: Acho que tudo se resolve com uma boa conversa, mas se precisar chamar papai e mamãe, nós vamos chamar, igual aos meninos de 5ª série.

(Gislene faz uma pergunta a Fernando)

G: O que você achou desse momento, de estar sendo filmado, de falar sobre a escola?

Fernando: Eu espero que vocês não levem a nenhum produtor de cinema, nem para a Rede Globo, tá certo! Eu achei interessante, gostei (...) eu quero ver depois, cês vão editar? Então tá certo, então cês vão tirar muito do que eu falei aí, porque eu devo ter falado muito (...) E gente vai querer ver o resultado final, tá certo. Eu agradeço a oportunidade de estar falando com você atrás da câmera, tô gostando mesmo do seu jeitinho de trabalhar (...).

Ao responder, o diretor faz referência a mídia TV e ao cinema e demonstra conhecer uma dinâmica comum a esses veículos: quando se diz algo para uma câmera, o que foi dito é selecionado, ou seja, é editado antes de ser veiculado.

O professor de História

O professor João foi também convidado por Gislene para participar da gravação realizada na escola. Ele compareceu na sala de vídeo no quarto dia de gravação e foi entrevistado por alguns alunos.

Cena 8 – Noite – Sala de vídeo da Escola Estadual Caminho a Luz

(Plano geral de João, professor de História entre dois alunos, Marta e Fabrício. O aluno Fabrício estava sentado junto com Marta ao lado do professor João. Marta fez a primeira pergunta.)

M: Qual o seu nome?

João: João Gonçalo da Silva.

M: O que te levou a ser professor?

João: Talvez, foi uma situação de espelhar muito em meu pai que foi um grande ídolo foi em minha vida e meu pai foi um cara muito sofredor e foi professor também, desde o segundo grau eu estou no magistério (...)

(Marta continua.)

M: O que você acha da nossa sala?

João: Eu gosto muito da sala, da turma, de modo geral eu gosto de todos os alunos, vocês sabem que eu sou muito rígido, chamo atenção à toa. (...)

(Gislene, muda a lente da câmera e fecha quadro do vídeo, fazendo um close do professor.)

João: Principalmente dentro da minha área, História, a gente fala muito sobre a vida, sobre o humano. Então eu quero que meus alunos reflitam sobre a questão do humano e saiam dessa situação de sofrimento de estar sempre acomodado com a situação. E a História ensina exatamente essa situação. Então a gente tem que passar uma História verdadeira e motivar os alunos para lutar. (...) Não resta dúvida que eu pego pesado, sou rígido demais, mas é porque que eu quero que vocês sejam alguém na vida.

M: O que você gostaria mudar na escola ?

João: Primeiro, melhor condição de trabalho para os professores, melhores condições para os alunos, né? Realmente uma escola que desse boas condições para vocês, não uma escola de mentirinha igual esses governantes colocam aí.

(Fabrício faz sua primeira pergunta para João e Gislene faz um movimento com a câmera para mostrá-lo.)

F1: Você dá aula só para o Caminho a Luz ou para outro colégio?

João: Sempre eu trabalhei três turnos, inclusive já dei aula lá em Diamantina, numa Faculdade lá de Diamantina. O ano passado eu dava aula aqui e no Colégio Tiradentes. Então esse ano eu falei, pô, vou cuidar um pouco de mim, que já tô pendurando a chuteira. Esse ano, eu tô só aqui, de manhã e noite.

(Gislene abre o quadro e mostra os dois. Fabrício está com os braços cruzados e olhos voltados para baixo.)

As perguntas feitas pela aluna Marta possibilitam ao professor falar de sua história de vida. Ao contar um pouco de si, João fala de sua inserção no campo da Educação. Observamos que a câmera destaca a postura de Fabrício ao lado do professor João a quem havia criticado anteriormente. Para nós que “vimos a fita”, anteriormente, esse é um detalhe importante registrado por Gislene.

(Interrupção na gravação. Volta em plano geral dos três sentados. Gislene se dirige a Fabrício.)

G: Alguma pergunta Fabrício?

(Fabrício continua. Ele está com os braços cruzados e não olha diretamente para João que está sentado a seu lado e olha para frente e para baixo)

F1: Você acha que tem bastante capacidade a nível médio para dar aula?

João: Deixa eu falar uma verdade com vocês, todo professor, tá certo, quando a gente sai da Universidade. A gente sai cheio de perspectiva de fazer um excelente trabalho. Cheio de vontade, só que, de repente, a gente chega na escola é outra realidade. Falta de condições de trabalho, os alunos, de modo geral, não têm aquele preparo básico que devia ter e outra coisa, assim seríssima, que eu acho na educação pública. Porque é o seguinte, se um professor quiser melhorar o nível dele, ele tem que investir nele próprio e gastando o dinheiro próprio (...) a situação é tão caótica, que de repente, o professor vai perdendo a motivação e cai naquela rotina, porque não tem condição de trabalho (...).

(Gislene torna a fechar o quadro em João que continua a falar.)

João: Eles não investem na educação no Brasil, então falta apoio, principalmente financeiro. O ideal seria que houvesse investimento na educação pública principalmente (...) A escola pública significa o quê? Uma escola de povos que devem continuar a ser dominados

Fabrício acaba dirigindo uma pergunta ao professor. Questiona sua competência para dar aulas de História aos alunos do Ensino Médio. A resposta é ampla, para tratar da motivação para dar aulas, João apresenta sua impressão sobre a realidade da educação no Brasil e insere o debate nesse contexto. O assunto é tratado sob o ângulo histórico, que é coerente com a disciplina lecionada pelo professor.

(Gislene dirige a câmera para Marta que está posicionada ao lado de João. Marta olha para ele e faz uma pergunta.)

M: Você se considera um bom professor?

(A câmera volta a mostrar João em close.)

João: Não, (pausa)... não. Exatamente por causa dessas situações que eu falei para você. A gente vem cheio de esperança de fazer um bom trabalho

de ter apoio e fica, é como diria, sozinho, né? Sem uma retaguarda, sem um apoio necessário.

(Gislene mostra plano geral dos três novamente. Fabrício continua ao lado do professor, sentado, com os braços cruzados e de olhos voltados para baixo.)

João: E volto a frisar, aula, escola significa, não é só professor não, cuspe e giz, tem muita coisa atrás disso, não é? O que que deveria (...) acontecer dentro de uma escola igual a essa. Ter um auditório, para a gente trazer periodicamente pessoas diferentes para dar palestras, falar (...) então eu acho que o meu limite como professor, infelizmente, tá chegando ao fim. (...) exatamente por falta de perspectiva, falta de esperança. As pessoas que (...) comandam a educação não são pessoas sérias, tá certo! (...) Jamais a gente teve oportunidade de fazer uma reivindicação, colocar o que a gente sente, a vontade da gente, chamar os pais, participação da comunidade, sobre a realidade da escola, tá certo! Então é uma falência total da Educação, certamente porque as duas molas mestras que deveriam mover a Educação, aluno e professor, estão totalmente apagadas, totalmente desmotivadas.

(Gislene interfere.)

G: E o número de alunos acha assim que você deveria ser, assim igual aos outros professores, ser um pouco mais aberto. Você sabe o que eu quero dizer, igual o professor, por exemplo, de Biologia, o que que você acha disso?

João: Deixa eu falar um negócio, é uma situação complicada. A gente tem que respeitar a individualidade das pessoas. Deixa eu falar uma coisa séria para vocês, desde que eu comecei a dar aula, eu comecei a dar aula com 21 anos de idade, eu sempre fui um cara assim, fechado.

(Enquanto João fala, Gislene balança a câmera e o tira um pouco de quadro, Fabrício levanta os olhos e fixa na câmera.)

João: Sou amigo demais dos alunos, (...) mas com relação a minha maneira de ser, isso aí jamais alguém vai me mudar. Então isso aí é uma questão individual de cada um. Sou amigo demais dos alunos aí, às vezes, eu compro briga para aluno aí que, às vezes, o aluno nem sabe que eu tô comprando briga para ele. Da mesma maneira que eu sou com vocês, eu sou com meus filhos, sô um cara duro, sou amigo na hora de ser, mas sou duro.

(Fabrício faz uma pergunta)

F1: O que você acha da direção do colégio?

João: A direção (...) as direções das escolas públicas, principalmente, estaduais tão totalmente perdidas. Sem o que fazer, tá certo, eles recebem ordem de cima para baixo. Então chega determinadas pessoas que não têm um mínimo compromisso, entram lá por questão política, tá certo. E ficam mandando em escola, então vejam bem, normalmente essas pessoas que entram (...) infelizmente, direção de escola hoje é um joguete nas mãos dos políticos.

(Fabrício volta a perguntar)

F1: Você acha que alguém aqui do colégio, tem a capacidade de sair daqui enfrentar o vestibular e passar?

João: Perfeitamente, nós temos vários alunos nossos, né? Inclusive meu sobrinho que estudou aqui e hoje ele está fazendo Comunicação. Só cortar um pouquinho, eu fico muito brigão com vocês, apesar dos pesares do que acontece, o que eu quero passar para vocês exatamente isso. Esse espírito de luta, esse espírito de perseverança, vou lutar contra tudo e contra todos, mas vocês têm que chegar lá. Não é acomodar com a situação, não.

(Na seqüência da entrevista foram abordados vários assuntos como o uso do celular em sala de aula, o fechamento do portão de entrada da escola. Depois, Gislene volta a perguntar sobre sua gravação, agora ao professor de História)

G: E para encerrar, né? O que que você achou de dar sua opinião de estar sendo filmado?

João: Eu achei, volto a repetir, tô achando interessantíssimo. Você lembra que sexta-feira eu conversei com você (...) muito bom, bola para frente, tá certo, muito bom, tá certo, vocês que já tem a retaguarda de uma pessoa que está fazendo Mestrado, ela mais do que eu pode passar o que realmente significa um Mestrado na vida de uma pessoa, tá certo. (...) Vocês tem que analisar muito a situação dela, porque ela poderia ir numa escola de classe A, aí, uma escola de burgueses e ela veio numa escola de periferia. Então de certo ela também tá preocupada com a situação. Então cês têm que procurar dar o maior apoio e sugar o máximo possível dela.

O professor João, fala em “individualidade”, justifica que cada um tem uma forma de se expressar. A questão da subjetividade aparece em seu discurso. O contexto da pesquisa surge também na fala de João, quando ele me apresenta como alguém que está investigando a realidade e faz referência à titulação, ao mestrado. Enfatiza isso para os alunos e aponta como a possibilidade de adquirir um conhecimento a mais e que deve ser aproveitada ao máximo por eles.

A narradora entra em cena

Na sala de vídeo, no último dia de gravação, Gislene muda de posição e se apresenta para a câmera. Pede a um de seus colegas de turma, Paulo, para assumir a operação do equipamento de gravação.

Cena 9 – Noite – Sala de vídeo da Escola Estadual Caminho a Luz

(Gislene está sendo gravada por Paulo. A cena começa com um plano em que a cabeça dela não aparece, depois a câmera sobe e mostra o rosto da menina.)

P1: Qual o seu nome?

G: Gislene

P: O que que você acha dessa escola?

G: Bem, é meu primeiro ano nessa escola e eu achei, não, eu acho essa escola legal.

P1: Você gostou de alguma aula, assim?

G: Bem, aula, acho que todas explicam bem.

(Corte na cena, Gislene coloca o dedo na câmera.)

P1: Já apertei há muito tempo (...).

(Gislene continua.)

G: Não entendi a sua pergunta.

P1: Qual professor você tiraria da escola?

(Paulo muda o ângulo da câmera e fecha em um plano do ombro da menina. A câmera fica procurando o rosto dela.)

G: Bem, eu não tiraria nenhum, porque todos são excelentes. O João, pergunta do João, não esquece dele não. O João conversou comigo na secretaria, não é só porque ele conversou comigo não, me deu alguns conselhos, não é só por isso que eu acho ele legal, não. O João é legal, o jeito dele que é daquele jeito mesmo e ninguém pode mudar ele, como ele mesmo disse.

Gislene se coloca efetivamente, do outro lado da câmera. Como aluna da escola e protagonista ou narradora da história que nos conta, ela decide aparecer diante da câmera. Entretanto ela continua interferindo e dirigindo a cena: mostra ao colega como apertar o interruptor do equipamento, solicita que ele “fale do João”, porque ela “pretende” opinar sobre o professor. Também observamos na postura da menina: ela faz uma associação entre a câmera e um espelho. Ela se arruma para “ser vista” e se comporta como se estivesse vendo a si mesma, no momento em está sendo enquadrada pela câmera em close, e confere sua roupa olhando de um lado para o outro do seu ombro, como se estivesse diante de um espelho.

(Gislene movimentava-se o tempo todo na frente da câmera e faz expressões de estranhamento ao falar que não tem intimidade com o professor de Matemática. Paulo continua a conversa)

P1: E a professora de Inglês?

G: A professora de Inglês explica muito bem também, ela é um show. É legal.

P1: E de Artes?

G: De Artes, olha é... Vocês que estão aí me assistindo. Ainda bem que isso vai sair. É... (faz uma pausa e olha para o lado)

G: Tá dando para ouvir, Cristina?

(Gislene fica mais séria ao fazer a pergunta.)

G: De Artes, que você falou, a gente só tem uma aula por semana dele. Não tem como eu falar do jeito que ele é assim, no dia de sábado, quando eu tenho aula com ele brinca, ele não é aquele calado que parece ser. A professora de Português, eu não faço questão que ela dê aula na nossa sala, porque ela mesmo falou, ela se sente obrigada (Ri, ao terminar a frase).

A aula de Artes é citada por ela e, nesse momento, reforça o caráter de registro da câmera, comenta que “ainda bem que isso vai sair”. Faz também uma

referência a minha presença e a “ênfase” que deve ser dada a aquele assunto: “Tá dando para ouvir, Cristina!”. Na seqüência, fala da aula de Português, cuja professora afirma que “se sente obrigada” a estar em sala. Por fim, a questão da mobilização de todos para mudar a escola volta a ser pautada por ela.

(Corte na cena. Depois Paulo volta a perguntar com Gislene em close.)

*P1: O que você acha desse **projeto** que você está fazendo?*

G: Bem, esse projeto que, como você diz, eu estou fazendo, é muito legal. Igual muitos professores já falaram, é uma oportunidade de cada aluno, de cada um de nós, de tá dando seu depoimento sobre os professores todos e não esconder nada sobre a escola, de tá falando sobre a escola, sobre os professores. O que que eles gostariam que mudasse, igual eles falou assim só fica no depoimento mesmo. Não, não fica só no depoimento não. Se a gente quiser nós conseguimos cumprir tudo que nós falamos aqui.

O professor de Geografia

O último professor entrevistado por Gislene, foi o professor de Geografia. A entrevista aconteceu numa sexta-feira, último dia de gravação na escola. Gislene assumiu um outro lugar na narrativa, o de entrevistadora junto com os colegas.

Cena 10 – Noite – Sala de vídeo da Escola Estadual Caminho a Luz

(Gislene passa a câmera para Marta gravar e fica sentada ao lado de seus colegas. O grupo de alunos está sentado, posicionado em semicírculo diante da câmera. Gislene começa.)

G: Qual é o seu nome?

(A câmera faz um movimento de Gislene para Bruno que olha para a lente e responde.)

B³³: Bruno

G: Você é professor de qual matéria?

B: Geografia

G: Como que você chegou a conclusão de ser professor de Geografia?

B: Bom, na verdade eu nunca pensei em ser professor de Geografia não, isso aí foi um acaso do destino. E acabou que eu caí na Geografia, eu tava no exército e aí eu precisava fazer um curso superior (...) Todos os vestibulares já tinham passado e só uma faculdade dando a oportunidade de fazer o vestibular. Entanto, que eu tinha o propósito de desistir depois do primeiro semestre de curso, né? Porque eu já tava no exército. Só que o processo no exército não deu certo, aí eu comecei a gostar de Geografia e fui até o fim do curso.

³³ O nome de Bruno está representado pela letra B nos diálogos.

G: E você já pensou em ser professor de outra matéria?

B: Na verdade assim, professor, também, né?... tipo de Biologia, porque eu gosto muito dessa área de Ciências Biológicas (...).

(Gislene se dirige a Marta, que está gravando)

G: Não aponta para mim não Marta, porque eu tô lendo se não vai ficar meio sem graça.

(Marta volta a câmera para Bruno em close.)

Voltamos a observar que Gislene dirige a cena, mesmo não estando de posse do equipamento, como anteriormente. As questões abordadas no diálogo foram: o que você acha da escola? O que você acha da turma? O que você acha de celular dentro de sala de aula? E, por fim, ela pediu que o professor apontasse três defeitos e três qualidades da escola.

(Gislene pergunta para Bruno se ele sabe dizer, dentro da sala como é cada aluno e ele responde retornando sua pergunta.)

B: Só esses que estão aqui dentro ou no geral da turma toda?

G: Se você quiser dizer no geral?

B: Sei não, tranquilamente. Vou falar assim, eu tenho seis turmas, duzentos e cinquenta alunos, mas eu sei de cada aluno. No caso específico, igual o trabalho aqui o "primeiro E" eu sei mais ou menos a característica de cada um. O que conversa, o que fica mais calado, como é que é o comportamento de cada um, sei. (Pausa)

Bruno afirma conhecer cada um dos alunos, individualmente. Em seguida, a conversa continua com questões sobre os temas: a entrada na escola no segundo horário; o que ele gostaria de acrescentar na escola; a prática de Educação Física no turno da noite; há quanto tempo ele leciona na escola; opinião sobre a direção; organização de excursões e festas; se ele se considera um bom professor. Enfim, Gislene pergunta aos colegas presentes se eles gostariam de perguntar alguma coisa.

*(Marta faz uma panorâmica com a câmera e mostra os alunos participantes. São três meninos, além da própria Marta, que está gravando. Um dos meninos está monitorando o áudio com o fone de ouvido. Gislene pergunta novamente sobre o **projeto**.)*

*G: O que você está achando de estar participando desse **projeto**, desse aqui agora, (pausa) o que você tá achando de dar sua opinião, de estar falando sobre a escola, o que você gostaria de modificar?*

*B: Participar desse **projeto** aqui, você tinha até me falado aquele dia, né? Assim ficou uma coisa meio no ar, né? Não é que você me deixou vazio assim perdido não. Mas ela (olha para a câmera) me explicou assim o propósito final, e eu acho muito válido a gente tá dando uma contribuição assim... justamente para aquelas pessoas... a gente poder tá dando aquela contribuição, para aquelas pessoas que tão tentando contribuir de uma forma ou de outra com o campo educacional, né? Eu acho válido! Eu achei bom participar !*

(Bruno se volta para a câmera. Interrupção na gravação. Volta a imagem com close dele olhando para Gislene que não é mostrada no quadro.)

G: O que você achou de estar falando sobre a escola, assim da escola toda sobre o que nós estamos fazendo aqui nessa escola. O que você acha disso, e se você tem alguma crítica a fazer?

*B: Não é, igual eu já falei, eu falei no caso, de quem está fazendo a pesquisa, mas esse **projeto** é válido, porque eu gosto assim, eu acho muito legal a iniciativa dos alunos de estar tentando modificar, certas situações, né? Porque se não a gente, às vezes, passa um ano inteiro aqui sem conhecer os alunos, essas oportunidades são muito válidas, né? E apesar da gente ter um contato três vezes por semana, eu observo que tem uns alunos dentro da sala de aula, que simplesmente não ficam satisfeitos só com aquele esquema do cuspe e do giz. Eles tão tendo essa iniciativa no caso essa turma aqui tá tendo essa iniciativa, e eu acho válido, assim, é muito válido a gente ter iniciativa, em qualquer atitude na nossa vida, né? Então eu gostei muito de ter participado, de ter dado a minha contribuição.*

Por fim, o professor de Geografia destaca a iniciativa dos alunos como fundamental para repensar a Escola e uma percepção de que aquela é uma prática diferente da normalmente adotada nela.

A narrativa de Gislene termina com ela assumindo o lugar de protagonista. Ao entrevistar o professor de Geografia, ela assume um posicionamento diferente daquele adotado no início da realização de seu **projeto** na escola.

Vejamos como Jennifer construiu sua narrativa e os espaços e interlocutores selecionados por ela.

2.2 A narrativa de Jennifer

Jennifer tinha 12 anos quando foi chamada para participar da pesquisa. Estava matriculada na sexta série do ensino fundamental da Escola Municipal Israel Pinheiro, sediada no bairro Alto Vera Cruz. A escola ocupa quase uma quadra do bairro e está situada na rua principal, a Rua Desembargador Bráulio. Das três escolas em questão, é a que dispõe do mais amplo espaço físico, com quadra de esporte, ginásio coberto, pátio amplo e biblioteca. É uma escola municipal que segue a proposta da Escola Plural, implantada na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, desde 1994. Na EMIP, nome pelo qual a escola é conhecida no meio educacional de Belo Horizonte, são desenvolvidos vários projetos³⁴ considerados inovadores pela Rede Municipal de Ensino da cidade.

Em 2000, a escola abriu suas portas para realizar o show de lançamento do CD do Projeto Multiculturalismo Comunitário³⁵. No mesmo dia foi exibido o vídeo documentário “Ande sempre gravando e olhando para frente que uma parada pode ser fatal”, do qual participaram os três jovens que integram esta pesquisa: Gislene, Josimar e Jennifer.

Quando convidei Jennifer para participar, ela concordou imediatamente e disse que gostaria de gravar, em sua escola, o projeto sobre Carlos Drummond de Andrade que estava sendo realizado na época. Informou-me que sua turma, naquele período, correspondia com alunos de uma escola de Itabira. Além disso, um grupo de alunos fora até lá para conhecer a cidade e a casa onde viveu Drummond.

³⁴ O termo *projeto* aqui é usado para designar a *postura pedagógica dos projetos*, que vêm sendo difundida pelos órgãos governamentais da área de educação como vemos no texto a seguir: “Significa pensar a escola, seus tempos, seu espaço, sua forma de lidar com os conteúdos das áreas e com o mundo da informação” (MEC, 1998).

³⁵ Esse projeto cultural envolveu os grupos culturais N.U.C. (Hip Hop), Meninas de Sinhá (cantigas de roda) e um grupo de capoeira local na produção de um CD.

Jennifer já havia falado de minha proposta de pesquisa para a vice-diretora, quando fiz o primeiro contato com a Escola Municipal Israel Pinheiro. Sônia Carolina, vice-diretora em exercício naquele período, ou Carol, como é conhecida na escola, sugeriu que Jennifer e eu estivéssemos presentes a uma reunião pedagógica da escola e apresentássemos a proposta aos professores. Embora Jennifer estudasse no período da tarde, foi combinado que a conversa aconteceria nas reuniões dos três turnos da escola: manhã, tarde e noite. No dia 21/08/2002, na reunião pedagógica do turno da manhã, apresentei a temática da pesquisa aos professores. No turno da tarde, Jennifer também esteve presente e apresentamos juntas. No turno da noite, Jennifer participou sozinha da reunião e falou com os professores. A vice-diretora disse que seria bom que isso acontecesse, pois era uma forma de demonstrar e reforçar a “autonomia” da aluna. Não houve objeção durante a reunião pedagógica com relação à realização do trabalho.

O início da gravação aconteceu no dia 10/09/2002, no turno da tarde, horário em que Jennifer freqüentava as aulas na escola. Fiquei aguardando um pouco na entrada da escola até que a menina fosse chamada em sala de aula, no começo do segundo horário. Jennifer pediu autorização do professor de Matemática para gravar. Ele não autorizou alegando que iria aplicar uma prova. Ela me devolveu a câmera e combinamos que eu voltaria mais tarde, no horário de intervalo entre as aulas.

A aula de Educação Física estava começando e Jennifer, com a câmera na mão, tentou passar pelo portão que dividia o pátio interno da escola e a quadra onde acontecia a aula. A professora perguntou o que ela estava fazendo e ela explicou que já havia conversado com a vice-diretora sobre a gravação. Jennifer ouviu a seguinte resposta: “A Carol é apenas a vice-diretora, na minha aula, mando eu.”

Depois de algum tempo de negociação, a gravação foi autorizada. Nesse momento, minha presença também foi notada pela professora.

Embora a pesquisa tenha sido apresentada nas reuniões pedagógicas dos três turnos, da qual participam todos os professores, a professora demonstrou não estar informada do que estava acontecendo e aproveitou para reforçar, em sua fala, sua autonomia para decidir o que deveria acontecer no tempo/espço de suas aulas.

Cena 1 – Tarde – Escola Municipal Israel Pinheiro

(Quadra de futebol de salão da escola. Jennifer começa a testar o som da câmera. Na parte seguinte da gravação, Jennifer está à frente da lente e uma colega a grava. Uma outra aluna presente faz uma pergunta a menina que está gravando.)

Daisellen: Pergunta o que ela acha da Educação Física?

Jennifer: Eu acho a Educação Física muito interessante porque ajuda a gente a desenvolver a mente.

(Enquanto grava meninas na quadra, Jennifer narra.)

J: Estamos aqui gravando a Escola Municipal Israel Pinheiro. E aqui é a educação das meninas da 6ª S e elas adoram a Educação Física. (Vira a câmera para os meninos.)

J: E esses aqui são os meninos também da 6ª S que adoram fazer Educação Física. Vamos ver se eu chamo algum para perguntar.

(Na seqüência, situa o local da narração e assume seu papel. Jennifer com a câmera, faz close de um menino.)

J: O que que você acha da Educação Física?

Aluno: Bom para caramba.

(A próxima imagem é feita no vestiário feminino, Jennifer grava o grupo de colegas)

J: Aqui é as mulheres feias da escola

(As meninas pulam e fazem festa para a câmera.)

Após a Educação Física, a turma 6ª S foi para a sala de aula de Inglês, com a professora Rita. Jennifer pediu autorização da professora para realizar sua gravação e ligou a câmera em sala de aula.

Cena 2 – Tarde - Sala de aula de Inglês

(Jennifer começa com a professora em close.)

J³⁶: Boa Tarde, professora?

³⁶ Os nomes estão representados nos diálogos pela primeira letra, após a primeira ocorrência. Caso haja mais de um nome com a mesma letra inicial, usaremos números para diferenciar um do outro.

Rita: Boa Tarde!

J: Qual é o seu nome?

R: Meu nome, Rita.

J: Qual a aula que a senhora leciona?

R: Eu leciono Inglês.

J: A senhora tem outra preferida?

R: Eu tenho o quê?

J: Outra preferida, que a Senhora gosta?

R: Eu gosto muito de Português também.

(Na seqüência, Jennifer passa gravando, aluno por aluno da turma e pergunta o nome de cada um. Um dos alunos quer saber se ela vai filmar a apresentação. Depois da última menina, ela dá um giro com a câmera e volta para a colega Carolina que afirma ser a "Vanessa Jackson". Após fazer a apresentação da professora, Jennifer apresenta cada um dos alunos, passando pelas carteiras e gravando todos em close. Jennifer continua)

J: De Vanessa você não tem nada.

(Corte para um close de Rafaela, representante da turma, sentada na carteira e alunos assistindo à aula de Inglês ao fundo)

J: Vamos conversar agora com a representante. Qual é o seu nome?

R: Rafaela

Começa o momento da narração em que ela apresenta sua temática principal, o projeto desenvolvido na escola sobre o poeta Carlos Drummond de Andrade. A primeira aluna a ser entrevistada é Rafaela, a representante de turma que esteve em Itabira.

J: O que você pretende fazer sobre Carlos Drummond de Andrade?

R: Eu e as meninas da 6ªS pretendemos fazer uma pesquisa que fale sobre vida de Carlos Drummond de Andrade, o maior poeta brasileiro.

J: Você foi em Itabira?

R: Sim.

J: O que você viu lá?

R: Eu vi a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a primeira escola onde Carlos Drummond estudava, a escola "Premem" e várias coisas.

J: Você sabe que dia que ele morreu?

R: Dezesete de agosto de 1887.

J: Você sabe onde ele foi enterrado?

R: Na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Ele e o filho dele Carlos Flávio Drummond de Andrade e Maria Julieta Carlos Drummond de Andrade, esposa dele.

J: Você sabe se ele tinha filhos ?

R: Sim, um.

J: Você sabe alguma coisa da vida dele?

R: Carlos Flávio Drummond de Andrade. Ele teve quinze minutos de vida pós-parto.

J: Legal, obrigada.

(Corte na cena para um plano geral da turma do ponto de vista da professora.)

A representante de turma, Rafaela é apresentada à câmera e é a primeira pessoa autorizada, por ela, a falar do projeto da escola. Em seguida, Jennifer grava seus colegas repetindo a lição de inglês junto com a professora. Alguns alunos riem e um deles tapa o rosto.

A seqüência posterior de imagens apresenta detalhes dos cadernos dos alunos, nos quais a professora confere se o exercício de casa foi feito. A câmera quase não mostra os rostos dos colegas, só acompanha a mão de Rita assinando cada caderno, um por um. Jennifer faz uma pausa em sua temática principal, o projeto sobre Carlos Drummond, e se coloca ao lado da professora de Inglês conferindo os exercícios dos alunos. Com a câmera em suas mãos, ela atribui a si o poder de conferir se seus colegas fizeram a lição de casa, poder que, na escola, “oficialmente” cabe ao professor. Para isso, ela se coloca ao lado de Rita, acompanhando-a.

*(Jennifer continua mostrando a sala e as colegas. Uma aluna pede para Rafaela escrever o nome da Igreja Nossa Senhora do Rosário, enquanto Jennifer grava as duas em plano fechado. Depois passa a mostrar um ângulo bem fechado de Rafaela escrevendo. Mostra, novamente, a professora ao fundo conversando com a turma e, na seqüência, uma aluna. Enquadra um detalhe do papel onde Rafaela escreveu e vai lendo o texto: A Igreja Nossa Senhora do Rosário, ela foi feita por escravos e negros para se juntar aos brancos. Porque eles também era católicos. Nesse momento, ouvem-se gritos de vários alunos chamando Rafaela e ela respondendo)
R: Eu sou só uma !*

Rafaela conversa com Jennifer. Enquanto isso, os alunos presentes na sala, no enquadramento da câmera são vistos ao fundo, conversam e solicitam a representante de turma.

No dia seguinte, a gravação começa na sala em que será feita uma apresentação do trabalho sobre a visita feita pelos alunos da turma 6^a S à Itabira.

Cena 3 – Tarde – Sala da apresentação do projeto de Carlos Drummond de Andrade

(A câmera mostra o quadro onde está escrito: “Bem vindos para a exposição do nosso trabalho”. Plano geral dos alunos das turmas do primeiro ciclo da escola entrando em sala. Jennifer os acompanha enquanto se sentam nas cadeiras. A voz do professor de Português é ouvida ao fundo)

Jota Jr.:Boa Tarde!

Alunos: Boa Tarde!

J1: Olha, ela está filmando vocês, tem que ser bem bonitinhos tá!

O professor de Português aparece pela primeira vez em cena e, em sua intervenção inicial, registra a presença de uma câmera. Associa a existência de um equipamento de registro na sala de aula à necessidade de um “bom” comportamento diante do mesmo.

(A câmera está mostrando os alunos do primeiro ano do primeiro ciclo em plano mais fechado. Eles acenam para a câmera e dão risadas. Assim que a aluna Rafaela começa a apresentação, Jennifer vira a câmera para ela.)

R: Essa é a segunda parte da nossa apresentação (...) e eu vou começar com o relatório de Itabira sobre a Companhia Vale do Rio Doce.

(Ela começa a ler o relatório e Jennifer grava os alunos assistindo e Rafaela à frente da sala de aula. As imagens seguintes mostram as colegas lendo os cartazes de apresentação do trabalho no quadro e a turma de meninos pequenos assistindo. O diretor da escola e o professor de Português começam a intervir na fala da aluna. Podemos ouvir a voz deles, mas a câmera não os coloca em destaque. Jennifer fecha em detalhe do quadro onde está a frase: “Bem vindos para a exposição do nosso trabalho”. Um dos alunos da turma de Jennifer vai à frente da sala e começa a falar. Ouve-se a voz de Jota, professor de Português, que pede que ele lhes mostre a Igreja que ele desenhou. Ao levantar o papel e mostrar o desenho, as pessoas presentes na sala aplaudem. Logo em seguida, Jennifer fecha o ângulo da câmera para um detalhe do desenho do colega. O diretor da escola nesse momento se aproxima e tira uma foto.)

A escolha do que narrar com a câmera é clara nas imagens descritas, Jennifer enquadra a aluna Rafaela e posteriormente mostra o cartaz feito por suas colegas, em close. A narradora demonstra sua preferência em mostrar o cartaz produzido pelas alunas de sua turma.

O espetáculo vai começar....

A partir desse momento, a apresentação assume o caráter de espetáculo.

Vemos que os alunos aplaudem e o diretor tira fotos.

Os alunos começam a recitar poesias. Quando terminam, todos presentes na sala aplaudem. Jennifer grava a aluna que está à frente da sala e faz uma panorâmica para os meninos e meninas que estão sentados, depois mostra todos batendo palmas. Rafaela volta para frente da sala e fala de um poema de Carlos Drummond chamado “A Confidência de um Itabirano”. A menina pergunta ao grupo se querem ouvir novamente esse poema. Todos respondem que não, ou seja, ouve-se a voz das crianças pequenas respondendo, pois apenas Rafaela está em quadro. Em seguida, ela mostra objetos que receberam da Companhia Vale do Rio Doce em Itabira. Um relógio e uma agenda de Itabira são mostrados em detalhe. Relata que também estiveram numa escola e receberam um marcador de livro com um poema de Carlos Drummond. Começa a ler o poema, enquanto a câmera mostra os alunos do primeiro ano do primeiro ciclo pegando nos objetos recebidos. Jennifer enquadra três colegas na frente da sala se preparando para recitar poesias. O professor Jota passa instruções para as meninas, mas somente sua voz é ouvida. Jennifer intervém pedindo que elas falem alto. As alunas recitam o poema: “Aquarela”.

*Da minha janela a favela é bela
parece pintura, aquela mistura
é palheta de pintor, cada caco de uma cor
o mar vem ligeiro e o vento brejeiro
a pipa pula e dança
brincando de criança
vem a noite ao luar
todo bairro a brincar
a favela é bela
na minha janela.*

(Toda a turma aplaude, ouve-se ao fundo, e depois as alunas passam pela câmera. Em meio a um reboiço de falas das crianças do primeiro ciclo, em plano geral, ouve-se o diretor anunciando que o professor “Jota Jota” vai recitar um poema. Quem vai para frente da sala são as meninas da turma 6ªS que apresentam mais uma poesia. O professor convoca as alunas para um treino da apresentação que acontecerá num dia posterior. As alunas em quadro, plano geral, recitam o poema: “Convite”. Jennifer faz uma panorâmica da sala e todo mundo repete)

Todos: Mais um, mais um!

(O quadro seguinte mostra Jota Jota dizendo que o “Sr. Diretor” está pedindo que ele declame algo para a turma. O professor recita para os alunos e, ao terminar, os alunos fazem festa e repetem a frase: “Mais um, mais um!” Nesse momento, as colegas de turma de Jennifer também estão atrás da câmera auxiliando na gravação. Até que, no próximo quadro, Jennifer aparece na frente da sala e dá uma olhada para a câmera com se estivesse desfilando. Alunos da turma continuam a recitar poemas na frente da sala. O professor de Português anuncia que Rafaela vai encerrar a apresentação, os dois estão em quadro.)

J1: A Rafaela que abriu a nossa seção de nossos trabalhos está com a palavra de novo, diga Rafaela !

R: Por hoje está tudo terminado, mas eu vou falar com Dona Fátima para fazer outra apresentação. Mas não sou eu que vai apresentar, vou convidar a turma dos pequeninos para ver um vídeo, nossa próxima apresentação vai ser um vídeo.

Rafaela, faz o encerramento da apresentação e convida a todos para a próxima atividade que será a apresentação de um vídeo sobre Itabira e o poeta Carlos Drummond.

A aula seguinte a ser registrada foi a de Matemática. Os alunos mudaram de sala e Jennifer solicitou novamente autorização do professor de Matemática. Dessa vez ele permitiu a gravação, pois não aplicaria nenhuma avaliação à turma. Aguardei no pátio, enquanto Jennifer conversava com o professor e fui convidada a entrar para a sala de aula por ela.

Cena 4 - Tarde – Sala de aula de Matemática

(O professor está sendo gravado por Jennifer em plano médio)

Professor: Nos próximos dias, a gente vai estudar Geometria, o que tá no quadro aqui é Geometria. Primeiro a gente vai ver a aula, aqui na sala de aula e, já na semana que vem, nós vamos ter aula lá embaixo, nos computadores, nós vamos ver Geometria nos computadores.

(A turma se entusiasma e começa conversar. Ele encerra sua fala e chama atenção dos alunos. Depois continua a falar.)

Professor: Só que a escola, atualmente, só tem doze computadores, já ganhou mais dez computadores, como a turma tem quarenta alunos, já ganhou dez que devem chegar nos próximos dias, porque aí a gente vai para lá e já cabem dois alunos por computador, porque dez computadores fica apertado (...)

(Jennifer continua gravando a aula de Matemática e vira a câmera para o quadro onde está escrita a matéria. Depois fecha o plano em close do professor. A câmera passa a mostrar o quadro e Jennifer vai narrando as informações e fórmulas escritas, enquanto o professor continua a aula. Por mais algum tempo, a aula de Geometria foi gravada por Jennifer até que ela desliga a câmera e encerra em um momento da fala do professor).

Quando o professor anuncia que, nos dias posteriores, o ensino de Geometria vai contar com computadores, percebemos o entusiasmo dos alunos diante da

possibilidade de acesso a essa tecnologia. A câmera de Jennifer narra a aula de Matemática, mostra como ela acontece na escola e destaca as fórmulas sendo registradas pelo professor no quadro.

A aula seguinte, nesse mesmo dia, era de Português. Após a mudança de sala, Jennifer explicou ao professor que estava realizando uma gravação na escola e novamente me convidou a entrar em sala e acompanhá-la.

Cena 5 – Tarde – Sala de aula de Português

(A primeira cena que aparece é o quadro com anotações do professor. Enquanto isso, Jennifer narra.)

J: Estamos gravando aqui a aula do professor Jota Jota.

(A câmera faz uma panorâmica para o lado e mostra o professor.)

J: Esse é o professor Jota Jota.

(Corte para um enquadramento fechado de uma aluna que está sentada na carteira na frente da sua.)

J: Essa é a aluna Daisellen. Olá !

(A aluna não responde e se levanta para falar com o professor. Jennifer insiste.)

J: Oi .

(Faz um corte e mostra novamente o professor em quadro.)

J: Esse é o professor Jota Jota, professor de Português e nosso professor referência.

(Corta para um plano muito fechado da aluna Daisellen.)

J: Essa é a aluna Daisellen. Qual é o seu nome?

D: Meu nome é Daisellen Aparecida dos Santos.

J: Muito obrigada.

D: Deixa eu falar uma coisa, Jennifer.

(A menina pega o microfone e Jennifer abre o quadro para mostrar seu rosto.)

D: Aqui na aula do professor Jota Jota, várias alunas gostam de ficar assim, de se divertir né? Mas tem hora toda aí, né? Que a coisa fica feia para o nosso lado, porque ele é muito legal. Ele fala palavrão ! (pausa) Ele vai mostrar o que a gente tava fazendo aqui durante mil e mil anos. Quando eu vim para cá, ah!! (dá um gritinho).

(Jennifer está gravando o professor Jota em plano aberto. Ele fala para uma aluna)

J1: Carolina, pode sair.

(Jennifer fecha o plano. Jota continua)

J1: Pode sair, depressa, anda!

(A câmera passa a mostrar Carolina batendo os cadernos na carteira e levantando-se. Jennifer narra, em voz baixa, para a câmera.)

J: A Carolina está respondendo. (pausa) Ela respondeu o professor, a própria vice-representante de turma. Isso é um absurdo, a representante e a vice, xingar o professor, que horror. Nossa !

(Jota continua a chamar a atenção de Carolina.)

J1: Não fica retrucando, você tem que calar a boca e já começou errado aí

J: Ela está respondendo o professor.

(Jennifer acompanha Carolina com a câmera.)

J: E neste momento, ela está saindo de sala.

Jennifer narra a cena em que Carolina é convidada a se retirar da sala de aula pelo professor de Português. Sua narração é em voz baixa como se estivesse contando um segredo para a câmera e, nessa hora, coloca em pauta a autoridade do professor na escola. Questiona a postura da aluna que é vice-representante de turma e está “respondendo” o professor. No entanto, percebemos um tom irônico em sua narração, principalmente quando diz que “é um absurdo”, um “horror” a aluna que representa a turma “desafiar” o professor.

(Corte para Jota em close sentado em sua mesa.)

J1: Hoje mesmo, já ouvi palavrão aqui. Palavras de chão mesmo, palavras sujas, aqui não é lugar disso. Se você fala lá fora, se você fala na sua casa, quando eu falo você é qualquer um, fala na sua casa, fala no beco aí. Aqui você tem que ter educação, aqui é diferente. Escola é para isso, e não tem que retrucar não, senta no rabo e fica quieto. Alguns só entendem assim sabe, às vezes, a gente trata com carinho, com atenção não adianta, só quer pau mesmo (arruma as folhas na sua mesa). Parece que não está acostumado com outra coisa.

Em seguida, o professor Jota responde dirigindo-se à câmera e justifica sua atitude perante os presentes e para “os outros” que poderão assistir à gravação. Observamos uma contradição em sua fala. Essa contradição ficou explícita porque anteriormente a aluna Daisellen, afirmou que o professor falava “palavrão” em sala de aula. Jota Jota questiona os alunos por falarem “palavras sujas” que, para ele, só devem ser ditas no “beco” onde moram. Para ele a escola não é lugar para se dizer tais palavras.

(O professor olha por baixo dos óculos e pergunta, agora em voz baixa)

J1: Eu dei visto nos cadernos da última vez?

(Jennifer faz uma panorâmica pela sala e mostra os alunos, enquanto isso Jota continua.)

J1: Rafaela eu tô precisando de ver seu caderno, principalmente, depois dessa resposta que você me deu hoje.

(Jennifer mostra Rafaela em plano médio ao fundo narrando.)

J: Essa também é a representante de turma. Ei som, som (o áudio começa a falhar. Depois ela volta a mostrar os colegas e apresenta uma por uma, à medida que vai mostrando-as com a câmera.)

(Depois de uma pausa na gravação, Jennifer recomeça. Está posicionada à frente da sala, ao lado do professor. Jota pede atenção da turma e que os alunos comecem a recitar o poema: “Aquarela”. A câmera vai mostrando, em panorâmica, a sala e os alunos recitando.)

No poema “Aquarela”, já citado anteriormente, a favela aparece como algo “belo” que deve ser apreciada com outros olhos. Voltamos a mostrar a contradição na postura do professor de Português. No poema, a favela surge “bela”, mas nos “becos” (nas favelas têm muitos deles) , falam-se palavras “sujas” que não podem ser ditas na escola.

Jennifer apresenta-nos, formalmente, o professor Jota Jota, como professor referência da turma e demonstra reconhecer nele, uma figura de autoridade, para ela e para sua turma.

(As alunas estão de costas para o quadro e recitam algumas poesias. Jennifer grava, ora em plano aberto, ora em plano fechado. Em uma poesia, Jennifer vai para a frente, junta-se as colegas e passa a câmera para outra aluna gravar. Close do professor Jota Jota.)

J: Professor, qual o seu nome ?

J1: Meu é João José Pinto e conhecido na guerra, como Jota Jota.

J: Porque você escolheu ser professor referência da turma 6^ªS.?

J1: Bom, é um prazer trabalhar com vocês, eu gosto de vocês, de todas as turmas, já que eu caí nessa, nesta turma, tudo bem, eu acho muito bom.

J: De que que você dá aula?

J1: Bom, eu dou aula de Português e Redação. Para vocês.

J: Você gosta de outra matéria, sem ser português?

J1: Gosto. Eu dou aula de Francês, eu gosto de Latim, eu gosto de História, eu gosto de Filosofia, já gostei muito de Matemática, na quinta série, entendeu?

J: O que você, o Sr., tá achando desse projeto que a escola tá fazendo sobre Carlos Drummond de Andrade?

J1: O projeto é válido e veio a calhar, né? Porque coincidiu com o centenário de Carlos Drummond de Andrade. E fez com que os alunos da Escola Israel Pinheiro têm que despertar, assim mais, para a poesia. Haja vista a troca de cartas com os alunos de Itabira. A excursão até Itabira e toda essa movimentação conseqüente. Por exemplo, alunos que não tinham escrito cartas, escreveram para os colegas de Itabira. Alunos que nunca tinham recebido cartas, receberam uma carta e ficaram satisfeitos. Então o projeto foi

válido. O projeto mexeu com toda a escola, mexeu com todos nós, eu acho que ele foi muito positivo.

J: Você foi a Itabira ?

J1: Fui, eu fui a Itabira, eu fiz questão de ir. Embora eu não tenha podido ir com vocês no ônibus. Eu fui depois, de carro. Mas eu fiz questão de ir, porque no dia, eu tinha trabalho de manhã.

Jennifer estabelece um breve diálogo com o professor, mas mantém certa distância respeitosa e o trata por senhor. Centra o foco da conversa naquilo que se constituiu como objeto de sua narração: o projeto sobre Carlos Drummond.

Jennifer começou o quarto dia de gravação nas turmas do primeiro ano do primeiro ciclo. Ao pegar o equipamento comigo, nesse dia, Jennifer pediu autorização à vice-diretora para gravar as turmas do primeiro ano do primeiro ciclo. Logo após se dirigiu às salas de aula e pediu autorização das professoras para gravar. Nesse momento, fiquei aguardando no pátio, pois ela não me convidou a entrar em sala, como fez ao gravar sua própria turma.

Cena 7 – Tarde – Sala de aula de uma turma do primeiro ano do primeiro ciclo

(Jennifer entra em uma sala de aula e pede a autorização da professora para gravar. Começa fazendo uma panorâmica dos alunos. Faz um detalhe do exercício que os alunos estão fazendo: colocando a folha de papel mimeografado em frente à lente da câmera. Depois, registra a professora escrevendo no quadro e fazendo perguntas aos alunos. A professora pergunta aos alunos o nome da escola. A turma repete o nome completo junto com ela. A câmera mostra um detalhe do quadro no qual a professora apresenta um exercício. Jennifer termina a gravação na turma fazendo um último plano geral dos alunos sentados.)

A narradora contextualiza sua escola ao mostrar-nos uma turma de alunos mais jovens, cursando o primeiro ano do primeiro ciclo. No turno que frequenta, ela convive também com alunos dessa faixa etária. Em sua gravação, registra o quadro e a forma como a professora ministra as aulas.

Posteriormente, a aluna entrou na sala de Geografia e pediu autorização da professora para gravar a aula. A professora percebeu minha presença junto com Jennifer e convidou-me para entrar e acompanhar a aluna.

Cena 8 - Tarde – Sala de aula de Geografia

(Jennifer está sentada, fica do fundo da sala e grava a turma e a professora apresentando o projeto intitulado “Hemeroteca”. A câmera mostra a professora chamando a atenção da aluna Carolina. Jennifer se aproxima da professora com a câmera e a mostra lendo um texto escrito no quadro, sobre o projeto da Hemeroteca. Alterna lente da câmera, em alguns momentos, fecha o plano em detalhe do quadro ou do jornal que a professora está mostrando em outro ou, ainda, abre o plano e mostra a professora com o quadro ao fundo. Na seqüência, faz uma panorâmica dos alunos assistindo à aula e volta para a professora. Aline, a bibliotecária da escola entra na sala para participar da aula, Jennifer mostra um plano fechado dela cumprimentando a turma. A câmera fixa em Aline explicando, no quadro, como fazer uma citação correta de uma matéria de jornal. Faz um detalhe do exemplo escrito no quadro. Quando Aline pergunta se há alguma dúvida, Jennifer responde de trás da câmera.)

J: No, Não.

(Uma aluna faz uma pergunta, ela vira a câmera para ela depois volta para Aline para gravar a resposta. Aline continua a explicação por mais um tempo, e a professora de geografia também participa, entretanto, a câmera fica mais centrada em Aline.)

No último dia, Jennifer começou a gravação na sala de aula de Ciências. Pediu licença à professora para entrar com a câmera e registrar a aula. A professora não se opôs e, também, percebeu minha presença e convidou-me a ficar na sala. Logo depois, perguntou porque aquela aula e não outra estava sendo gravada pela aluna. Justificou que, em outros momentos na escola, ministrava aulas mais interessantes para o registro com uma câmera. Respondi que aquela aula estava sendo gravada por ter sido escolhida pela aluna.

Cena 9 – Tarde – Sala de aula de Ciências

(Plano fechado da professora. A câmera vira-se para uma aluna que está lendo um texto. Jennifer aproxima-se da aluna e a coloca em close lendo o texto. Interrompe a gravação e volta fazendo uma panorâmica dos alunos sentados em suas carteiras. Enquanto a professora explica a reprodução dos répteis e dos anfíbios, a câmera fixa-se nela. Há um momento em que

Jennifer chama a professora e ela olha para a câmera. A gravação da aula de Ciências continua por mais um tempo, Jennifer alterna com imagens da professora explicando a matéria no quadro e também mostra uma colega lendo o livro didático para ela. Nesse momento, o livro é visto em plano fechado enquanto a aluna lê o texto escrito para a câmera.)

Tanto na aula de Geografia quanto na de Ciências e até na de Matemática, gravadas por Jennifer, a câmera assume uma “postura didática”, ou seja, reforça a forma que os professores ministram suas aulas na escola: pelo uso da linguagem oral e pela escrita no quadro. Há um momento, na aula de Ciências, em que Jennifer mostra até os detalhes do livro didático ao gravá-lo sendo narrado pela colega Daisellen.

Após a gravação em sala de aula, Jennifer dirigiu-se até a sala dos professores, pois havia marcado uma entrevista a professora de Ciências, Adriana. Chegando lá, ela encontrou uma professora do primeiro ano do primeiro ciclo e resolveu entrevistá-la também.

Cena 10 – Tarde – Sala dos professores

(Jennifer realiza uma entrevista com uma professora do primeiro ciclo. Em plano fechado.)

J: O que você acha de dar aula para o primeiro ciclo?

Professora: Eu acho uma experiência muito interessante, muito importante, porque é o começo da alfabetização. Então é uma experiência gratificante onde você juntamente com seus alunos vai aprendendo e crescendo junto com eles e eles produzindo também. Então é uma fase muito interessante e gratificante.

J: E a Senhora gosta de dar outra aula?

P: A minha experiência é com crianças pequenas (...) eu não tenho experiências com outras séries.

J: Qual seria a melhor aula para você das outras séries, se fosse para a Senhora dar aula?

P: Seria uma continuação então dos ciclos (...)

J: Mas qual seria uma outra aula?

P: Uma outra aula?

J: Se a Senhora fosse dar aula para a gente?

P: Ah, pra vocês. Poderia ser Português, porque eu gosto muito de Português.

J: O que que a Senhora gosta mais de dar aula para o primeiro ciclo?

P: Eles gostam muito das atividades lúdicas, então jogos, brincadeiras. É a parte melhor.

J: E deixa eu fazer uma outra pergunta? Quando a gente temos as provas, a Senhora e as outras professoras dão provas para eles também?

P: Não. Eles não têm provas, eles são avaliados em todos os exercícios que eles fazem diariamente em todas as atividades.

J: Então tá. Muito obrigada.

Adriana já estava aguardando quando Jennifer terminou a entrevista com a outra professora. Passou então a conversar com ela.

Cena 11 – Tarde – Sala dos professores

(Plano fechado da professora de Ciências que faz uma pergunta.)

A: Já tá filmando?

J: Boa Tarde !

A: Boa Tarde !

J: Qual é seu nome?

A: Adriana

J: Adriana, você dá aula de que?

A: De ciências.

J: Qual é a aula preferida da Senhora?

A: A aula preferida?

J: É.

A: Ciências, laboratório.

J: Tem outra?

A: Que eu gosto de dar, aula?

J: Não que a Senhora gosta?

A: Ah, que eu gosto! Eu gosto de Geografia, História, mas para dar aula eu me sinto à vontade em Ciências.

J: Se fosse para a Senhora escolher qual seria a sala que a senhora escolheria para pegar como professora referência?

A: Se eu tivesse que escolher? Ah, eu tô feliz com a minha eu sou referência da sétima Z.

J: Tem muito banguceiro lá?

A: Ah, toda turma tem aqueles alunos responsáveis, tem alunos que estão ali empenhados para estudar e tem alunos que estão ali para brincar mesmo que não se interessam, isso toda tem.

J: No laboratório, quais são as aulas que você mais gosta de dar assim?

A: Ah, no laboratório eu gosto de fazer o exame de sangue, vê o tipo sanguíneo. Os meninos adoram. Medir pressão eles também adoram. O sistema respiratório. Tem várias aulas lá todas as aulas eles gostam.

J: E de que?

A: De Ciências, qual aula que eu gosto?

J: Não, assim qual a Senhora gosta de dar para eles?

A: Ah, todas. Eu gosto de todas as matérias.

J: Se fosse para a Senhora dar aula para o primeiro ciclo a Senhora aceitaria essa proposta?

A: Não. Eu não me preparei para dar aula para o primeiro ciclo, eu não me sinto preparada e eu sou responsável naquilo que eu faço e eu não me sinto à vontade dando aula para o primeiro ciclo.

J: Muito obrigada.

Jennifer dialoga também com Adriana, professora de Ciências, após ter mostrado sua forma de dar aulas. Havia combinado uma entrevista com Sônia Carolina, na sala da direção da escola. Fomos até lá e Jennifer começou sua entrevista. Uma colega de turma, Katiane, pediu para acompanhar as gravações e entrou também na sala.

Cena 12 – Tarde – Sala da direção da escola

(Jennifer faz um close de Sônia Carolina, vice-diretora da escola. E inicia sua conversa com ela. Na gravação, ela estava usando um microfone de lapela e, ela mesma, tinha um fone de ouvido para monitorar a gravação. No entanto, o áudio não ficou registrado na fita e ela não percebeu que isso aconteceu. Quando nos encontramos novamente após as gravações comuniquei a Jennifer que a fala de Sônia Carolina havia sido gravado sem som. Ela me respondeu que havia se posicionado muito próximo de Sônia e que, como ouvia a voz da vice-diretora, não ela não percebeu que o som não estava sendo gravado. No final dessa gravação, Sônia mostrou vários desenhos de alunos da escola que seriam inscritos num concurso com a temática da paz. Jennifer gravou, um a um, os desenhos colocados em frente a lente da câmera.

No final do último dia de gravação, Jennifer convidou várias colegas da 6ªS que haviam visitado a cidade de Itabira para entrevistar. As conversas foram gravadas no pátio da escola. Jennifer ia até a sala de aula e convidava as meninas, uma a uma, para vir até o pátio. Assim que cada entrevista terminava as alunas retornavam a sala. O professor de Português foi informado por Jennifer sobre as entrevistas e autorizou que suas alunas saíssem para o pátio, uma de cada vez.

Cena 13 – Tarde – Pátio interno da escola

(Jennifer entrevista várias alunas que visitaram Itabira e participaram do projeto sobre Carlos Drummond de Andrade. A primeira a falar é Rafaela, representante de sua turma)

J: Boa tarde !

Rafaela: Boa tarde !

J: Qual é o seu nome?

R: Rafaela.
J: Você esteve em Itabira?
R: Ran, ran. Sete de agosto.
J: O que que você viu lá em Itabira?
R: A Igreja Nossa Senhora do Rosário (...)
J: Eu fiquei sabendo que lá em Itabira tem um pico?
R: Tem, o Pico do Amor, e esse Pico do Amor recebeu esse nome porque tinha um índio e uma índia fazendo amor nele. E tem uma lenda que quem abraçar esse pico arranja um namorado bem rapidinho.
J: Eu vou lá. E o Vale do Rio Doce?
R: Ah, é uma grande portadora de minério que o minério dela vai para o mundo inteiro.
J: O minério. Qual é o minério?
R: Tem vários tipos de minério, tem o minério que faz o ouro, que faz as jóias, coisas de ouro, enfim.
J: Como que foi lá, você ficou sabendo onde Carlos Drummond estava enterrado?
R: Na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Tava enterrado ele, o filho dele (...) e sua esposa Maria Julieta Drummond de Andrade.
J: E essa Igreja estava funcionando ?
R: Não, porque é perigoso ela desabar.
J: E eu fiquei sabendo que construíram essa Igreja por causa de uma confusão que teve lá com os brancos e os negros?
R: É foram os negros escravos que construíram essa Igreja para se juntar aos brancos, porque sua religião era católica.
J: Então tá, muito obrigada.
(A imagem mostra o pátio da escola e uma voz em off)
Essa é a chefe de turma Rafaela.
(Corte para a aluna que acabou de falar em off na imagem anterior)
Jennifer começa:
J: Boa Tarde !
Katiane: Boa Tarde !
J: Qual é seu nome ?
K: Katiane.
J: Katiane, o que você está fazendo aqui na escola?
K: Eu sou apenas estudante.
J: E você é estagiária da Jennifer e da Cristina?
K: Sou.
J: E o que você faz para elas?
K: Ah, eu fico carregando as coisas vejo como é que está a câmera, sabe.
J: E tem outra coisa que você faz, sem ser isso, que você faz para elas?
K: Não.
J: E quais foram os lugares que vocês gravaram, que você mais gostou?
K: Ah, foi a Dona Adriana, ela é muito engraçada.
J: E o outro?
K: Ah, a Dona Carol.
J: E o que você mais gostou?
K: O Pedro.
J: Ah, da secretaria!
K: Foi ocê que mandou eu falar.
J: Da secretaria?
K: Foi. É.
J: Então tá, obrigada.
K: De nada.
J: O que você achou de fazer o vídeo da escola?

K: Ah, muito legal!
J: Então tá, muito obrigada.
K: Nada!
(Jennifer conversa com outra colega que esteve em Itabira)
J: Boa Tarde !
Daniela: Boa Tarde !
J: Qual é seu nome?
D: Daniela.
J: Fiquei sabendo que você foi em Itabira, que que você viu lá?
D: Eu vi o centenário do Carlos Drummond, vi o Pico do Amor e vi o Museu. Vi também a escola por onde que a gente corresponde carta. Vi também é, diz que tem uma lenda que diz que quem abraçar a cruz, é, nunca mais. Diz que tem uma lenda que se abraçar a cruz arruma namorado rapidinho.
J: Você viu alguma coisa do Carlos Drummond de Andrade?
D: Vi muita coisa.
J: O que cê viu você pode contar para a nós aqui então?
D: No centenário, eu vi algumas fotos sobre o Carlos Drummond, no museu. Vi é, a sua filha Julieta, nas fotos.
(Katiane que está ao lado de Jennifer pergunta)
K: Filha Julieta ou mulher, mulher, né?
(Daniela responde olhando para ela)
D: Não, filha Julieta, minha filha!
J: E a mulher dele você viu?
D: Não.
(Katiane entra na conversa novamente)
K: Ela já morreu gente, né?
J: Você sabe quantos filhos que ele teve?
D: Dois, mais um, nasceu, mas depois de 15 minutos morreu (...)
J: E o outro?
D: A Julieta?
J: É.
D: Ah, eu não fiquei sabendo muitas coisas sobre a Julieta, mas sim do Carlos Drummond.
J: Muito obrigada.

Jennifer conversa também com outra colega que foi em Itabira e repete as mesmas perguntas feitas para as outras alunas. No diálogo com suas colegas, Jennifer retoma o projeto Carlos Drummond de Andrade, temática que nos disse ter escolhido como principal para sua gravação na escola. As perguntas giram em torno da vida pessoal do poeta. As colegas se contradizem e cometem erros ao contar detalhes sobre a visita a Itabira e sobre a família do escritor. No entanto, Jennifer, parece não se importar com isso, para ela, a interlocução vai acontecendo com cada uma das colegas.

A colega Katiane, documenta na fita, o fato de ser uma assistente de Jennifer e minha. Jennifer pergunta-lhe o que achou de fazer o vídeo e o que mais gostou. Katiane fala de suas preferências e conta-nos que momento mais interessante para ela, foi quando estiveram na secretaria do colégio e gravaram o funcionário Pedro.

Cena 14 – Tarde – Interior da sala de aula de outra turma da escola

(Jennifer entra em outra turma e, depois de pedir licença a professora presente, grava imagens dos alunos sentados em suas carteiras. Uma das alunas dessa turma que também esteve em Itabira é convidada por ela para falar na área externa à sala)

J: Boa Tarde !

Renata: Boa Tarde !

J: Qual o seu nome?

R: Renata

J: Você foi em Itabira?

R: Fui. Primeiro nós passamos na Vila Doce, da Vale do Rio Doce. Fomos no Pico do Amor, vimos Hidrelétricas. Ai Itabira, ela é a maior, rica em, é a maior hidroelétrica do mundo. Em Minas Gerais, ela é a maior.

J: E qual lugar cê viu, sem ser esse?

R: Não, nós fomos no Pico do Amor, onde dois casais morreu. Fomos no Memorial do Drummond de Andrade que mostrava as fotos deles pequena. Mostrava eles recém, né. Fomos no Museu. E fomos na senzala. Senzala onde ficava os escravos, os preto. E passamos na escola do Premen. Fomos na escola e visitamos todo mundo, conhecemos todo mundo e, depois disso, nós vimos embora.

J: Você foi aonde ele foi enterrado?

R: Não, eles não mostraram. E nós fomos também numa Igreja, o Rosário, que nós pisava, não era o chão, era o túmulo.

J: Então tá, obrigada.

Jennifer faz uma última entrevista, com uma aluna de outra turma que também esteve em Itabira e termina sua narração com um agradecimento formal a entrevistada. A gravação é encerrada, Jennifer me devolve a câmera e retorna a suas atividades. E passamos a explorar, a partir de agora, a narrativa construída por Josimar.

2.3 A narrativa de Josimar

Josimar tinha 14 anos e era aluno da oitava série do ensino fundamental Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, no Bairro Vera Cruz, quando foi convidado a participar da pesquisa. Antes mesmo que eu entrasse em contato com a escola, Josimar tomou a iniciativa de consultar a Coordenadora Pedagógica e perguntar se seria possível fazer um trabalho com vídeo na escola. Depois, relatou-me o fato e passou-me o telefone de contato da escola que fica situada entre os bairros Vera Cruz e Alto Vera Cruz e atende, principalmente, aos moradores da região mais alta.

Josimar freqüentava o turno da manhã na escola e convivia com outras turmas da oitava série e com alunos da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Essas eram as séries oferecidas pela escola no período da manhã. O prédio escolar fica numa quadra que sedia também uma unidade da Polícia Militar e um clube ligado a mesma corporação. O espaço para o lazer na escola é bem restrito e as aulas de Educação Física acontecem em um pátio coberto que fica entre as salas de aula. A escola conta com uma Biblioteca (com o mesmo espaço físico de uma sala de aula tradicional) e com uma sala, um pouco menor, para exibição de vídeos, além de dois andares com salas de aula.

Contatei Telma, a diretora, e marquei uma conversa. A proposta da pesquisa foi apresentada a ela que autorizou a realização do trabalho. A partir daí, ficou combinado com Josimar que faríamos as gravações em cinco manhãs no mês de setembro de 2002. Na primeira semana, numa terça, quinta e sexta-feira; e na semana posterior, numa segunda e quarta-feira. Como na quarta, que seria o último

dia de gravação, as aulas foram suspensas, terminamos o trabalho na quinta-feira seguinte.

Ao chegar à escola, no primeiro dia de gravação, entreguei a câmera a Josimar e fiquei no pátio interno observando. O menino escolheu sua sala de aula. Entretanto, optei pelo procedimento de não acompanhá-lo, postura diferente da adotada que fiz na Escola Municipal Israel Pinheiro. Procedi dessa forma porque achei que minha presença em sala de aula poderia intimidar um pouco Josimar, que já é um garoto tímido. Além disso, meu ponto de observação da escola ficou sendo o do pátio escolar.

Cena 1 – Manhã – Sala de aula: aula de Português

(A aula de Português foi a primeira gravada por Josimar. Ele ficou posicionado a frente da sala, ao lado da professora e fez várias imagens dos colegas assistindo à aula. Começou com o enquadramento aberto, mostrando toda a sala, e depois fez alguns planos fechados. O áudio da fita é o do ambiente, Josimar ficou calado durante a produção das imagens, o som que ouvimos é o gravado pela câmera, ou seja, a professora dando aula e os alunos intervindo quando eram convocados para tal. No momento em que uma aluna fala, Josimar aponta a câmera na direção dela. Em seis momentos, Josimar mostra a professora, mas não se demora no plano, a maior parte do tempo, a câmera fica apontada na direção dos alunos. O tema da aula de Português é o uso de conjunções. Na seqüência, Josimar faz uma panorâmica com a câmera e se demora mais no plano em que duas alunas estão concentradas fazendo anotações em seus cadernos. Há um trecho em que a câmera mostra um dos alunos em plano aberto, no meio dos outros, com a cabeça deitada na carteira. Na última cena, mostra uma aluna escrevendo e um celular posto sobre sua carteira.)

A narração de Josimar começa na aula de Português, no interior da sala de aula. No caso dele, é através da câmera, da imagem, que ele narra. Os destaques são feitos na escolha dos planos que nos apresenta.

Cena 2 - Sala de Aula: intervalo entre as aulas

(Plano médio de uma aluna assentada sobre a carteira. A menina, vista de perfil, responde a uma pergunta de alguém que não aparece em quadro.)
Narrador: Como está o recreio?
Aluna: Está bem calmo o recreio.

Narrador: Tá bem calmo? Você está divertindo?

Aluna: Tô. (...)

(Continuam conversando sobre o recreio e um som de celular tocando é ouvido, nesse momento, o áudio da conversa fica confuso. Outros sons de conversas interferem na gravação. Neste momento, ouvimos a voz de um outro garoto em off, mas só a voz é ouvida, não é possível ver a pessoa.)

Cena 3 - Sala de Aula: aula de Biologia

(O plano seguinte é o da aula de Biologia. Começa mostrando o professor com a turma ao fundo, faz um corte e posiciona-se do outro lado. O professor, que está vestindo uma camiseta com a palavra “Biologia”, está em plano fechado falando. Ouvimos o som dos alunos conversando alto e o professor fica um tempo aguardando para falar. Chama a atenção de uma aluna olha para a câmera e pede que Josimar desligue a câmera.)

(A imagem seguinte mostra o professor continuando a aula. Logo em seguida, é feito um plano dos alunos, um deles está cobrindo o rosto com um livro. Abre para um plano geral da turma com os alunos sentados, ao fazer uma panorâmica da sala, uma das alunas mostra uma folha de papel com algo escrito. A câmera mostra a menina em plano fechado com o papel, no qual está escrito: “Sandy e Junior, eu amo vocês, Paola”. Josimar faz um movimento rápido para o outro lado da sala e volta a mostrar o professor de Biologia pedindo aos alunos para ficarem calados para que ele continuasse a aula. Josimar acompanha o professor pela sala explicando o conteúdo da aula por mais algum tempo.)

O destaque dado por Josimar, quando grava a colega de sala que mostra um cartaz com os dizeres: “Sandy e Junior, eu amo vocês, Paola”, leva a observar que a presença da câmera aqui é confundida com uma “transmissão de TV”. A aluna mostra o cartaz para um público, como se estivesse num programa de auditório televisivo. Mas Josimar não se demora muito nessa cena, faz um rápido movimento com a câmera e passa a mostrar novamente o professor.

A gravação desse dia é encerrada e Josimar se mostra pouco durante as gravações. Ele opta por mostrar-nos sua sala de aula, os colegas e os professores. No segundo dia, cheguei e entreguei-lhe a câmera para que continuasse a gravação. Nesse dia, ele nos apresenta outros espaços.

Cena 4 – Cantina: lanche

(No segundo dia de gravação, a primeira cena acontece na cantina: um plano aberto dos alunos das turmas da primeira série merendando. O plano

seguinte mostra, numa panorâmica, os alunos do ensino fundamental também fazendo seu lanche. Alguns alunos fazem gestos para a câmera. Josimar fecha em um plano de alguns de seus colegas lanchando e uma voz narra.)

Narrador: Meu microfone tá pegando, tá pegando meu microfone? Som, som...

(A câmera fica ligada por um tempo e faz um corte para outro local, a sala de aula, que é mostrada rapidamente.)

Josimar, continua sendo acompanhado de um assistente, que a câmera ainda não nos mostrou e, que é quem entrevista Márcia, a coordenadora pedagógica.

Cena 5 – Corredor da escola: entrada da secretaria da escola

(Josimar segue andando pelo corredor e mostra o que acontece ao redor e alguns alunos que conversam em uma área aberta. Aproxima-se de Márcia, a coordenadora pedagógica que examina um documento na mão de uma mulher acompanhada de uma criança. Volta-se para o outro lado do corredor, onde podemos ver alguns alunos caminhando. Faz uma panorâmica da entrada da secretaria, mostra o telefone público da escola e centra a câmera em Márcia novamente mostrando-a em plano fechado.)

Márcia: Olha, eu tô achando o seguinte, tem sala que tá melhorando cada dia mais. Agora, infelizmente tem menino que não tá vendo a necessidade de tá fazendo uma oitava série bem feita. Aí eu fico triste com um tipo de coisa assim, mas a maioria tá vendo que estudar é importante, que hoje em dia na sociedade quem não tem um estudo, perde muita coisa.

(É Tiago, colega de turma de Josimar e seu assistente na gravação, quem faz a pergunta, porém ele não é mostrado no quadro.)

Tiago: Hum, hum. Aí os alunos são meio banguceiros...tudo?

Márcia: Olha, me parece que eles tão tendo mais consciência, de que a escola é deles, é da comunidade. Se eles estiverem destruindo o que que vai acontecer: ele tá saindo agora, mas um irmão pode entrar depois, um vizinho. Então ele tá vendo que a escola é da comunidade, quando destrói uma coisa que não é dele, ele tá prejudicando o estudo de muita gente.

Tiago: E no recreio, anda tudo bem, os meninos... ?

Márcia: Tá, no recreio tá ótimo. Tão dialogando mais, tá bem mais tranqüilo.

Tiago: Agora, os professores assim, eles reclamam muito dos alunos?

Márcia: Não, o professor reclama é o seguinte, o professor quer o melhor para o aluno. Então se o aluno tá bom, ele quer que o aluno melhore cada vez mais, ele não quer só um aluno bom, ele quer um aluno ótimo. Então essa é a reclamação de estar sempre puxando o aluno para estar estudando, para olhar a aprendizagem porque esse ano aqui a aprendizagem está em primeiro lugar.

Tiago: Hum, hum. E os meninos da primeira a quarta série? Eles tão pegando bem ?

Márcia: Já melhorou bastante.

Tiago: Melhorou também.

Márcia: Este ano a escola tá com outra cara.

Tiago: Tá com outra cara, né?

Márcia: Começando pela reforma e pelo comportamento dos alunos.

Tiago: Hum, hum, pela reforma e pelo comportamento dos alunos.

Márcia: Porque nós estamos trabalhando com projetos, os alunos tão mais interessados, o estudo tá gostoso de tá estudando mesmo.

Tiago: Mas o que eu já vi e já ouvi, que eles tá reclamando por causa da computação, a computação, tá.

Márcia: Mas já vai começar, porque a Secretaria de Educação mandou tem pouco tempo os computadores, então a diretora até arrumar a sala, porque não pode ser uma sala de qualquer jeito, né? Agora está pronto, então o professor de Ciências já tá usando, o professor de Matemática vai começar a usar. Então vocês já podem tá começando a usufruir disso aí.

Tiago: Hum. Só isso Márcia.

Josimar encerra a gravação com Márcia. Josimar segue a mesma tendência das outras duas narrativas produzidas (de Gislene e Jennifer) ao escolher, uma referência de autoridade da escola para falar. A imagem seguinte é dentro de sala de aula novamente.

Cena 6 – Sala de aula: aula de Matemática

(Josimar começa mostrando a turma, depois vira a câmera para a mesa, onde a professora de Matemática está mexendo em várias folhas de papel. Ela levanta uma parte do caderno e parece se esconder atrás dele. Josimar volta a câmera para a turma)

Cena 7 – Cantina: lanche da oitava série

(Josimar começa gravando a turma lanchando em mesa de alvenaria na cantina e na seqüência mostra as cantineiras trabalhando na cozinha)

Cena 8 – Sala de aula: intervalo entre as aulas

(A primeira imagem é de um colega assentado sobre a carteira, depois faz uma panorâmica da sala.)

Cena 9 – Pátio da escola: intervalo entre as aulas

(Plano médio de uma funcionária da escola que vende balas no horário do recreio.)

Funcionária: Tem que entrevistar é os aluno!

(Tiago conversa com ela, só que não está em quadro.)

Tiago: Não, a Senhora também faz parte dos alunos, né? Senhora conhece aqui todo mundo, nós tamos entrevistando mais assim os alunos, mas a gente tá pegando uma de cada. A Senhora gostaria de dar uma entrevista para a gente?

Funcionária: Depois, agora não, agora eu tô ocupada aqui, não pode né?

Tiago: Cê tá com vergonha?

Funcionária: Não, não é isso não.

Tiago: Tá bom tia, então depois a gente volta aqui.

Josimar e Tiago juntos, ou Tiago, representando Josimar, enfim, eles pretendem mostrar a escola como um todo e fazem um convite a uma das funcionárias administrativas para dar seu depoimento. Na conversa, vemos que os dois alunos, registram também, a voz dos funcionários da escola no vídeo.

Cena 10 – Cantina: interior da cozinha

(Josimar faz um corte e mostra um plano geral da saída da turma do primeiro ciclo, que está ao lado. Ainda ouve-se a conversa da funcionária com Tiago ao fundo. Plano médio das cantineiras lavando os pratos que foram usados na merenda. Corte para entrada na cozinha, Tiago aborda a cantineira.)

Tiago: Tia, a Senhora dá uma entrevista para gente?

Cantineira: Agora eu não posso.

Tiago: Ah, também ! Só uma entrevistinha, tia!

Cantineira: O que você quer saber?

Tiago: Só o necessário.

(Corte na imagem. A imagem seguinte é um plano médio da cantineira e a mão de Tiago aparece em quadro segurando o microfone para ela.):

Tiago: O que que a Senhora acha dos meninos, quando eles estão comendo?

Cantineira: Ah, eu acho que eles ficam mais calmos, mais ...

Tiago: Mais calmo? Mas os meninos assim não é muito bagunceiro na hora de comer?

Cantineira: Ah, eles fazem bastante bagunça sim, entorna comida na mesa.

Tiago: Eles respeitam muito a Senhora ?

Cantineira: Ah, às vezes, né? Tem uns que não respeitam muito não. Tem uns que respeitam, outros não.

Tiago: Aqui na cozinha, aqui, é tudo normal ?

Cantineira: É sim.

Tiago: Vocês dão super bem assim?

Cantineira: É, eu gosto, né? muito daqui. Eles gostam muito da merenda, né?

Tiago: Só isso tia, muito obrigado!

Cantineira: É porque, eu faço para eles, né? O que eu posso fazer, né?

Tiago: Tem uns meninos que ficam desperdiçando, né? Eu acho uma sacanagem....

Cantineira: É, eles desperdiçam, né?

(Eles terminam a conversa. Tiago agradece e ela sai para a cozinha.)

Ao conversar com uma das cantineiras, Tiago volta a reforçar que a escola está sendo apresentada pela câmera em seus vários espaços de convívio. Ele aproveita e ao dar voz a outros sujeitos e expressar sua opinião sobre o comportamento dos alunos na hora do lanche.

Cena 11 – Sala de aula: intervalo entre as aulas

(Plano médio de um aluno da turma. Tiago faz uma pergunta a ele)

Tiago: Nós queremos saber o que cê tá achando do recreio? Se tá tudo bem, correndo tudo bem?

Aluno: Tá, Graças a Deus. A única coisa que tá ruim é que a Márcia não tá liberando o truço para a gente.

Tiago: Não tá liberando não?

(O aluno responde com um balanço da cabeça.)

Tiago: Não, por que?

Aluno: Ah, os meninos faz muita bagunça, mas tem hora que ela deixa, mas depende dos alunos, porque tem muitos alunos que faz da mesa vandalismo, picha. Começa a bater nos negócios, aí a Telma proibiu.

Tiago: Proibiu? Aí o que que acontece, no recreio, na parte do recreio que cê vê?

Aluno: Ah, eu não vejo nada de mais aqui não, eu vejo a intimidade dos alunos aqui, né?

Tiago: Mas tá rolando muita briga aqui na escola?

Aluno: Não, os alunos tá tudo bem com os alunos.

Tiago: Os professor, tá dando bem com os professor?

Aluno: Tá.

Tiago: Que aula mais matéria, cê gosta?

Aluno: Nenhuma.

Tiago: Nenhuma matéria, nem de Educação Física?

Aluno: Nenhuma.

Tiago: Então cê é um menino que não gosta de?

Aluno: Nenhuma matéria.

Tiago: Nenhuma matéria mesmo?

Aluno: Não.

Tiago: Então cê é um menino que se dá muito mal nas matérias?

Aluno: Graças a Deus, não, só tiro nota boa. Até hoje não tirei nenhuma vermelha.

Tiago: Nenhuma vermelha?

Aluno: Nenhuma.

Tiago: E cê tá dando bem da diretora, a Telma?

Aluno: Ah, até hoje eu não troquei idéia com a Telma não, tá muito difícil. Quando eu vou lá procurar ela, para conversar sobre o negócio da Educação Física lá, ela não tá aí, aí nós sai fora.

Tiago: E desse campeonato que os professores tá querendo fazer, e eles falam que os alunos não tá merecendo? O que cês acham?

Aluno: Ah, isso aí vai ser uma grande gincana, é uma brincadeira para todo mundo divertir. Tem muita gente que acha que futebol e Educação Física é negócio de rolar na mão. Educação Física é uma cultura que vem desde das antiga, mas tem gente que não sabe o que é Educação Física, não conhece uma bola. Aí fica difícil, né?

Tiago: Mas na hora da Educação Física rola até briga?

Aluno: Tem vez que na Educação Física rola discussão, mas briga não.

Tiago: E lá no clube, assim, o pessoal lá do clube não reclama muito não?

Aluno: Não.

Tiago: Aqui na escola é tudo normal?

Aluno: Tudo normal.

Tiago: Tudo normal também, todas as matérias?

Aluno: Todas as matérias.

Tiago: Então é só isso.

(O aluno faz um sinal de positivo com o polegar para a câmera)

Ao dialogar com outro colega de turma, a primeira questão abordada é o recreio, o lazer na escola. Na seqüência, outros temas surgem na conversa: as pichações, as brigas que acontecem, as preferências do aluno com relação às disciplinas. Quando o assunto abordado é aula de Educação Física, o aluno ressalta dá ênfase a essa disciplina dizendo ser “uma cultura das antiga”.

Cena 12 – Corredor da escola: intervalo entre as aulas

(Josimar faz panorâmicas das alunas do lado externo da sala de aula.)

Cena 13 – Pátio interno da escola: intervalo entre as aulas

(Plano médio de alunos da primeira série aguardando enfileirados.)

Cena 14 – Corredor da escola: intervalo entre as aulas

(Alunas estão aguardando início da próxima aula e Josimar faz plano médio delas dançando do lado externo da sala de aula.)

Cena 15 – Interior da sala de aula: intervalo entre as aulas

(Josimar grava a movimentação dos alunos na sala, de vários ângulos e planos diversos. Plano médio de uma das alunas, a mão de Tiago aparece em cena segurando o microfone. Uma das meninas fala.)

Aluna 1: O Gustavo é o professor de Ciências. Muito bonito e muito gente boa, sabe?

(Tiago completa)

Tiago: Ele tem cara de camarão.

(A câmera mostra outra aluna em quadro.)

Aluna 2: Ele é lindo demais, ele é um pão! Pãozaão.

(Josimar volta a mostrar a primeira aluna.)

Aluna 1: Ele ensina muito bem.

Tiago: Depois cês vão ver, ele vai ver essa fita, aí vocês vão sobrar.

Aluna 1: Ele pode ver a gente falar que ele é bonito, ele é bonito mesmo!

Aluna 2: Eu tô falando que ele é muito, muito, muito legal e que também ele é bonito!

Tiago: Eu tô querendo ouvir cê cantar, cê é muito afinada menina!

(As duas alunas começam a cantar e Josimar acompanha com a câmera o movimento que elas fazem.)

As colegas de turma de Josimar usam o espaço da câmera para anunciarem que o professor de Biologia é um homem bonito. O tom delas é o

de brincadeira, a gravação é vista por elas, como algo que complementa o momento de lazer, do recreio escolar.

Cena 16 – Pátio interno da escola: intervalo entre as aulas

(Josimar faz planos do pátio e mostra os alunos jogando bola e a movimentação de pessoas no local.)

Cena 17 – Interior da sala de aula: intervalo entre as aulas

(Nesse momento, os alunos estão dentro de sala de aula ouvindo música em um horário vago entre as aulas. A câmera passeia pela sala e faz vários planos e movimentos de todos conversando, dançando e cantando. Há um quadro em que Josimar aparece, demonstrando que era Tiago quem estava gravando naquele momento.)

Cena 18 - Pátio Interno da escola: final das aulas

(Josimar grava Tiago em plano médio sentado no banco do pátio da escola. Tiago faz um depoimento, mas o som não ficou registrado por um problema técnico na conexão do microfone à câmera.)

Cena 19 – Interior da sala de aula: saída da turma

(A câmera mostra os alunos recolhendo seus materiais nas carteiras e saindo da sala de aula.)

Cena 20 – Pátio interno da escola: final das aulas

(Josimar está em quadro, plano fechado. Tiago que está com a câmera gravando, pergunta)

Tiago: Josimar, o que você acha dos professores da oitava série?

Josimar: Eu acho interessante, porque eles nos ensinam não só sobre a matéria, não só nos ensinam, como nos preparam para outras escolas.

Tiago: O que que você acha desse trabalho na escola?

Josimar: Eu acho interessante, porque esse trabalho mostra o que os meninos da escola fazem e dá curiosidade para os outros de saber o que a gente está fazendo.

Tiago: Você acha que tá tendo muita briga na escola?

Josimar: Ah, eu acho que não tá tendo muita não, porque a escola tá ficando cada vez mais organizada, tá cada vez mais melhorando.

Tiago: O que que você acha da diretora?

Josimar: Ah, eu acho ela interessante que qualquer pessoa que chega lá ela apóia e ajuda.

Tiago: Cê tá notando alguma coisa?

Josimar: Tô, todo mundo tem medo de ficar na frente das câmeras, saem da frente. Vão para sala de aula esconderem.

Tiago: Obrigado Josimar, por essa entrevista.

No último dia de gravação, Josimar aparece e passa para a condição de entrevistado. Em sua fala, explicita que os professores e muitos alunos não quiseram ser gravados. Conta-nos o que achou de fazer um vídeo na escola. Para ele, uma oportunidade de dar visibilidade para o que acontece nesse espaço, para que outras pessoas conheçam.

(Corte para plano fechado de Tiago.)

Josimar: Tiago Wagner, em primeiro lugar, bom dia ! O que você acha desse trabalho que nós estamos fazendo aqui na escola? .

Tiago: Eu acho esse trabalho ótimo, esse trabalho avisa mais a gente, entendeu. A gente já vai ficar sabendo o que tá acontecendo na escola, o que acontece no recreio. E tudo mais.

Josimar: E o que que você acha de bom nesse motivo?

Tiago: O que eu acho bom? Ah, eu acho muitas coisas boas, vai um pouco parar as brigas na escola, porque eles vão ficar meio com medo, porque tá gravando, de brigar e passar em certos lugar assim. E eu acho que a diretora tá um pouco lerda com a questão da violência na escola. A professora, a diretora, quando os meninos vão sair da escola, elas não se preocupam se vai ter uma briga, se preocupam só em ficar sentada naquela cadeira lá quieta (...) os meninos sai para lá, ônibus atropelar, elas não tá nem aí.

Josimar: E os professores, o que cê acha?

Tiago: Os professores são bons, os professores passam as matérias boas, explicam. Mas tem uns que não é muito ligado em explicar não. Tem uns que pedem os alunos para copiar no quadro. Mas mesmo assim é bom, mesmo assim eles são bons na matéria, eles passam a matéria certa para a gente.

Josimar: Qual a matéria que você tem mais dificuldade?

Tiago: A matéria que eu tenho mais dificuldade é Português. Porque Português para mim é muito difícil, eu não sou muito chegado em Português, (...) para mim, mais é Matemática, Matemática para mim é essencial.

Josimar: O que é mais interessante na Matemática?

Tiago: O que eu falo sempre são os cálculos, o quebra cabeça, achar o resultado, isso que é bom, se tem que quebrar a cabeça na matéria.

Josimar: Você tá saindo bem na matéria?

Tiago: Não, eu não tô indo muito bem não. (...) No primeiro e segundo bimestre eu tirei nota ruim, né? Agora eu tô tentando me colocar de novo.

Josimar: O que você está fazendo para melhorar?

Tiago: Ah, eu tô estudando, porque estudar é o essencial, (...) se você não estudar, cê não passa nem...

Josimar: Obrigado por essa entrevista e tenha uma boa tarde!

Josimar termina conversando com Tiago, seu co-narrador na escola. Na conversa, eles abordam várias temáticas internas da escola: a violência, a postura da diretora, sua opinião sobre os professores e seu interesse pelas disciplinas.

No geral, sua narrativa é, predominantemente, visual. Ele se preocupa em nos apresentar sua sala, inicialmente, e, depois, outros espaços e sujeitos da escola. Sua voz é pouco registrada, ele escolhe um co-narrador para emprestar sua voz à narrativa em construção.

Veremos, no próximo capítulo, uma análise mais detalhada dos traços de cada uma das narrativas e seus narradores.

Capítulo 3

Traços das narrativas videográficas

Ser dialógico (...), não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. (...) Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. (...) O diálogo é o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam (...)
(FREIRE, 1977, p. 43).

No capítulo anterior, apresentamos as narrativas videográficas de modo panorâmico, pois percebemos essa descrição analítica como essencial para compreensão das trajetórias construídas pelos sujeitos narradores. Neste capítulo, partimos para ângulos mais fechados, como fazemos com uma câmera de vídeo, e destacamos traços particulares de cada narrativa.

Ao ressaltar esses traços, caracterizamos as inserções dos alunos(as)/narradores(as) nos espaços escolares e as formas de apropriação da linguagem videográfica. Destacamos as interações de cada um dos narradores com os alunos, professores, funcionários, gestores e com os ambientes escolares.

Os traços serão apresentados seguindo a mesma ordem adotada para as narrativas.

3. 1 Traços da narrativa de Gislene

Quais foram as escolhas narrativas de Gislene e como ela conduziu o processo? Que espaços escolheu para gravar e o que obteve como resposta dos professores, funcionários e alunos à inserção do vídeo em sua escola? Essas são questões que direcionam nosso olhar na percepção dos traços característicos desta narrativa.

Na gravação realizada por Gislene podemos destacar vários *movimentos*, nas relações entre alunos, professores e funcionários da escola, desencadeados pela presença da câmera e pela proposta de construção de uma narrativa videográfica.

Ao se apresentar ao diretor e dizer que tinha a intenção de produzir um vídeo sobre a escola, Gislene passou a ser identificada por ele de forma diferente. Ela já não era vista apenas como uma aluna da escola, mas como alguém que propôs “algo novo” para a escola.

A entrada de Gislene com a câmera começou pelo pátio da escola, quando convidou quatro de seus colegas de sala de aula para conversar. A escolha do espaço para gravação já havia sido delegada a ela, desde o momento em que a pesquisa lhe foi apresentada. Por outro lado, a direção da escola deu autonomia à aluna para selecionar em que local seria produzido o vídeo.

Depois da experiência inicial de gravar no pátio, a transferência para a “sala de vídeo”, foi sugestão de Gislene. A direção da escola foi consultada e liberou o espaço para realização das gravações, desde que não houvesse nenhum professor solicitando a sala para exibição de filmes para seus alunos. O portão de acesso à sala deveria ficar fechado, por questão de segurança. Segundo justificou-nos um funcionário da escola, havia vários equipamentos no local daí o cuidado a fim de evitar roubo.

A inserção de Gislene no espaço escolar propôs um uso diferenciado da “sala de vídeo”: o espaço, até então, era utilizado pelos professores da escola apenas para exibir vídeos para seus alunos. Com a realização do trabalho, a sala foi utilizada para gravação de um vídeo por uma aluna.

A narrativa videográfica de Gislene apresenta como principal característica, a promoção de um debate com e sobre a escola através do vídeo. Para melhor compreender sua trajetória, passamos a analisar os momentos significativos das interações criados, durante a gravação, com colegas, professores e funcionários da Escola Estadual Caminho a Luz.

Após a apresentação de cada um dos colegas e de uma curta entrevista com cada um deles, Gislene faz uma intervenção oral e muda seu posicionamento e o da câmera, em relação ao grupo de colegas. Temos como *autora* dos enunciados, através da lente da câmera, alguém que é também *interlocutora* “oficial” no universo pesquisado, pois Gislene é aluna da escola. Ela sente-se à vontade para opinar sobre os textos xerocados, por exemplo, que, segundo ela, devem ser fornecidos gratuitamente aos alunos, como acontece em outras escolas. Numa perspectiva processual de uso do vídeo, a narradora se mostra também como uma personagem da história que nos conta.

Reportamo-nos às palavras de Bakhtin sobre o fenômeno da interação verbal. Segundo ele, a verdadeira substância da língua está na interação verbal, realizada através da enunciação.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra *diálogo* num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 2002, p.123).

Nesse caso, destacamos a interação verbal que acontece entre os interlocutores reais presentes no momento em que a gravação acontece. A narradora desencadeou um processo, ou um vídeo-processo, com sua intervenção.

Observamos que, ao longo de sua gravação, Gislene “mudou de posição”: ora sua voz narrava, ora participava do diálogo com seus colegas e professores.

No desenrolar da narrativa, evidenciamos um momento crucial para entender as interações que Gislene criou, com o vídeo, em seu universo escolar. A menina perguntou aos colegas de turma sobre o **projeto** que estava realizando na escola. O **projeto** que, na verdade, era sua narrativa videográfica, apresentou-se como espaço

para exposição da opinião dos alunos sobre os professores e como espaço de troca de opiniões entre os alunos.

Quando opinaram sobre seus professores e sobre as disciplinas ministradas por eles, nesse **projeto** realizado na escola, os alunos passaram a discutir questões como as relações entre professores e alunos no espaço da sala de aula. A conversa que girou em torno do interesse e das preferências pelas disciplinas, também, tornou explícitos os interesses e as preferências dos alunos por um ou outro professor.

Cabe aqui inserir na discussão, a noção de “currículo oculto”, pois usaremos essa noção para entender as temáticas que surgiram nas gravações. Como afirma Tomaz Tadeu (2003, p.76): “a noção de *currículo oculto* exerceu uma forte e estranha atração em quase todas as perspectivas críticas iniciais sobre o currículo”. E acrescenta que “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2003, p. 78).

As relações sociais na escola (entre professores e alunos, entre os gestores e alunos e entre os próprios alunos) são conformadas como currículo oculto. Os defensores da revelação do “currículo oculto” pressupõem que as regras, normas, rituais e regulamentos de organização do espaço e do tempo são parte integrante do aprendizado escolar.

Entretanto, como nos alerta Tomaz Tadeu, é preciso saber bem o que fazer com o currículo oculto. A noção de currículo oculto implica na possibilidade de identificarmos determinada situação como uma instância do currículo oculto. No caso que estamos analisando, as regras e rituais foram explicitadas no diálogo entre professores e alunos, que Gislene provocou, e se tornaram temas recorrentes desse diálogo. O material empírico coletado, revela que Gislene criou uma forma coletiva

para discutir, na escola, temas que, até então, não eram discutidos. De acordo com Tomaz Tadeu (2003, p.80) “a idéia é que uma análise baseada nesse conceito permite nos tornarmos conscientes de alguma coisa que estava oculta para nossa consciência”. Supõem-se que essa consciência possa permitir alguma possibilidade de mudança, ou seja, tornar-se consciente do currículo oculto significa desarmá-lo.

A gravação trouxe à tona, por meio das interações entre os alunos, uma premência em discutir outras relações implicadas no currículo escolar: relações com e entre professores, com a organização do espaço e do tempo escolar. E demonstrou, também, que a percepção do currículo, por parte dos alunos envolvidos, é mais ampla do que parece ser. A discussão de outros “conteúdos” foi enfatizada por eles. Segundo Tadeu, o conceito de *currículo oculto* “expressa uma operação fundamental da análise sociológica, que consiste em descrever os processos sociais que moldam nossa subjetividade, como que por detrás de nossas costas, sem nosso conhecimento consciente” (SILVA, 2003, p. 80).

Conversando sobre o **projeto**, Gislene e seus colegas concluíram que deveriam ouvir a opinião dos professores. O diálogo, que antes era sobre os professores e as disciplinas, passou a ser com os professores e sobre a escola.

Voltamos a dialogar com Bakhtin, quando o autor afirma que um enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. É na alternância de sujeitos falantes que se determinam as fronteiras do enunciado. “Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem são auto-suficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente” (BAKHTIN, 2000, p. 316).

Vejamos o trecho da narrativa de Gislene:

*Gislene: O que que vocês gostariam de colocar mais nesse vídeo?
Os colegas respondem juntos: A opinião dos professores também, que a gente tá falando o nosso lado, né? É claro !
Marta: Agora, nós queremos ver o lado deles.*

Poliana: Eles também têm alguma idéia sobre a gente, né? Saber um pensamento diferente, né? Ou igual quem sabe ?

O trecho acima demonstra que a atitude dos alunos da Escola Caminho a Luz, permite uma aproximação com o pensamento de Bakhtin, quando o autor trata da natureza social do enunciado. Transportando a concepção dialógica da linguagem para a gravação em vídeo produzida, notamos que novas interações são desencadeadas a partir das primeiras. Bakhtin afirma que:

O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e de um modo ou de outro conta com eles. (*Ibidem*, p. 316)

Gislene e seus colegas de turma convidaram os professores para participar do diálogo. Através do **projeto**, buscavam respostas para questões sobre as quais refletiam, dessa vez, interagindo com os professores.

No final da conversa com David, vice-diretor da escola, a aluna Poliana pede sua opinião sobre o **projeto** realizado. Ele responde: “*Tive a oportunidade de esclarecer alguns pontos que vocês estavam vendo de maneira diferente. Vocês esclareceram também da parte de vocês*”. Aqui temos o diálogo tematizado nele mesmo. A partir dessa metalinguagem, retomamos o enunciado como um elo na cadeia da comunicação verbal, como apresenta Bakhtin. O enunciado “tem fronteiras nítidas, (...) mas dentro dessas fronteiras, (...) o enunciado reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores” (BAKHTIN, 2000, p. 319).

A criação de um espaço de interlocução entre alunos e professores está colocada na gravação de Gislene. David diz, na seqüência das cenas, que aquela era uma “discussão saudável” e diferente da que eles teriam se o procurassem para conversar em sua mesa, em sua cadeira. Ele cria uma diferenciação entre o espaço

em questão e o espaço da “direção” da escola onde, normalmente, os alunos o procuram para conversar.

Com relação às temáticas abordadas no diálogo entre professores e alunos, ao explicitar tais questões, percebemos que o processo videográfico apontou a possibilidade de discuti-las de forma diferenciada da que, normalmente, ocorria na escola. Os espaços para discussão dessas temáticas nas escolas, geralmente, restringiam-se às ocasiões em que as regras são descumpridas, ou aos fóruns escolares internos, como as reuniões de colegiado com representação de alunos, professores, funcionários e gestores.

Dessa forma, o diálogo proposto por Gislene foi num sentido contrário ao exposto no trecho abaixo. Segundo o autor citado, o aluno é um ser passivo que se submete às regras e regulamentos da escola sem nenhuma pretensão de discuti-los.

“Ao apreender a viver na escola, nosso estudante aprende a subjugar seus próprios desejos à vontade do professor e a submeter suas próprias ações ao interesse do bem comum. Aprende a ser passivo e a aceitar a rede de normas, regulamentos e rotinas em que está imerso.” (JACKSON *apud* ENGUITA, 1989, p.181).

Algumas questões nos inquietam: o reconhecimento do aluno como um sujeito do processo educativo foi incorporado pela escola, seus gestores e professores, porque encontrou terreno profícuo? Na experiência vivida e registrada por Gislene, podemos dizer que ela encontrou uma “abertura” da escola, ou melhor, dos gestores e professores para o diálogo? Ou foi a postura adotada por ela, na gravação, que provocou a abertura de um espaço dialógico ? Essas perguntas são apontamentos para as conclusões deste trabalho. Continuaremos a destacar mais alguns traços dessa narrativa videográfica.

Passemos a destacar as mediações entre professores e alunos desencadeadas pelo vídeo-processo. A existência de uma câmera, que media a relação entre professores e alunos, aciona o imaginário coletivo de que aquilo que é registrado será transmitido por um aparelho de TV. Há uma forte associação do vídeo com a TV. A crença de que o que foi registrado na fita de vídeo tornou-se visível para todos na escola desencadeou situações paralelas. Causou interferências nas relações entre professores e alunos como trataremos a seguir.

A câmera de vídeo, da forma como foi usada por Gislene no espaço escolar, desencadeou interações entre professores e alunos. Podemos destacar algumas como:

- o aluno que no primeiro dia criticou o trabalho de Gislene passou a atuar como entrevistador e a fazer parte do grupo da gravação na escola;
- o diálogo das “diferenças” entre o aluno Fabrício e o professor de História diante da câmera;
- o diálogo do professor de Geografia com Gislene, primeiro, no corredor da escola e, posteriormente, diante da frente da câmera.

Um aluno da escola, Fabrício, no primeiro dia de gravação, fez uma crítica ao trabalho que Gislene realizava. No entanto, no segundo dia de gravação, ele afirmou que estava ali para se “expressar e lutar por seus direitos como cidadão”. Quando Gislene perguntou a ele o que achava de estar ali, publicamente, expressando sua opinião sobre um professor da escola, ouviu a seguinte resposta: *“Ah, eu acho uma coisa boa, porque tá todo mundo se expressando e reivindicando um direito que é nosso”*.

Gislene fez um alerta dizendo que o que estava sendo dito seria visto por todos. No dia seguinte, Fabrício, que havia criticado seu professor, apareceu

sentado ao lado dele. O aluno estava atuando como entrevistador, junto com a colega Marta, na conversa com o professor de História. Aos poucos, Fabrício deixou clara sua insatisfação com esse professor. Tal insatisfação, no entanto, não foi explicitada no início da entrevista. Vemos na expressão e na postura do aluno, registradas pela câmera de Gislene, sinais visuais da discordância entre o aluno e o professor.

Fabrício, inicialmente, não se manifestou verbalmente, apesar de estar ao lado de seu professor. Com o desenrolar da gravação, o aluno começou a participar da conversa. Por outro lado, o professor, em seu discurso, foi revelando sua trajetória acadêmica e de vida, suas motivações e desmotivações com relação à prática de ensino e à educação em geral. Ele falou de sua vida e nos revelou um sujeito professor.

A pesquisadora e professora Inês Teixeira, ao discutir a singularidade do sujeito sociocultural professor, aponta que as relações entre aluno e professor são:

relações de conflito e de tensão, visto que professores e alunos ali estão em distintos lugares e posições de poder, quando distanciados por suas faixas de idade, por diferenças de origem e localização social, pertencimento étnico, diversidade de linguagens, de *habitus*. Diferenças que atravessam suas relações e que resultam na diversidade de percepções, sentidos, expectativas e interesses trazidos e confrontados no convívio escolar. Isto porque, nos dois pólos dessa relação há sujeitos, universos socioculturais e biográficos-pessoais, seres de desejo e história. Sujeitos não apenas singulares, mas únicos (TEIXEIRA, 1996, p. 187).

Percebemos que o processo de gravação provocou uma interação entre Fabrício e o professor de História. O aluno declarou para os colegas, diante de uma câmera, sua insatisfação com relação à forma do professor ministrar suas aulas. No dia seguinte, manteve a coerência com relação a suas críticas e se dispôs a dialogar, diretamente, com ele. Na descrição do (visualmente) tenso diálogo entre os dois, muitas “diferenças” ficaram explícitas. O processo de gravação evidenciou o

conflito e apontou a possibilidade de um diálogo efetivo entre os dois, professor e aluno, cada um apresentando seus pontos de vista.

Vale destacar que o processo de gravação provocou, também, interações entre os professores e alunos da escola fora do espaço da sala de vídeo, local em que a maior parte das cenas foi gravada. No primeiro dia de gravação, Gislene foi interrogada por sua colega Poliana sobre o desentendimento com o professor de Geografia ocorrido em sala de aula. No segundo dia de gravação, “uma cena” que não foi registrada pela câmera, mas está relatada no diário de campo desta pesquisa, demonstrou um “efeito do vídeo” nas relações entre o professor e aluna. A menina, que, no momento da gravação, apontou o professor de Geografia como alguém que “zoa demais, que podia ser mais sério”, dialogou com ele nos corredores da escola, no dia seguinte. Durante a conversa, Gislene o convidou para participar da gravação e os dois, professor e aluna, desculparam-se em relação ao desentendimento ocorrido em sala da aula.

No último dia de gravação, Bruno foi até a sala de vídeo e conversou com Gislene e com os outros alunos, diante da câmera. Nesse trecho do vídeo, Gislene já se posicionava, oficialmente, como uma personagem da narrativa, ou como uma narradora presente na cena. Ela conduziu a entrevista com Bruno, intervindo na gravação feita por Marta e sugerindo como a câmera deveria ser posicionada.

Percebemos que ocorreu uma mudança na postura inicial da aluna com relação ao professor. No final de sua narrativa videográfica, Gislene demonstrou, para a câmera, uma disposição para dialogar com o professor de Geografia.

(Gislene pergunta para Bruno se ele sabe dizer, dentro da sala como é cada aluno)

Bruno: Vou falar assim, eu tenho seis turmas, duzentos e cinquenta alunos, mas eu sei de cada aluno. No caso específico, igual o trabalho aqui o “primeiro E” eu sei mais ou menos a característica de cada um. O que

conversa, o que fica mais calado, como é que é o comportamento de cada um, sei.

Colocamos em foco, novamente, aspectos subjetivos e singulares da relação professor e aluno que surgiram nas interações entre Gislene e Bruno quando se encontraram no corredor da escola e nas cenas gravadas pela câmera.

Outro traço peculiar à narrativa de Gislene foi a forma como transitou de um lado para outro da câmera. No último dia de gravação, ela efetivamente se apresentou como protagonista de sua história. Mostrou-se e opinou sobre os professores e a escola. Sua postura frente à câmera foi semelhante à de uma pessoa que se olhava no espelho, pois ela conferia o ângulo, mexia com o corpo, como se estivesse, realmente, vendo sua imagem refletida.

Quando seu colega Paulo perguntou-lhe sobre seu projeto, ela respondeu dizendo:

*Bem, esse **projeto** que, como você diz, eu estou fazendo, é muito legal. Igual muitos professores já falaram, é uma oportunidade de cada aluno, de cada um de nós, de tá dando seu depoimento sobre os professores todos e não esconder nada sobre a escola, de tá falando sobre a escola, sobre os professores. O que que eles gostariam que mudasse, igual eles falou assim só fica no depoimento mesmo. Não, não fica só no depoimento, não. Se a gente quiser, nós conseguimos cumprir tudo que nós falamos aqui.*

A menina reafirmou, no final de sua narração, o que já havia dito no primeiro dia de gravação: que existia algo a ser modificado na escola em que estudava. Ela viu, nos “depoimentos” dos alunos e professores, uma forma de revelar o que os alunos queriam discutir sobre a escola e de explicitar as mudanças que “gostariam” de fazer.

Resgatamos aqui, no vídeo, sua potencialidade de ser processo. Na definição de Lima (2002), um vídeo-processo acontece quando um grupo apropria-se da tecnologia do vídeo e define o que *mostrar/dizer e como mostrar/dizer*. “Ao longo do

processo são criados espaços onde é possível descobrir e trabalhar coletivamente as questões dispersas no cotidiano da comunidade, redimensionando o olhar sobre essas questões” (LIMA, 2002, p.26).

A gravação de Gislene ainda não foi vista³⁷ pela escola, entretanto, ela foi explicada e explicitada no próprio processo de feitura. Podemos afirmar que se trata de um vídeo-processo. Gislene se apropriou do recurso comunicacional do vídeo, para, no momento em que estava gravando, promover interações mediadas pela câmera em sua escola, ou seja, produzir videólogos.

3.2 Traços da narrativa de Jennifer

Jennifer elegeu o espaço da sala de aula para construir sua narrativa videográfica sobre a Escola Municipal Israel Pinheiro. Embora sua primeira gravação tenha sido realizada no pátio da escola, foi o interior das salas de aula que priorizou como espaço narrativo.

Quando foi chamada para participar da pesquisa, relatou-me que em sua escola estava sendo desenvolvido um projeto por ocasião da comemoração do centenário do poeta Carlos Drummond de Andrade. Os alunos da Escola Municipal Israel Pinheiro trocavam cartas com alunos de uma escola sediada na cidade de Itabira, cidade onde o poeta nasceu. Fizeram também uma visita à cidade, à Companhia Vale do Rio Doce e à casa onde viveu o escritor.

Nessa escola, a pesquisa foi apresentada ao corpo docente por ocasião das reuniões pedagógicas que, periodicamente, acontecem na instituição. Apesar da

³⁷ O trabalho de pesquisa será apresentado às escolas sob a forma de texto (Relatório de Pesquisa) e Cd-rom com as imagens produzidas.

gravação de Jennifer ter sido realizada somente no período da tarde, os professores de todos os turnos presentes às reuniões foram informados do que aconteceria.

Na primeira tentativa de iniciar a gravação, presenciamos uma reação negativa da professora de Educação Física com relação ao que Jennifer estava fazendo. No entanto, nos outros dias, os professores permitiram que a menina ligasse a câmera no espaço da sala de aula. Jennifer estava sendo acompanhada, em sua entrada nesse espaço, por uma pessoa de fora da escola que estava ali produzindo um trabalho de pesquisa, como era do conhecimento de todos. Os professores não se opuseram à gravação. Houve apenas uma exceção, quando a atividade planejada para a aula já caracterizava um impedimento, como aconteceu na primeira tentativa de gravar a aula de matemática, pois o professor iria aplicar uma prova para a turma.

É interessante registrar que, no primeiro momento em que entrou oficialmente em sala de aula, Jennifer apresentou todos os colegas com a câmera, passando de carteira em carteira e perguntando o nome de cada um.

Jennifer fez sua primeira entrevista com Rafaela, representante de turma. O tema foi a visita à Itabira. Notamos que, nessa conversa com Rafaela e nas entrevistas que ela fez, posteriormente, com outras colegas de turma sobre essa temática, o que mais importou foi o registro, propriamente dito, de uma viagem que os alunos fizeram. As perguntas feitas giraram sobre viagem, a vida pessoal de Carlos Drummond de Andrade e as respostas são contraditórias.

No primeiro dia, quando foi feita a gravação da apresentação do trabalho sobre Carlos Drummond de Andrade para as turmas do primeiro ano do primeiro ciclo, o professor de Português e o diretor da escola estavam presentes e este último fotografava o acontecido. O principal traço dessa narrativa videográfica está na

forma como a narradora fez uso da câmera em sua escola. Tanto nas entrevistas com as colegas, quanto na gravação das apresentações do trabalho sobre Carlos Drummond, foi enfatizado o “registro” dos eventos.

A postura de Jennifer com a câmera foi na mesma direção do uso que sua escola faz, cotidianamente, dessa linguagem. Como informou a vice-diretora em entrevista para esta pesquisa:

Nós temos uma filmadora e a gente filma algumas atividades dos alunos e depois a gente passa para eles e, no final do ano, a gente faz edição de uma fita dos formandos dos melhores momentos deles na escola para a gente passar na formatura deles e as fotos também a gente tira bastante foto aqui na escola, tudo aqui é fotografado (Sônia Carolina, Escola Municipal Israel Pinheiro, 5/12/2002).

Ao registrar as apresentações ou os “espetáculos” que acontecem na escola, o que a narradora fez foi incorporar características dos processos mediáticos a sua narrativa. Nesses processos percebemos, como Braga e Calazans (2001), que se promove a singularização dos conceitos em torno das ocorrências visualizáveis e há uma redução do espaço argumentativo privilegiando o espetacular.

Desse modo, importava mais *mostrar* que promover uma discussão coletiva através da linguagem videográfica. Diferente de Gislene, Jennifer não fez um uso processual do vídeo em sua narrativa.

A escolha do espaço da sala de aula foi outro traço particular identificado na narrativa videográfica de Jennifer. Ela registrou as aulas e a postura do professor para com os alunos. Uma passagem da narrativa criada por Jennifer nos faz retomar a discussão do caráter disciplinador, ainda presente, na escola. Ao dispor de uma câmera em suas mãos, na sala de aula, a menina levou-nos, com seu enquadramento da situação, a refletir sobre a questão disciplinar e a postura do aluno diante da mesma. Voltamos a citar a passagem:

(Jennifer está gravando o professor Jota em plano aberto. Ele fala para uma aluna.):

Jota: Carolina, pode sair.

Jennifer fecha o plano. Jota continua:

Jota: Pode sair, depressa anda!

(A câmera passa a mostrar Carolina batendo os cadernos na carteira e levantando-se. Jennifer narra, em voz baixa, para a câmera.)

Jennifer: A Carolina está respondendo. (pausa) Ela respondeu o professor, a própria vice representante de turma. Isso é um absurdo, a representante e a vice, xingar o professor, que horror. Nossa !

(Jota continua a chamar a atenção da aluna.):

Jota: Não fica retrucando, você tem que calar a boca, e já começou errado aí.

Jennifer: Ela está respondendo o professor.

(Jennifer acompanha Carolina com a câmera.)

Jennifer: E neste momento, ela está saindo de sala.

A aluna narradora trouxe à tona a discussão da disciplina no espaço da sala de aula. Questionou, em sua fala, a postura da aluna que, mesmo sendo vice-representante de turma, estava *desafiando* seu professor. Quando, no primeiro capítulo, falamos que em nossa sociedade usamos as câmeras de vídeo, também, como a finalidade de vigiar, podemos dizer que Jennifer incorporou esse “poder” que a câmera lhe dava, naquele momento.

Retomamos Veiga-Neto (2000), quando diz que, diante das modernas tecnologias de vigilância, talvez não seja mais necessário que o modelo panóptico seja materializado na escola moderna, porque o mundo se tornou uma imensa e permanente máquina panóptica.

De fato, o avanço de toda uma sofisticada tecnologia eletrônica de vigilância e documentação – de que são bons exemplos os circuitos internos de televisão e os potentes e velozes sistemas de informação e bancos de dados – aponta para o progressivo barateamento técnico e disseminação de todos os atributos do panóptico. O principal desses atributos – a visibilidade – não apenas se conserva, mas foi até melhorado (VEIGA-NETO, 2000, p.18).

Ao ironizar a situação, no entanto, percebemos que a câmera deu visibilidade e, de certa forma, permitiu questionar a relação hierárquica e de autoridade tanto do professor quanto da aluna. Um jogo, que parecia ser usado para reforçar a

hierarquia de poder, pode assumir um outro caráter: o de nos fazer perceber a situação de um outro ângulo, criando uma contradição.

Estamos tratando de um diálogo gravado que está sendo retomado, na forma de uma citação, para explicitar contradições de seus autores. Desse modo, parece pertinente, retomarmos as palavras de Bakhtin para perceber melhor tal contradição expressada na fala de Jennifer. O autor diz que:

A entonação que demarca o discurso do outro (assinalada pelas aspas no discurso escrito) é um fenômeno de um tipo particular: é como que a transposição da alternância dos sujeitos falantes para o interior do enunciado. As fronteiras que essa alternância edifica são nesse caso tênues e específicas: a expressão do locutor se infiltra através dessas fronteiras e se difunde no discurso do outro que poderá ser transmitido num tom irônico, indignado, simpático, admirativo (...) (BAKHTIN, 2000, p. 318).

Em outro momento, Jennifer acompanhou, com a câmera, a professora de Inglês, em sua revista aos cadernos dos alunos, conferindo se o exercício pedido tinha sido feito. Mais uma vez, a aluna atribuiu a si mesma um poder de vigilância reforçando o ato de conferir da professora. Só que, dessa vez, não questionou o ato, pelo contrário, ela o reforçou.

A forma como Jennifer conduziu a produção de sua narrativa no espaço escolar demonstrou uma apropriação superficial da linguagem. Ela não discutiu a realização do vídeo com seus colegas e professores. Sua postura foi diferente da adotada por Gislene que dialogou com os professores e alunos sobre o “projeto”. Nas falas de suas colegas de turma, percebemos que todos consideravam a gravação como algo feito por Jennifer. Ela mesma nos apresentou uma aluna como sua estagiária:

Jennifer: E você é estagiária da Jennifer e da Cristina?

Katiane: Sou.

Jennifer: E o que você faz para elas?

Katiane: Ah, eu fico carregando as coisas vejo como é que está a câmera, sabe.

Jennifer: E tem outra coisa que você faz, sem ser isso, que você faz para elas?
Katiane: Não.

Destacamos um outro indício da não inserção das colegas de turma no processo criado pela narradora. Patrícia, colega de Jennifer na escola, relata que: *“achei muito interessante, eu não sabia exatamente, o tipo de trabalho que ela tava fazendo, sobre o porquê ela estava filmando e outras coisas.”* (Patrícia Marques, aluna da Escola Municipal Israel Pinheiro, 5/12/2002).

Em sua narrativa videográfica, Jennifer interagiu com os atores envolvidos, entretanto, não desencadeou um processo, no qual colegas, professores e gestores de sua escola pudessem participar, ativamente, da construção da narrativa. Jennifer, em alguns momentos, convidou colegas, como Katiane, para conduzir as entrevistas junto com ela, mas apenas como assistente para auxiliar no transporte dos equipamentos.

Passemos a explorar os traços da narrativa construída por Josimar.

3.3 Traços da narrativa de Josimar

Em sua narrativa videográfica, Josimar intercalou imagens do espaço da sala de aula com outros espaços da escola, como a cantina e o pátio.

A Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, representada por sua diretora, autorizou a realização desta pesquisa, quando lhe foi feita uma apresentação inicial, em agosto de 2002. Naquele momento, a diretora comprometeu-se a comunicar aos professores e funcionários da escola o trabalho

que seria desenvolvido. Cabe-nos, inicialmente, resgatar algumas observações feitas no diário de campo que possibilitaram compreender melhor a postura da escola frente à realização desta pesquisa.

Em um dos momentos em que estava no pátio interno da escola observando, uma professora, da primeira série do Ensino Fundamental, abordou-me para saber o que estava fazendo ali naqueles dias. Expliquei-lhe que estava acompanhando Josimar, em suas gravações, e apresentei-lhe a proposta da pesquisa. No último dia de gravação, fui convidada a participar do lanche na sala dos professores. Uma das professoras presentes disse-me que estava curiosa para saber mais sobre o trabalho que estava sendo feito por Josimar com a câmera e sobre minha presença na escola. Percebi então que, a ocorrência do trabalho de pesquisa não chegou ao conhecimento de todos. Apesar de a escola ter aceitado a proposta, muitos dos professores e funcionários não sabiam o que estava acontecendo.

Ao entrar em sala de aula com a câmera, Josimar dizia aos professores que estava realizando um vídeo sobre a escola. Como já foi dito anteriormente, o aluno teve autonomia para realizar sua gravação sem minha presença no mesmo espaço. Coube a ele também informar aos professores de cada disciplina o que estava sendo feito.

Na entrevista com o professor de Matemática realizada após a produção da narrativa, ele relatou que não sabia o que Josimar estava fazendo na escola. Disse, também, que o trabalho não foi explicado e que, se o menino tivesse pedido para gravar em sua aula, ele teria permitido.

As imagens produzidas por Josimar, revelam alguns indícios de que, na narrativa visual que construiu, a apresentação de sua escola foi priorizada. Nas

cenar dos alunos assistindo à aula de Português, Josimar ficava posicionado do ângulo do professor e destacava alguns detalhes como: duas alunas fazendo anotações em seus cadernos; um aluno com a cabeça abaixada sobre a carteira; e um telefone celular colocado ao lado do caderno escolar, na carteira de uma de suas colegas. O som gravado era o do burburinho de vozes do ambiente. A opção de Josimar foi por não acrescentar o discurso oral a sua narrativa, diferente do que fizeram Jennifer e Gislene.

Faz-se necessário informar que, em uma das conversas iniciais com Josimar, descritas no diário de campo, ele afirmou que gostaria de gravar os meninos na sala de aula para ver se eles fariam bagunça.

Josimar não registrou sua voz ao longo do vídeo. Ele escolheu Tiago, um colega de turma, para ser o porta-voz das perguntas dirigidas a colegas e funcionários da escola. Observamos também que nenhum dos professores que apareceram em cena foi entrevistado. De acordo com o relato de Josimar, os professores preferiram ter suas falas gravadas, mesmo tendo sido consultados. Como relatou Josimar no final de sua gravação:

Tiago: Cê tá notando alguma coisa?

Josimar: Tô, todo mundo tem medo de ficar na frente das câmeras, saem da frente. Vão para sala de aula esconderem.

A única pessoa do corpo docente da escola que falou foi Márcia, a coordenadora pedagógica. A conversa com Márcia aconteceu fora do espaço da sala de aula, nos corredores da escola, próximo à secretaria.

Em vários momentos, a câmera de Josimar registrou o espaço da sala de aula, mas foram os intervalos do recreio e os intervalos entre as aulas que mais apareceram no registro produzido. Nos dias em que estivemos gravando nessa

escola, a turma de Josimar teve vários horários vagos, por motivo de ausência de professores. Quando algum dos professores faltava, a coordenação pedagógica rearticulava os horários das aulas entre as turmas. Se possível, os alunos eram dispensados mais cedo, mas, caso não houvesse essa possibilidade, eles ficavam em sala aguardando o horário subsequente. Nesses horários, eles ouviam música, conversavam ou aproveitavam para fazer alguma atividade escolar, como descrevemos em algumas cenas apresentadas por Josimar.

As principais entrevistas realizadas por Tiago foram com Márcia, coordenadora pedagógica da escola e com um aluno, colega de turma. O tema das entrevistas girou em torno de questões como: comportamento dos alunos na escola, opinião dos professores sobre os mesmos e queixas dos alunos com relação ao não uso de computadores de que a escola dispunha.

Na conversa com o colega de turma surgiram outras questões. Tiago perguntou-lhe sobre suas preferências na escola. Lembramos que, na narrativa de Gislene, o interesse por determinados conteúdos também foi abordado na conversa com colegas de turma. Aqui, ao falar da disciplina Educação Física, o aluno entrevistado explicitou seu interesse pela área e afirmou tratar-se de uma “cultura das antiga” e que não é, segundo ele, valorizada pela escola. Retomamos um outro momento, da narrativa videográfica de Jennifer, em que ela afirmou que achava a Educação Física interessante porque “ajuda a desenvolver a mente”.

Como afirma Tomaz Tadeu (2003), entender o currículo como uma construção social está entre as contribuições das teorias críticas. É através de um processo de invenção social que determinados conhecimentos são priorizados ou não no currículo. Os alunos apresentam-nos, em seus depoimentos, seu

entendimento e preferência pelas disciplinas e, com isso, destacam os saberes que valorizam.

A narrativa de Josimar não se restringiu ao espaço da sala de aula, ele circulou por outros espaços da escola e, junto com Tiago, dialogou com funcionárias da escola. Foi na cantina escolar, no horário de intervalo do recreio, que eles realizaram entrevistas com algumas funcionárias. Ressaltamos o momento em que Tiago disse que a funcionária da escola também “fazia parte dos alunos” e, portanto, também deveria ser entrevistada. Em seguida, disse que estavam colhendo o depoimento de representantes de cada uma das funções na escola.

Percebemos que a opinião das cantineiras sobre o comportamento dos alunos no horário do recreio, foi uma cena “selecionada” por Josimar para aparecer em seu vídeo. Entretanto, na entrevista feita por Tiago houve uma condução direcionada das perguntas. Ele induziu a cantineira, pela forma como perguntava, a responder aquilo que ele mesmo queria dizer:

Tiago: O que que a Senhora acha dos meninos, quando eles estão comendo?

Cantineira: Ah, eu acho que eles fica mais calmo, mais ...

Tiago: Mais calmo? Mas os meninos assim não é muito bagunceiro na hora de comer?

Tiago chamou as cantineiras de “tias”, ao referir-se a elas. Esse detalhe, observado na gravação, demonstra um tratamento diferenciado daquele adotado em relação aos professores, à coordenadora pedagógica e à diretora da escola.

Outro traço peculiar à narrativa videográfica de Josimar foi a tentativa de dar voz às funcionárias da escola que, como disse Tiago, fazem parte da escola.

No final da gravação, Josimar se apresentou quando Tiago o entrevistou. Nesse momento, Josimar opinou e se permitiu ou nos permitiu o registro de seu rosto e de sua voz, pela primeira vez. Para ele, os professores ensinam não só o

conteúdo das disciplinas, como também, preparam-nos para outras escolas. Quando tratou do tema “outras escolas”, supomos que Josimar, na oitava série, última série ofertada nessa escola, estaria sendo preparado para o próximo período escolar, o Ensino Médio, que seria cursado em outra instituição.

Tiago também perguntou ao narrador Josimar sobre o trabalho que estava realizando na Escola. Ele respondeu que via, no trabalho, uma oportunidade para que “outros” pudessem conhecer a escola e saber o que está sendo feito lá. É nesse momento, que nosso narrador também explicitou que os professores e alunos não se dispuseram a aparecer para a câmera e dar seus depoimentos, como relatamos no início deste item.

No final da narrativa videográfica de Josimar, Tiago, seu co-narrador, também foi convidado a opinar. Ele considerou que o vídeo realizado, poderia ser uma forma de impedir as brigas na escola, pois os alunos ficariam intimidados com a presença da câmera e não brigariam. Tiago associa o vídeo ao vigiar, postura não muito diferente da adotada por Josimar que priorizou gravar a sala de aula e os intervalos para ver se os alunos faziam bagunça.

Tiago também usa o momento da gravação para denunciar, dar visibilidade a necessidade de um maior controle das áreas próximas à escola pela direção, onde os alunos estavam correndo riscos.

As preferências curriculares de Tiago surgiram no diálogo com Josimar, assim como a temática da avaliação escolar. O aluno relacionou diretamente a aprendizagem escolar à avaliação, quando disse que: *“Ah, eu tô estudando, porque estudar é o essencial, (...) se você não estudar, cê não passa nem...”*

Josimar, ao construir sua narrativa videográfica, procurou envolver um colega de turma no processo criado, entretanto, não promoveu um diálogo com seus

professores. Vemos isso no relato do seu professor de Matemática quando ele informou, em sua entrevista, que: *“ele só falou que estava fazendo um trabalho (...) não me pediu para gravar, se ele tivesse pedido, eu teria deixado ele gravar a aula”*.

Podemos afirmar que a interação de Josimar, através da linguagem do vídeo, aconteceu mais com os espaços escolares que com os atores.

Para entendimento desta pesquisa, o narrador Josimar demonstrou uma maior apropriação da linguagem que Jennifer, uma vez que escolheu elementos da narrativa do vídeo como os planos abertos e fechados, angulações e posições da câmera em sala de aula, conforme destacamos no início desta seção.

Após a apresentação dos traços particulares de cada uma das três narrativas videográficas, no próximo capítulo, mudaremos o ângulo de análise. Passaremos a discutir a perspectiva dos professores, gestores e alunos participantes dos processos construídos em cada escola, através das entrevistas feitas com os eles.

Capítulo 4
Os três universos escolares
e a relação com o vídeo

Neste capítulo, procuraremos explicitar as “posturas” de gestores, professores e alunos das escolas pesquisadas em relação à produção e ao uso das tecnologias comunicacionais, mais especificamente, do vídeo.

A partir da produção de narrativas videográficas nessas instituições, tentamos captar e analisar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, quais as reações dos sujeitos envolvidos nesse processo. Posteriormente, como contraponto, apresentamos a possibilidade de criação de *videólogos* na escola demonstrada pela construção das narrativas videográficas.

4.1 O lugar e o uso do vídeo nas escolas

Começamos por detectar o uso do vídeo e o lugar a ele destinado nos espaços escolares pesquisados. Na Escola Estadual Caminho a Luz, como já dissemos anteriormente, existe um espaço chamado *sala de vídeo*. Observamos que esse local é utilizado pelos professores para exibir vídeos educativos e filmes para os alunos. A *sala de vídeo* estava sendo usada por um professor no dia em que Gislene deu início a sua gravação na escola. Assim que esse professor terminou a aula, a direção da escola colocou o espaço a nossa disposição. A sala fica no andar inferior do prédio e, para chegar até lá, é necessário passar por um portão gradeado, uma escada e, novamente, por outro portão. A “segurança” com que os equipamentos são guardados reflete, por um lado, a estatística crescente de invasão de prédios escolares para roubo e, por outro, uma visão de que tais equipamentos devem ser usados pelos professores e gestores, responsáveis pelo agendamento do espaço e pelo controle de entrada no local.

A TV e o vídeo, assim como outros equipamentos de exibição nessas escolas, são usados, prioritariamente, pelo corpo docente.

Nós estávamos com a idéia, eu e o vice-diretor também, nós estávamos pensando em comprar para o Núcleo, (...) aquele kit multimídia? Da tela, que você trabalha com um computador (...) Porque aquilo eu acho sensacional aquele negócio, aquilo é espetacular, aquilo cê pode fazer, se for para dar uma aula com aquilo ali é chique demais! Mas a gente tá pensando mais nele para reuniões, esse tipo de coisa assim, mas de repente pode ser extensivo aos alunos, né? (Fernando David, diretor da Escola Estadual Caminho a Luz, 2/12/2002).

Na Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, também existe uma sala para exibição de fitas de vídeo. A diretora da escola fala do uso dessa sala pelos professores:

Eles usam a sala de vídeo, todos usam e muito. Inclusive eles têm a programação, por que senão, né? Um pode planejar uma aula para aquele dia e outro, né? Para não haver interferência né? É tudo programado. (...) Olha, eles têm uma ficha de acompanhamento, então nesta ficha, eles registram qual que é o tema, qual é a matéria, qual é o objetivo e o que que ele vai trabalhar com os alunos. Então muitos, dividem a turma em grupo e a cada turma faz observação de uma coisa que vai passar no vídeo, para depois eles estarem discutindo depois da aula. (...) Olha é de acordo com a aula dele, com a matéria, de acordo com a aula, com o objetivo que ele quer alcançar. Então quando a escola tem o vídeo, nós temos uma porção de vídeos. Quando a escola tem, ele usa o da escola, quando a escola não tem, ele procura e traz. (Telma Caixeta, diretora da Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, 11/03/2003)

Quando os professores passam vídeo na Escola Municipal Israel Pinheiro, usam o próprio espaço da sala de aula. Cada professor, ou melhor, cada disciplina, tem a sua sala de aula própria e, para exibir vídeos para os alunos, o equipamento, um suporte móvel com aparelho de TV e um videocassete, é transportado para dentro da sala. Não há uma sala destinada, especificamente, à exibição de vídeos. Entretanto, no período em que estive na escola com Jennifer, não presenciei nenhum momento em que vídeos estivessem sendo exibidos para os alunos.

Roberto Aparici (1999), em entrevista à Revista Presença Pedagógica, relata

que a presença das tecnologias nos currículos escolares de países como o Brasil, Argentina e Espanha restringe-se à perspectiva tecnocrática. Tal fato evidencia um ensino de caráter mecânico, como era o ensino da língua há anos atrás, quando a língua não aparecia como um ato de compreensão social.

A professora Adriana informa como é feito o uso do vídeo e de outras tecnologias em sala de aula:

Quando é possível, eu uso datashow, do Centro Cultural, que a gente pega emprestado, a gente usa. Eu tenho vários programas que podem ser apresentados em datashow. Uso retroprojeter e filmes, a minha área é Ciências, então, tem muito filme que eu posso passar de Ciências, Biologia, Corpo Humano. Fora aula assim, tem a de laboratório, aula de laboratório (Adriana, professora de Ciências da Escola Municipal Israel Pinheiro, 12/12/2003).

No uso do vídeo e das tecnologias, em sala de aula, predomina uma lógica instrumental na qual o professor escolhe um vídeo, seja ele educativo ou um filme comercial, para exibir aos alunos no horário das aulas. O filme, ou vídeo, é visto como um recurso complementar à aula e, às vezes, é usado para substituí-la. Em alguns momentos, ocorrem distorções como nos relata o diretor de uma das escolas pesquisadas :

A gente percebe algumas vezes, (...) que algumas pessoas, não só aqui não, que usa o vídeo para não ficar muito dentro da sala (...) teve uma vez que um passou o Titanic, não sei para que passar o Titanic. Não, isso é só para fugir da sala de aula. Aí eu não acho isso bom (Fernando David, diretor da Escola Estadual Caminho a Luz, 2/12/2002).

A presença nos três ambientes escolares nos permitiu observar como acontece, na prática, o uso do vídeo. Presenciamos um momento em que foi exibido um filme aos alunos na Escola Coronel Vicente Torres Júnior. Nesse dia, entreguei a Josimar a câmera de vídeo e ele entrou na sala de exibição com o equipamento. A professora de Português me disse que estava passando um filme e que seus alunos

já haviam lido o livro referente à história apresentada. Como a duração do filme era superior ao tempo de sua aula, ela negociou com outros professores uma troca de horários. Perguntou-me sobre a pesquisa que estava sendo realizada na escola. Após o término do filme e a liberação dos alunos, a professora percebeu minha presença no pátio da escola e me pediu ajuda para rebobinar a fita no aparelho de videocassete. Entrei na sala e mostrei-lhe como fazer. Alegou que não estava conseguindo operar o equipamento, pois o que tinha em casa era de uma marca diferente. Observamos que, ao me perguntar sobre a pesquisa, a professora me identificou como alguém que poderia ajudá-la a manusear do videocassete, como uma profissional técnica da área.

Em observações feitas, durante visita à biblioteca da Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, notei que os vídeos educativos ficavam guardados num armário trancado, para eventuais requisições do corpo docente.

Eloísa Santos pontua que existem duas vertentes para o uso das tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem. A primeira, propõe um uso da tecnologia como recurso didático, sem a preocupação de se apropriar dos processos que esta incorpora. E a segunda, que insere a máquina no processo de ensino aprendizagem como possibilidade de construir novas formas de articular, armazenar e associar informações mediando o desenvolvimento de novas estruturas cognitivas no processo de formação do sujeito (SANTOS,1998).

A escola deve procurar superar a concepção instrumental dos meios e das tecnologias, como afirma a pesquisadora Nádía Lauriti:

neste novo projeto descentralizado e plural, algumas reflexões devem ser contempladas: a natureza da comunicação interpessoal na relação educativa; as dimensões do tempo/espço nesta relação; a revisão dos paradigmas que impedem a interdiscursividade; a configuração de um *novo sensorium* que impõe emergentes formas de ler, ouvir ver e sentir o mundo na sua relação

direta com o ato de aprender(...). Trata-se, assim de criar novos significados compartilhados (Lauriti, 1998,³⁸)

Podemos afirmar, diante do exposto neste item que, devido a fatores diversos, as escolas investigadas ainda fazem um uso limitado da tecnologia videográfica. Ao abordarmos o termo “vídeo” nas entrevistas, constatamos, pelas respostas dos gestores e professores, que este termo é associado à exibição de filmes comerciais e vídeos educativos para os alunos. Percebemos também uma tendência de uso do vídeo como recurso didático complementar às aulas expositivas ou, algumas vezes, como forma de substituí-las.

Vejamos no próximo item, a reação dos atores envolvidos à possibilidade de uso do vídeo, entendido como uma prática de produção.

4.2 A presença da câmera e suas perspectivas de uso

A câmera de vídeo é um aparato técnico que somente uma, das três escolas pesquisadas, possui. A experiência com o vídeo, da perspectiva da produção, é relatada pela vice-diretora dessa escola:

Nós temos uma filmadora e a gente filma algumas atividades dos alunos e depois a gente passa para eles e, no final do ano, a gente faz edição de uma fita dos formandos, dos melhores momentos deles na escola, para a gente passar na formatura deles. E as fotos também, a gente tira bastante foto aqui na escola, tudo aqui é fotografado (Sônia Carolina, vice-diretora da Escola Municipal Israel Pinheiro, 5/12/2002).

³⁸ Documento eletrônico sem numeração de página.

Nas outras duas escolas, como não havia uma câmera de vídeo disponível, fizemos um exercício de simulação e perguntamos aos professores o que fariam com uma. Transcrevemos, abaixo, algumas respostas dadas por eles:

Nós já usamos aqui para gravar projetos mesmo, mas não era nosso não. As fitas nem estão com a gente. É coisa do aluno mesmo que levou o trabalho dele e gravou e tal (...) a gente tira retrato né? Agora o retrato é muito estático, né? Então a gente não tem muita noção do que aconteceu. Seria interessante, para registrar os fatos dinamicamente (Fernando, diretor da Escola Estadual Caminho a Luz, 2/12/2002).

Nós fazemos muitas apresentações aqui na escola. Eles fazem projeto, agora mesmo eles tão com um projeto que chama cortesia. Então eles estão fazendo inúmeros trabalhos. Então na apresentação desses trabalhos poderia ser filmado (Telma, diretora da Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, 11/03/2003).

Nas três escolas que integram o contexto desta pesquisa, percebemos que, quando se faz uso de uma câmera de vídeo, esse tem como objetivo principal o registro das atividades e eventos que acontecem na escola.

Na narrativa videográfica de Jennifer, podemos destacar vários momentos em que essa “cultura do registro de imagens” é reforçada. Por exemplo, quando ela grava a apresentação do trabalho sobre Carlos Drummond de Andrade para a turma do primeiro ciclo. A professora de Ciências informou que usa a câmera para registrar os passeios e excursões que fazem:

Ah é, tem muitos professores que usam, inclusive, para muitas atividades e tudo. Eu, pelo menos, uso mais é quando a gente vai fazer um passeio, vai fazer uma excursão, uma coisa assim. Para trabalhos de sala de aula eu nunca usei, mas acho que deve ser interessante (Adriana, professora de Ciências, Escola Municipal Israel Pinheiro, 12/12/2002).

O professor de Geografia, de uma das escolas, visualiza uma outra utilização para esse aparato técnico:

Bom, o que eu já até pensei assim uma vez que poderia ser utilizado como recurso mesmo é trabalhar a questão da geografia humana, bolar um projeto para os alunos, para eles mesmo filmarem. Eles mesmos filmarem o local onde que eles vivem e assim por diante, porque não adianta nada falar no livro sendo que a realidade que eles vivem. E eles filmando a Geografia tá

mais inserida no cotidiano deles.(...) O vídeo, ele funciona como olho eletrônico e ele captando aquilo tudo ali, ele tem a possibilidade de outras pessoas, que não tiveram oportunidade no dia de participar no caso de uma filmagem, de ver tudo aquilo que foi feito. E até mesmo trabalhar como uma forma de incentivo, de instigar os alunos a produzirem outros vídeos, se eles tiverem a possibilidade (Bruno, professor de Geografia da Escola Caminho a Luz, 25/11/2002).

O professor percebe a possibilidade que a câmera tem de transpor os limites da escola para mostrar uma “realidade” mais próxima dos alunos. No entanto, apresenta a mesma função de registrar do “olho eletrônico” quando diz que aquilo que não foi visto, no momento em que aconteceu, poderá ser visto em outro momento, pela exibição da fita.

Caminhamos, segundo Barbero (2000), para uma revalorização cognitiva das imagens e, com isso, para uma relocalização dessa no campo da educação. A imagem passa a ser entendida não mais como mera ilustração da verdade contida na escrita, mas como dispositivo de produção de conhecimento.

A pesquisadora Geneviève Jaquicnot (1998) afirma que, no plano educativo, um dos desafios atuais é confrontar os modos tradicionais de educação e de apropriação de conhecimento, à “cultura mediática” dos alunos. Desse modo, a educação promoverá, ao mesmo tempo, o espírito crítico do cidadão e a capacidade de análise do educando.

Voltamos a Michel Tardy (1976) que, antes da difusão das câmeras portáteis de vídeo, preconizava que deveria haver circuitos fechados de TV nas escolas para iniciar os alunos na expressão audiovisual.

Se por um lado, as câmeras têm servido como meros instrumentos de registro nas escolas em questão, por outro, nos relatos, vemos que já existe certa disposição por parte de professores e gestores para pensar um uso diferenciado para as mesmas.

Acho que é uma nova visão do espaço para a escola, até para eles mesmo, né? Porque ela foi para a sala dos professores, para a biblioteca, com uma outra visão desses espaços (Sônia Carolina, Escola Municipal Israel Pinheiro, 5/12/2002).

Ao pensarmos na revalorização cognitiva do vídeo na escola e no uso dessa tecnologia como um dispositivo de produção de conhecimento, um outro caminho para o qual este trabalho se direciona é o da apropriação, pelo aluno, dessa linguagem no espaço escolar.

Apesar de essa apropriação ter ocorrido em níveis diferenciados, como descrevemos no capítulo anterior, tentamos detectar, com as entrevistas, quais as reações dos gestores, professores e alunos das escolas tiveram diante do aluno como um narrador de imagens e sons do espaço escolar. Transcrevo alguns comentários feitos.

Ninguém comentou sobre isso.(...) Comentário teve naquele dia, né? Que a gente ia. Ia gravar, não ia gravar, fiquei meio uma certa ansiedade das pessoas, teve professor que ficou meio ansioso e tal. Eu falei não tem problema não, eu já fui lá gravar, é tranquilo. Eles vão só te colocar na parede um bucadinho, mas não tem problema não. Mas (...) realmente eu achei interessante, porque eles fazem uns questionamentos que, às vezes, na sala de aula, eles não teriam coragem de fazer. Então eu achei muito interessante foi isso. Eu não sei se com os outros professores foi assim, mas da maneira que foi comigo, eles questionaram uma série de coisas, né? Que eles não teriam coragem de chegar aqui e falar às vezes, né? Também porque não me conhecem. Porque da mesma maneira que eu respondi lá eu responderia aqui, não tem esse negócio, lá fala uma coisa aqui fala outra só porque eu estou na frente das câmeras não, né? Mas eu acho que o professor lá respondeu mais tranquilo do que na sala de aula, porque na sala de aula ele teria um outro tipo de reação (Fernando, diretor da Escola Estadual Caminho a Luz, 2/12/2002).

Na Escola Estadual Caminho a Luz, onde a participação dos professores e gestores foi maior, ressaltamos que, com o vídeo, foi criado um espaço para a argumentação e o diálogo na e sobre a escola diferente dos já existiam. Como afirmaram o diretor Fernando e, em outro momento, o vice-diretor dessa escola: a conversa teria acontecido de outra forma, caso acontecesse na sala de aula ou na

sala da diretoria da escola. Indicamos uma contradição no discurso de Fernando, quando ele nos diz que: não é por está na “frente das câmeras” que falaria de outra maneira. Entretanto, como ele mesmo constatou, foi a presença da câmera que proporcionou e mediou um outro diálogo, diferente dos anteriores.

A partir do relato da vice-diretora da Escola Municipal Israel Pinheiro, descrito abaixo, levantamos um outro lado da questão: quando a escola dispõe de um recurso tecnológico como a câmera de vídeo, quem a utiliza são os professores e gestores da instituição.

Acho que traz, né? É uma nova forma de comunicação deles também e uma nova visão também. Um aluno com uma filmadora, aqui quando nós tamos filmando os meninos ficam assim, deixa eu filmar um pouquinho...a gente nunca deixa porque a gente fica com medo e tal, tem uns que pegam assim um pouquinho e filmam e tal.(...)É um recurso também que eles não estão acostumados a lidar e os colegas não vêem de tão perto assim como eles viam com ela e ela tava manuseando direitinho como muita propriedade, então eu acho interessante (Sônia Carolina, Escola Municipal Israel Pinheiro,5/12/2002).

A “intervenção videográfica” nesta pesquisa é feita por alunos. São eles que, já tendo experienciado essa linguagem em ambiente não-escolar, têm a oportunidade de experienciá-la na escola em que estudam.

De acordo com Soares, existe

uma disparidade entre a forma como os professores e os alunos encaram a chegada do “parceiro tecnológico” em suas relações. Enquanto professores se mostram receosos e, muitas vezes, resistentes a inovações que não foram promovidas por eles mesmos, os alunos atiram-se sem restrições, nesse “novo meio de aprender” (SOARES,1999, p.36).

A facilidade com que os jovens se relacionam com as novas tecnologias, pode ser aproveitada de forma profícua pela escola. Como apresentamos no primeiro capítulo, as gerações mais novas nasceram num mundo invadido pelas imagens. O

professor de Matemática, da Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, entende que:

Acho que é um modo diferente de se dar uma aula para eles, eles ficam interessados, muito mais, porque é uma coisa que eles convivem demais, né? Vivem vendo televisão, essas coisas, eu acho que seria um ótimo meio de comunicação entre o professor e os alunos (...) deixar eles mexerem, porque eles é que gostam de mexer. Ensinar para eles a manusear uma máquina, eles não sabem, um vídeo, por exemplo, isso para a sala de aula é muito bom (Ivan Domingos, Professor de Matemática, Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, 11/03/2003).

Podemos pensar num novo referencial para o aluno como alguém que também pode ensinar ao professor, como afirma Jaquicnot (1998). Assim, o docente deixa de ser o único capacitado a ensinar.

Recuperamos o modelo de cultura pré-figurativa, descrito na primeira parte deste trabalho, que se baseia em uma outra temporalidade, na qual são os mais jovens que trocam *seus saberes* com os mais velhos. Concordamos com Mead quando diz,

Debemos enseñarnos a nosotros mismos a alterar la conducta de los adultos para poder renunciar a la educación postfigurativa, con sus ingredientes configurativos tolerados, y debemos descubrir medios prefigurativos de enseñanza y aprendizaje que mantengan abiertos el futuro (MEAD apud LAURITI, 1998, ³⁹).

A partir dos relatos, podemos ver também alguns indícios para se pensar a assimilação da linguagem do vídeo pelo projeto pedagógico da escola:

*Você tendo a câmera, (...) todo recurso que você utiliza diferente é interessante, né? Agora tem que ser bem aproveitado tem que ser objetivo, porque que eu vou usar aquilo, tem que ter a questão pedagógica, né? (Fernando, diretor da Escola Estadual Caminho a Luz, 2/12/2002).
Acho, com certeza, não tem problema nenhum. Não interfere, acho que o professor faz parte do trabalho também, né? Isso pode estar incluído dentro da proposta pedagógica inclusive, né? No caso de ser habitual, fazer parte da proposta pedagógica da escola, não interfere em nada (Telma, diretora da Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior, 11/03/2003).*

³⁹ Documento eletrônico sem numeração de página.

A proposta de inserção de outras linguagens, como a audiovisual, nas práticas pedagógicas já está descrita nas “Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio”⁴⁰.

Tomando por base os relatos dos professores e gestores das escolas pesquisadas, vemos sinais de entendimento de que as práticas comunicacionais podem modificar as relações sociais na escola e podem ser integradas ao projeto pedagógico das mesmas. No entanto, até o momento, as escolas demonstram não ter incorporado tais práticas como possibilidades de mediar o desenvolvimento de novas estruturas cognitivas no processo de formação do sujeito.

4.3 A produção de videólogos

Após destacarmos as práticas de uso da câmera nas escolas pesquisadas, a partir de relatos dos atores envolvidos e de observações no campo, estabelecemos aqui, um contraponto dessas práticas com a possibilidade de construção de *videólogos* demonstrada nas narrativas videográficas produzidas.

No primeiro capítulo, apresentamos o potencial interacional do vídeo e apontamos perspectivas para novos usos dessa mídia na escola. Os três narradores envolvidos nesta pesquisa escolheram formas diferentes de usar a câmera nos

⁴⁰ No documento que se refere a “Linguagens e seus Códigos”, aponta que as práticas didáticas devem levar o aluno a: entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação e associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhe dão suporte e aos problemas que propõem a solucionar; entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos, bem como a função integradora que elas exercem na sua relação com as demais tecnologias; entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social; aplicar as tecnologias da comunicação e informação na escola, no trabalho e em contextos relevantes para a vida (MEC, 2000).

espaços escolares. Ao fazer isso, interagiram com os outros alunos, professores, funcionários e gestores de suas escolas. A presença da câmera de vídeo possibilitou-lhes a criação de *videólogos* nas escolas. No entanto, a análise do material empírico evidencia diferentes *potenciais dialógicos* em cada narrativa videográfica.

As interações mediadas pela câmera na narrativa de Gislene demonstraram um maior exercício dialógico do vídeo. Começando pela interação criada com os colegas de turma, ela abriu seu enquadramento e mostrou-nos a possibilidade de criar um *espaço dialógico* com o vídeo, ressaltando seu caráter processual. O vídeo foi, ao mesmo tempo, gravado e discutido com todos os envolvidos.

Josimar, por sua vez, apresentou uma interação maior com o ambiente escolar quando optou por mostrar diversos espaços escolares e os atores presentes nesses ambientes. Também criou seu *videólogo* na escola pela voz de outro, do colega Tiago, que conduziu as entrevistas com as funcionárias, com os colegas e com a coordenadora pedagógica.

No caso de Jennifer, a interação aconteceu de forma menos dialógica. Ela conduziu as entrevistas que fez com seus colegas e professores sem debater a própria construção da narrativa videográfica, como fez Gislene. Sendo assim, entendemos que ela não realizou, com sua gravação, um vídeo-processo e demonstrou um menor grau de apropriação da linguagem videográfica. O material gravado configurou-se como um “registro em vídeo” do projeto sobre Carlos Drummond de Andrade em sua escola, das relações entre alunos e professores e da forma como foram apresentados os conteúdos de cada disciplina no espaço da sala de aula.

Identificamos nas três narrativas videográficas variações do que ousamos conceituar como *videólogos*. Em uma das narrativas o *caráter dialógico* é mais perceptível. Procuramos compreender esse fenômeno, de um lado, pelo grau de apropriação da linguagem do vídeo pelo sujeito narrador e, de outro, pelo entendimento e pela assimilação pelos atores envolvidos (professores, alunos, gestores e funcionários) dessa prática de produção.

Entendemos, então, que a criação dessas variações de *videólogos* se tornou, também, uma estratégia metodológica deste estudo, pois nos permitiu investigar como os gestores, professores e alunos das escolas pesquisadas percebem o uso de uma câmera de vídeo no espaço escolar.

Assumimos, então, o princípio metodológico da dialogia no processo de pesquisa com esses adolescentes, da mesma forma que demonstram as pesquisadoras Solange Jobim e Souza, Rita Duarte e Raquel Salgado no trabalho ⁴¹ apresentado na 25ª Reunião Anual da Anped, em 2002, em Caxambu. Fazer tal opção, significa deixar emergir as vozes dos adolescentes e considerá-los sujeitos do processo da pesquisa. Retomamos a citação de Dayrell (2002, p. 4) feita no primeiro capítulo, quando ele diz que: “tomar os jovens como sujeitos é mais que uma opção teórica, apresenta-se como uma postura metodológica e ética, que exige um esforço de auto-reflexão, distanciamento e autocrítica”.

Chegando ao final de nosso percurso, vamos então destacar algumas perspectivas para o uso do vídeo nas escolas a partir das reflexões proporcionadas pela investigação realizada.

⁴¹ "Pesquisando Infância e Televisão: algumas considerações teórico-metodológicas", trabalho apresentado no GT Educação e Comunicação, 25ª Reunião Anual da Anped, Caxambu, 29 de setembro a 2 de outubro de 2002.

**Outras perspectivas processuais
para o vídeo na escola**

Quando nos propusemos a discutir o vídeo do ângulo da apropriação pelos alunos, professores e gestores e a escola como espaço de socialização, tomamos a produção de conhecimento como pano de fundo dessa discussão.

A produção de narrativas videográficas leva-nos a discutir o uso dos recursos tecnológicos que, cada vez mais, estão ao alcance de educadores e educandos. Estando tão próximos das mãos, a escola se pergunta, o tempo todo, afinal o que fazer com esses recursos? Ouvimos relatos de professores e alunos das escolas que conhecemos, durante a pesquisa, sobre os computadores que lá estão, mas que ainda não foram usados, ou que, em breve, farão parte do cotidiano da aula de Matemática.

A câmera comandada por Gislene, Jennifer e Josimar mostrou um pouco da forma como, nas escolas em que estudam, os professores se relacionam com o videocassete, a tv e a câmera de que dispõem. A perspectiva de apropriação pelos alunos dessas tecnologias possibilitou aos professores e gestores contar-nos suas experiências com essas máquinas enunciadoras. O pretexto se configurou como estratégia de provocar um diálogo e de criar videólogos.

Abrimos um espaço no universo escolar para refletir sobre questões como: a coexistência de *sujeitos* com histórias, idades e experiências distintas aprendendo, cotidianamente, a lidar com suas “diferenças”. A câmera, que não foi *oculta*, trouxe para a dimensão de uma pesquisa acadêmica, a possibilidade de ver a escola sob a perspectiva angular dos alunos narradores. Coube a eles e às escolas criar condições ou não para que o processo desencadeado fosse mais, ou menos, *dialógico*.

Segundo constatamos, *videólogos* foram construídos nas escolas, embora apresentando graus diferenciados de interação dos sujeitos narradores com os

espaços e atores envolvidos. O contato anterior e a experiência dos narradores com a linguagem videográfica, em espaços não-escolares, já haviam sido uma experiência nova. Lidar com essa linguagem com autonomia no espaço escolar, apresentou-se como uma possibilidade de olhar para a escola e de “promover condições” para que a escola também se aproprie dessa linguagem.

Entendemos, como Roberto Aparici (1999), a tecnologia do vídeo como uma forma de expressão. Alcançar autonomia na produção de imagens e sons e apropriar-se da linguagem videográfica é resultado de um aprendizado da construção de significados.

As distintas narrativas produzidas têm pontos convergentes como: a exposição das contradições no discurso de alunos e professores nos espaços escolares e a apresentação das preferências dos alunos e dos professores por determinados conteúdos e formas de lidar com o saber. Entretanto, as narrativas são únicas e resultado de uma gama de fatores, que vão desde a expressão subjetiva de cada um dos narradores até a forma como cada uma das escolas, representadas por seu corpo de integrantes (alunos, professores, gestores e funcionários), compreendeu a experiência.

Refletimos sobre o uso das tecnologias comunicacionais pela e na escola. Como nos diz Barbero (2000), a escola se constitui como um espaço decisivo de acesso às novas formas de conhecimento. Porém, isso só será possível numa escola que transforme seu modelo e sua práxis de comunicação, isto é, que faça a passagem de um modelo centralizado na seqüência linear para um outro, descentralizado e plural, cuja chave é o “encontro” do palimpsesto e do hipertexto. Entendo por palimpsesto esse texto no qual um passado apagado emerge tenazmente, ainda que sem foco, nas entrelinhas que escrevem o presente. E por

hipertexto, uma escritura não seqüencial, montagem de conexões e redes que, ao permitir/exigir uma multiplicidade de caminhos, transforma a leitura e a escrita (LANDOW *apud* BARBERO, 2000).

Pensar na revalorização cognitiva da imagem é também pensar na revalorização do contar, da experiência de narrar. Benjamin já nos alertou para a importância do contar. Trazemos, para o espaço deste texto, a história da professora Inês Barbosa de Oliveira (2002), que propôs a seus alunos de Pedagogia, um exercício diferente. A atividade criada por ela procurou evidenciar o quanto colocamos de nós, de nossas histórias e trajetórias, nas formas pelas quais nos apropriamos de recursos tecnológicos. O exercício proposto foi de escrever um relato pessoal sobre o uso que faziam do caderno escolar, entendido como uma novidade tecnológica. As narrativas criadas, como relatou a professora, demonstraram não apenas a criatividade dos alunos, mas trouxeram marcas de suas histórias de vida e de suas relações com o ato de aprender.

“O destaque das possibilidades cognitivas da imagem nos confirma que a compreensão da estrutura comunicativa da sociedade se encontra ligada à aceitação de transformações profundas nas condições do saber” (LYOTARD *apud* BARBERO 2000, p.105). O estudo dos meios valoriza a subjetividade e propõe um sentido contrário ao da objetividade subjacente às compartimentadas formas de ensinar por disciplinas na escola.

Discutir as relações entre professores e alunos na escola, provocativamente, mediadas pela presença da câmera de vídeo nas mãos de um aluno, encaminha-nos a perceber como a comunicação acontece ou não acontece na escola.

Outra questão colocada são as relações de aprendizagem criadas a partir da experiência do aluno e do professor com as tecnologias. Dois seres humanos que

nasceram em épocas diferentes e que, portanto, encontraram mundos tecnológicos diferentes. Ao se encontrarem no espaço escolar, demonstram maior ou menor familiaridade com as tecnologias de seu tempo.

A classificação proposta pela antropóloga Margareth Mead indica-nos uma forma de entender os *destempos* culturais. Num modelo cultural pré-figurativo, os pares substituem os pais, promovendo uma ruptura entre gerações. Entendemos que, para discutir a aprendizagem de novas linguagens na escola, o diálogo efetivo entre as gerações, de professores e de alunos, é enriquecedor. Entretanto, cabe-nos também considerar a importância da experiência e da mediação do professor na relação de aprendizagem. Como afirma Perrenoud (2003, p.12), “a mediação dos professores continua a ser essencial para seguir as pistas traçadas pela nova pedagogia e pelas pesquisas sobre a relação entre o saber e a construção do sentido”.

Geneviève Jacquinet aponta uma convergência dos campos da educação e da comunicação para adotar como paradigma a “mediação” e abolir de vez a concepção de “transmissão” na construção de conhecimentos em nossa sociedade,

Donde, finalmente, temos uma reavaliação completa do que é o conhecimento e da maneira como é produzido: os aprendizes adquirem idéias e conhecimentos através de um processo de reflexão e de investigação. Ao paradigma de transmissão de conhecimentos sucede um modelo interpretativo que não tenho medo de chamar de político: a educação para os meios é uma introdução à democracia (JACQUINOT, 1998, ⁴²).

Retomamos a discussão das interfaces entre os campos da Educação e da Comunicação destacando aspectos centrais de cada um desses campos: a

⁴² Documento eletrônico sem numeração de página.

mediação e o *processo*. Podemos dizer então, como demonstra Edson Garcia (1998), que é possível pensar *em mediações comunicacionais em educação e processos educacionais em comunicação*. Nessa perspectiva, a escola poderá buscar novos usos para as tecnologias comunicacionais de que dispõe e repensar a inserção do vídeo e de outras linguagens como forma de expressão e produção de conhecimento. Fernando nos apresenta sua opinião sobre o assunto;

Eu acredito no seguinte: tudo que é uma inovação no sentido bom para melhorar a parte pedagógica da escola (...) é interessante porque a escola é muito cansativa para os alunos, tá ficando cansativa para nós também. Com recursos parcos, míseros, eu diria, míseros principalmente recursos didáticos (...) Acho que nós também na Educação, nós estamos muito sem perspectiva de melhoria, né? A gente tá vendo que o aluno também tem pouca esperança com a Educação, ele não tá vendo onde ele vai chegar ele não tá vendo essa perspectiva. E nós não estamos conseguindo mostrar para ele também. Eu digo isso há muito, há muito tempo: a escola tem que ser um lugar prazeroso, e não é um lugar prazeroso. Não é lazer, não, não é lazer, não, é prazeroso, é diferente, cê vem para cá como você tivesse indo para guilhotina, aí não é legal, né? Essa busca de tornar a escola um local atraente para quem vem freqüentar, é uma busca difícil (Fernando, diretor da Escola Estadual Caminho a Luz, 2/12/2002).

Retomamos a discussão do espaço de atuação possível para projetos de pesquisa-ação em educação, como fez Costa (2002). Para a autora,

é preciso encher o mundo de histórias, histórias de sujeitos não nomeados. Histórias de pessoas e lugares que só passam a existir após instituídos pôr uma câmera de televisão, registrados por fotografias ou narrados em filmes, revistas, jornais, novelas, livros. O mundo, as vidas das pessoas, as identidades são construídos, reinventados, instituídos a cada nova história que circula (COSTA, 2002, p. 111).

O que foi produzido, as gravações de Gislene, Jennifer e Josimar, será devolvido às escolas e aos sujeitos narradores em forma de um cd-rom, com as imagens, sons, relatos e resultados de análise dessas informações. Cabe a cada uma das escolas a escolha de que uso será feito com esse material. No entanto,

entendemos que a função de disponibilizar e fazer circular essas histórias estará cumprida.

Ao final deste percurso, numa escrita-processo, voltamos ao começo, do repensar as relações entre os campos da Comunicação e Educação a partir desta investigação do universo escolar. O exercício acadêmico levou-me a refletir mais sobre o campo educacional e acrescentou à prática profissional da Comunicação novos referenciais teóricos.

Posso vislumbrar, hoje, perspectivas de aplicação do que foi estudado para a prática futura. A Associação Imagem Comunitária, organização não-governamental da qual faço parte, como dito na Introdução deste trabalho, desenvolve o projeto Rede Jovem de Cidadania⁴³. Essa rede de comunicação comunitária, que envolve jovens de Belo Horizonte, encaminha-se para atuar, no próximo ano, em parceria com nove escolas, uma em cada região administrativa da cidade. Núcleos de comunicação e expressão em mídias, como o vídeo, estarão sendo estruturados nesses espaços escolares. Uma das escolas que fez parte desta pesquisa sediará um desses núcleos.

Os campos do estudo e do trabalho, a Comunicação e Educação, a teoria e prática se misturam. Como entendemos que o apreender é dinâmico e processual, como a tessitura de uma rede, resta-nos apenas cair nessa rede...

⁴³ A Rede Jovem de Cidadania é uma rede de mídias realizadas por jovens de todas as regiões da cidade de Belo Horizonte e envolve os seguintes veículos: rádio, TV, internet, mídia impressa e agência de notícias. A proposta é promover o acesso do público jovem a tais meios para que possam expressar-se. Os participantes ocupam tais espaços mediáticos e neles promovem debates sobre as questões de seu dia-a-dia, apresentam produções artístico-culturais e dão visibilidade aos diversos projetos nas áreas de cultura e cidadania ligados ao adolescente, que tradicionalmente estão fora da pauta da mídia convencional. O projeto é realizado pela ONG Associação Imagem Comunitária (AIC), de Belo Horizonte/MG, com o patrocínio da Petrobras.

*O novo jeito de aprender, assistir ou ouvir, para
aprender a prestar atenção em você (...) ver TV
como um mundo diferente, como se fosse da
gente*

*(Lucas Pereira dos Santos, jovem integrante da
Rede Jovem de Cidadania, 2003)*

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E não pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma
vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem do desaprender.
(Alberto Caeiro)*

Bibliografia

1. ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998. 203p.
2. AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001. 304p.
3. APARICI, Roberto. Câmeras de vídeo nas escolas públicas. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v.5, n. 25 p.5-19, jan.fev. 1999.
4. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 196p.
5. _____. *Estética da Criação Verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 421p.
6. BARBERO, Jésus Martin. Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, Valter (Org.). *Batuques, fragmentações e fluxos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 83-112.
7. _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. 369p.
8. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos Escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 4-28. (Os Pensadores). a
9. _____. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos Escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 57-74. (Os Pensadores). b
10. BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001. 163p.
11. BRAZIL, Daniel. Vídeo: uso e função. In: *Boletim Vídeo Popular*, da Associação Brasileira de Vídeo Popular, São Paulo, n. 15, p. 6-7, ago./set .1992.
12. CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 141p.
13. CANÁRIO, Rui. Parar de transformar crianças e adolescentes em alunos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29, julho, 2003. Caderno Sinapse, p. 16-17.
14. CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 93p.
15. COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II*. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação, Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.93-117.
16. DAYRELL, Juarez Tarcisio. O Jovem como Sujeito Social. In: Reunião Anual da ANPED, 25., 2002, Caxambu. *Anais 2002*. Caxambu: ANPED, 2002. 13p. 1 CD-ROM.
17. ENGUITA, Mariano Fernández. *A Face Oculta da Escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 252p.

18. FILÉ, Valter. Narrativas e as Anotações. *Revista Comunicação e Comunidade*, Núcleo de Educação e Comunicação Comunitária, Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 7, p. 26-27, out. 2001.
19. _____. Linguagem Audiovisual: uma quase nova tecnologia entrando na quase velha instituição escolar sem pedir licença. In: In: FILÉ, Valter; LEITE, Márcia (Orgs.). *Subjetividades, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 129-143.
20. FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para Normatização de Publicações Técnico-Científicas*. 5.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 211 p.
21. FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 5, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>. Acesso em: 13 set. 2003.
22. FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977. 93p.
23. GARCIA, Edson Gabriel. Comunicação e Educação: campos e relações interdisciplinares. *Perfil sobre a inter-relação Comunicação/Educação no âmbito da cultura Latino Americana*. Núcleo de Comunicação e Educação, ECA/USP, São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_edison.html. Acesso em: 15 maio. 2003.
24. JACQUINOT, Geneviève. O que é um educador? O papel da comunicação na formação dos professores. Núcleo de Comunicação e Educação, ECA/USP, São Paulo, 1998. Paper. Disponível em: <http://www.artesdobrasil.com.br/genevieve.html>. Acesso em: 15 mai.2003.
25. JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994. 173p.
26. _____. Práticas culturais de leitura e construção da subjetividade. *III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural*, Unicamp, Campinas, julho, 2000. 11p. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2160.doc>. Acesso em: 8 ago.2003.
27. _____. (Org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro. Rios Ambiciosos, 2000. 203p.
28. JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996. 152p.
29. LAURITI, Nádia. Comunicação e Educação: território de Interdiscursividade. *Perfil sobre a inter-relação Comunicação/Educação no âmbito da cultura Latino Americana*. São Paulo, Núcleo de Comunicação e Educação, ECA/USP, 1998. Disponível em: http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_nadia.html. Acesso em: 15 maio. 2003.
30. LIMA, Rafaela et al. *Relatório das Oficinas na Escola Maria Mazarello 1996*. Belo Horizonte: Projeto TV Sala de Espera/ Depto. de Comunicação Social da UFMG, 1996 (a). 16 p. Mimeografado.
31. _____ et al. *Relatório de Atividades do TV Sala de Espera*. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, 1996 (b). 59p. Relatório.

32. ____ et al. *Educação e cidadania na experiência do TV Sala de Espera: propostas de uso interativo do vídeo e alfabetização audiovisual*. Belo Horizonte: Departamento de Comunicação Social da UFMG, 1996 (c). 11p. Mimeografado.
33. _____. Elementos para uma reflexão acerca da TV Comunitária. In: *Revista Comunicação e Comunidade*. Núcleo de Educação e Comunicação Comunitária, Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, ano IX, n.8, p.20-26, out. 2002.
34. MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1988. 226p.
35. _____. O vídeo e sua linguagem. In: *Boletim Vídeo Popular*, da Associação Brasileira de Vídeo Popular, São Paulo, n. 18, mar./abr. p. 5-11. 1993 (a).
36. _____. *Máquina e Imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp, 1993 (b). 313p.
37. MATUCK, Artur. *O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor*. São Paulo: ANNABLUME, ECA-USP, 1995. 305p.
38. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio, Brasília, 2000. 71p. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/semtec/ftp/Linguagens.doc>> Acesso em: 13 abr. 2003.
39. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 111p.
40. MEJÍA, Alberto Lopes. Um novo conceito de comunicação: o destinatário é o sujeito. In: *Revista Proposta: experiências em educação popular*, Rio de Janeiro, n. 43, nov.1989. p. 57-63.
41. MIRANDA, Luciana Lobo. Protagonismo Juvenil: fragmentos de um olhar. In: FILÉ, Valter (Org.). *Batuques, fragmentações e fluxos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 9-24.
42. MOTTA, Rosemary T. A preservação de materiais especiais. In: ENCONTRO NACIONAL DE MATERIAIS ESPECIAIS, 1., 1990, Belo Horizonte. *ENCO anais*. Belo Horizonte: Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1990. p.210-218.
43. NEVES, Bráulio e LIMA, Rafaela . *A TV na sala de aula - Reflexões sobre oficinas de educação midiática realizadas em escolas públicas de Belo Horizonte (1996 -1998)*. Belo Horizonte: Projeto TV Sala de Espera / Depto. de Comunicação Social da UFMG, 1998. 5f. Mimeografado.
44. OLIVEIRA, Inês Barbosa. A rebeldia do/no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores das tecnologias na tessitura da emancipação social. In: FILÉ, Valter ; LEITE, Márcia (Orgs.). *Subjetividades, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 27-42.
45. PEREIRA, Rita Ribes e JOBIM e SOUZA, Solange. O uso da imagem na pesquisa em educação: desafios contemporâneos. *_Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, 23., 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> .Acesso em: 25 fev. 2001.
46. PERRENOUD, Philippe. O futuro da escola nos pertence. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29, julho, 2003. Caderno Sinapse. p. 12.

47. _____; SALGADO, Raquel Gonçalves. Pesquisando Infância e Televisão: algumas considerações teórico-metodológicas. In: Reunião Anual da ANPED, 25., 2002, Caxambu. *Anais 2002*. Caxambu: ANPED, 2002. 1 CD-ROM.
48. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pensar é estar doente dos olhos. In: NOVAES, Aduino. (Org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras. 1988. p. 327-346.
49. RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Comunicação, Sociabilidade e mal estar na modernidade ou dos poderes da comunicação*: anotações primeiras para uma reflexão teórica. Seminário Comunicação e Sociabilidade, Departamento de Comunicação Social da UFMG, Belo Horizonte, set. 1993. 8p. Paper.
50. SANTORO, Luiz Fernando. O vídeo e nos movimentos populares. In: FESTA, Regina; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (Orgs.). *Comunicação Popular e Alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 164-170.
51. SANTOS, Eloísa Helena. O sujeito nas relações sociais e formativas. In: *Trabalho, Formação e Currículo*. São Paulo: Editora Xamã, 1998. p. 43-63.
52. SILVA, André do Eirado. O vídeo e a subjetividade: criação não é comunicação. In: JOBIM e SOUZA, Solange (Org). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. 203p.
53. SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003. 154p.
54. SOARES, Ismar. Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: *Contato*. Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, Brasília, ano 1, n. 2, p.19-73, jan./mar. 1999.
55. TARDY, Michel. *O professor e as imagens*. São Paulo: Cultrix, 1976. 123p.
56. TEIXEIRA, Inês Castro. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p.179-194.
57. VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: CANDAU, Vera (Org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*, Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.9-19.

Sites consultados:

1. <<http://www.cipo.org.br>>
2. <<http://www.aucuba.org.br>>
3. <<http://www.aic.org.br>>
4. <<http://www.cipo.org.br/escolacom sabor>>
5. <<http://geosfera.vilabol.uol.com.br/casagrande.htm>>

Anexos

Roteiro das Entrevistas

Apresentação inicial da proposta da pesquisa ao entrevistado

Questões gerais para as três escolas que integram o estudo

Professores (01 de cada escola):

1. Na sua escola e em sala de aula você faz uso da linguagem oral (aula expositiva), da leitura e da escrita como recursos no processo pedagógico? Além desses, você utiliza outros recursos? Se utiliza, quais e de que forma?
2. Você já utilizou uma câmera de vídeo em alguma atividade com seus alunos? Se já, peço que faça um relato da experiência. O que é para você usar uma câmera de vídeo na escola? O que se pode fazer com ela? Se você nunca usou, porquê? Algum de seus alunos já usou uma câmera em alguma atividade escolar? Se já, qual e como foi isso?
3. Sua escola tem uma câmera ou é possível conseguir uma emprestada para usar?
4. O que achou do(a) *nome do(a) envolvido(a)* na pesquisa gravar na escola?
5. O que acha de essa prática com o vídeo ser inserida na escola pelo aluno?
6. O que acha que esse tipo de prática com o vídeo traz para dentro da escola?
7. O que é para você contar/narrar usando o vídeo como forma de expressão no interior da escola?

Gestores (01 em cada escola)

1. Nesta escola e em sala de aula os professores e alunos fazem uso da linguagem oral (aula expositiva) da leitura e da escrita como recursos no processo pedagógico? Além desses, você utiliza outros recursos? Se utiliza, quais e de que forma?
2. A escola possui uma câmera, ou, caso não tenha, é possível conseguir uma emprestada para usar? Se possui, de que forma ela é utilizada? O que é, para você, usar uma câmera na escola? O que se pode fazer com ela? Sabe de algum aluno e/ou professor que já usou uma câmera em alguma atividade escolar? Se já, como foi isso?
3. O que achou de o(a) *nome do(a) entrevistado(a)* na pesquisa gravar na escola?
4. O que você acha de essa prática com o vídeo ser inserida na escola pelo aluno?

5. O que você acha que esse tipo de prática com o vídeo traz para dentro da escola?
6. O que é, para você, contar/narrar usando o vídeo como forma de expressão no interior da escola?

Alunos (01 de cada escola)

1. Na sua escola e na sala de aula você e seus professores fazem uso da linguagem oral (aula expositiva), da leitura e da escrita. Aqui na escola são usados outros recursos, além desses? Se utiliza, quais e de que forma?
2. Você utilizou uma câmera de vídeo em alguma atividade escolar? Se já, como foi isso? O que é, para você, usar uma câmera de vídeo na escola? O que se pode fazer com ela? Se você nunca usou, por quê? Algum de seus colegas ou professor já usou uma câmera em alguma atividade escolar? Se já, como foi isso? Sabe se sua escola tem uma câmera ou se é possível conseguir uma emprestada para usar?
3. O que você achou do(a) *nome do(a) envolvido(a)* na pesquisa gravar na escola?
4. O que você acha de essa prática com o vídeo ser inserida na escola pelo aluno?
5. O que você achou de participar dessa experiência?
6. O que você acha que esse tipo de prática com o vídeo traz para dentro da escola ?
7. O que é, para você, contar/narrar usando o vídeo como forma de expressão no interior da escola?

Entrevistados:

Escola Estadual Caminho a Luz

1. Fernando David Gomes Jardim – diretor – entrevista realizada em 02/12/2002.
2. Bruno Rodrigues – professor – entrevista realizada em 25/11/2002.
3. Marta Silva – aluna - entrevista realizada em 25/11/2002.

Escola Estadual Coronel Vicente Torres Júnior

1. Telma Caixeta de Brito – diretora – entrevista realizada em 11/03/2003.
2. Ivan Domingos – professor - entrevista realizada em 11/03/2003.
3. Tiago Wagner – aluno - entrevista realizada em 18/02/2003.

Escola Municipal Israel Pinheiro

1. Sônia Carolina Ferreira – diretora - entrevista realizada em 05/12/2002.
2. Adriana Moura – professora - entrevista realizada em 12/12/2002.
3. Patrícia Marques – aluna - entrevista realizada em 05/12/2002.

Dados das Escolas

Escola Estadual Coronel Vicente Torres Junior

Localização/Endereço: Rua Leopoldo Gomes, 1302 – Vera Cruz

Cep: 30285310

Nome da atual diretor(a): Telma Caixeta de Brito

Vice-diretora: Lenir Cunha Macêdo

Superintendência Regional : Metropolitana A

Número total de alunos: 1047

Séries atendidas: Ensino Fundamental - (1ª a 8ª série)

Turnos: Manhã e Tarde

Escola Estadual Caminho a Luz

Localização/Endereço: Rua Cravinas,537 – Bairro Esplanada

Cep: 30280170

Nome do atual diretor: Fernando David Gomes Jardim

Superintendência Regional: Metropolitana B

Número total de alunos: 1019

Séries atendidas: 5ª a 8ª série e Ensino Médio

Turnos: Manhã, Tarde, Noite

Escola Municipal Israel Pinheiro

Localização/Endereço: Rua Desembargador Bráulio, 1147 – Alto Vera Cruz

Cep: 30285170

Nome do atual diretor: José Eduardo

Diretoria Regional a que está vinculada: Diretoria Regional de Educação Regional Leste – Secretaria Municipal de Educação

Número total de alunos: 1542

Séries atendidas: Ensino Fundamental - 1º ciclo (1ª a 4ª série) e 2º ciclo (5ª a 8ª série) e Educação de Jovens e Adultos R (1ª a 8ª)

Turnos: Manhã, Tarde e Noite

Fontes:

Informações fornecidas pela direção das Escolas e dados cadastrais disponíveis em:

< <http://www.educacao.mg.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2003.>

Mapa da Região Leste de Belo Horizonte

Localização das Escolas

